



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

O jogo dos que não jogam: a arbitragem amadora de futebol em
São Sebastião

Túlio Lourenço do Amaral

2014

BRASÍLIA

2014

TÚLIO LOURENÇO DO AMARAL

O jogo dos que não jogam: a arbitragem amadora de futebol em São Sebastião

Monografia apresentada junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Emanuel Sautchuk – DAN/UnB

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Aldo Antônio de Azevedo – FEF/UnB

Prof. Dr. Wilson Trajano Filho – DAN/UnB

AGRADECIMENTOS

Aos árbitros de São Sebastião, que me acolheram de modo tão caloroso e hospitaleiro. Sem a cooperação deles, esse trabalho não existiria. Um agradecimento especial para Hermes Ferreira, que topou ser meu principal interlocutor ao longo da pesquisa, e também para Chá, Edvar, Manoel, Adailton, Bingola, Galego, Boca e Dal.

Ao professor Carlos Sautchuk, que me orientou com muita atenção, dedicação e primor.

À minha mãe Simone, por tudo e por ter me apresentado o *Veneno remédio*.

Ao meu pai Wellington, pelo apoio de sempre.

À minha irmã Sofia, pela fonte inesgotável de alegria e amor.

À minha avó Sydnea, por ter compreendido minhas ausências nos almoços de domingo.

À Mariana Reis, pelo companheirismo e compreensão ao longo dessa jornada.

À Elza, pela proteção e conselhos.

Aos meus amigos Rodrigo Dalé, Augusto Fontes e Nicolas Santanna, por perpetuarem até hoje as peladas dos recreios do INDI.

Aos meus amigos de curso que fizeram parte dessa fase que o presente trabalho coroa. Um agradecimento especial para Luciana Jatobá, Gabriel Melo, Daniel Damasco, Bárbara Aquino, Irma Corado, Júlia Vilhena, João Pimenta da Veiga e Lucas Marques. E também para Lucas Chieregatti, por compartilhar da incansável busca pela glória – finalmente alcançada! – comum aos torcedores do Galo.

Aos “jegues” de Floripa: Caio Mendonça, Ítalo Mendonça, Matheus Mirandoli e Gustavo Mirandoli, pela overdose de futebol nos verões catarinenses.

Outra coisa é, pessoalmente e sob fogo cerrado, dirigir a luta enquanto se está envolto na fumaça escura dos disparos. O mesmo se dá em relação a outras situações emergenciais que envolvam considerações tanto práticas quanto morais, e quando é imperativo agir imediatamente. Quanto maior o nevoeiro tanto maiores são os perigos enfrentados pelo barco e maior a sua velocidade, apesar do risco de chocar-se com outro. Os tranquilos jogadores de cartas nos camarotes mal imaginam as responsabilidades do homem insone que vigia o caminho.

Herman Melville

RESUMO

Este trabalho é um estudo etnográfico sobre a arbitragem amadora de futebol da cidade de São Sebastião-DF. Procurou-se observar e analisar o modo de relação com esse esporte que os árbitros amadores travam e a importância do ofício da arbitragem para eles. Para tal compreensão, foi fundamental a ideia de que os árbitros também jogam um jogo e formam um time. Fora de campo, sempre se agregam em grupo e debatem sobre o campeonato e suas atuações nele. Também travam uma disputa para serem escalados nos jogos mais importantes. Dentro de campo, eles devem saber conduzir a partida de modo a não perder sua autoridade, o que implica ser capaz de manejar as regras visando não somente o andamento do jogo, mas também a sua posição dentro dele. Em verdade, essas duas dimensões estão imbricadas. Essas observações nos fazem enxergar um envolvimento com o esporte não menos intenso que o experienciado por jogadores e torcedores. Além disso, os árbitros que atuam no campeonato amador de São Sebastião, evento de fundamental importância para a vida social do local, obtém reconhecimento e prestígio singulares entre os habitantes da cidade.

Palavras-chave: arbitragem amadora; futebol amador; São Sebastião; antropologia do esporte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1º CAPÍTULO – A Liga Amadora Desportiva de São Sebastião	12
O futebol em São Sebastião e a força mobilizadora do futebol amador.....	12
Um pouco mais da bibliografia sobre futebol e arbitragem.....	16
O sintético e os terrões, a influência destes sobre a arbitragem.....	21
Os participantes do espetáculo.....	22
Casos das companheiras dos árbitros.....	24
Os árbitros fora de campo.....	24
O campeonato.....	25
Os times.....	26
Os times tradicionais e a arbitragem.....	28
Considerações finais.....	30
2º CAPÍTULO – Entre reconhecimento e disputas: o grupo dos árbitros.....	31
O futebol visto pelo viés da arbitragem.....	31
O grupo de arbitragem de São Sebastião e sua situação sócioeconômica.....	32
Domingo, dia de trabalho.....	34
Árbitros enquanto time.....	39
Os apelidos: proximidade e ofensa jocosa.....	40
Encontros no fim do dia: o momento da expiação.....	43
A fase de mata-mata: encarando e esquivando-se de desafios.....	47
O campeonato que os árbitros travam entre si.....	50
A cumplicidade e a exaltação da coragem na fase de mata-mata.....	54
Considerações finais.....	55
3º CAPÍTULO – A teoria e a prática da arbitragem de futebol amador.....	57
O envolvimento da arbitragem com o jogo.....	57
O jogo dos que não jogam: a singularidade dos interesses e do papel da arbitragem amadora em campo.....	58
O fator compensador.....	62
A proibição da agressão e a dificuldade de sua marcação.....	65
A importância da postura da arbitragem em campo.....	67
A condição solitária da arbitragem.....	69
A questão da segurança na arbitragem amadora.....	72

A sintonia do trio de arbitragem.....	74
A estratégia da ofensa.....	76
Conhecer e ser conhecido na cidade.....	80
Considerações finais.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXOS.....	88
ANEXO 1– QUESTIONÁRIO.....	89
ANEXO 2 – DADOS TABULADOS	92
ANEXO 3 – CADERNO DE FOTOS.....	96

INTRODUÇÃO

A arbitragem amadora de futebol da Liga Amadora Desportiva de São Sebastião (LADSS) é o tema deste trabalho. A pesquisa foi empreendida visando alguns objetivos. Primeiramente, trata-se de uma análise que quer conhecer a realidade local de São Sebastião – região administrativa do Distrito Federal – em seus dias de domingo, quando ocorrem os jogos do campeonato adulto masculino da LADSS. Isto será feito na maioria das vezes com o foco na participação e interação dos árbitros nesse ambiente, observando a maneira como desfrutam do que está à sua volta, o relacionamento que travam com as pessoas e mais especificamente a interação existente entre os próprios árbitros ao longo do campeonato.

Em segundo lugar, esforcei-me ao longo do trabalho de campo em tentar compreender as especificidades do ofício da arbitragem amadora, tanto do árbitro quanto dos assistentes. Desse modo, encontrar-se-ão aqui descrições e observações da maneira como o árbitro amador se porta em campo, enxerga e conduz a partida, comunica-se com os jogadores, técnicos, torcedores. A visão e opinião dos jogadores, técnicos e torcedores a respeito da arbitragem também foram atentamente observadas para que compusessem o quadro de descrição da arbitragem amadora.

Por fim, pretendo contribuir para uma reflexão acerca da figura do árbitro de futebol em geral. Foquei especificamente no árbitro amador, que tem suas idiossincrasias, mas procuro fazer com que, ao falar desse sujeito, esteja ao mesmo tempo tocando em aspectos relevantes para uma investigação a respeito do árbitro de futebol em geral, sua importância e participação em uma partida, um campeonato; a necessidade de sua presença em um jogo; as contradições e imponderáveis a que ele e os jogadores (e os técnicos, os torcedores) estão expostos com a sua existência; as características que ele impõe a um jogo; o modo como ele vê a partida, insere-se nela e a sente, porta-se dentro dela; a relação que é travada entre ele e as outras pessoas no momento do jogo.

São diversos os aspectos que podem ser abordados e explorados a respeito da arbitragem de futebol. O caminho escolhido nesse trabalho foi investigar os modos como o árbitro impõe sua autoridade dentro de campo, dimensão essencial no seu ofício. O árbitro está a todo o momento correndo o risco de perder essa autoridade, e se isso acontece será prejudicial tanto para ele quanto para a partida. A arbitragem deve não só se preocupar em aplicar bem as regras, mas também garantir que a sua própria

imagem esteja sendo preservada. Tais necessidades trazem ambiguidades e complexidades para a partida. Espero que, ao explorar essa dimensão do trabalho da arbitragem de futebol, essa pesquisa esteja contribuindo para expandir as compreensões a respeito da figura do árbitro e seus assistentes, da sua participação nesse jogo tão difundido pelo Brasil e pelo mundo.

A divisão de capítulos foi feita da seguinte forma. No primeiro capítulo faço uma contextualização da minha etnografia. Apresento o campeonato amador de futebol de São Sebastião, a importância dele para a cidade, o envolvimento dos participantes e dos torcedores nos jogos, a socialização em torno de campo, as características dos campos, a organização do campeonato. Procuro também fazer essa contextualização já inserindo a presença do árbitro no ambiente e demonstrando como ele participa do que ocorre na cidade.

É também nesse capítulo que discorro a respeito da literatura antropológica que reflete sobre o futebol enquanto fenômeno contemporâneo. Apresento algo do que já foi dito sobre a posição singular que o futebol ocupa entre os esportes modernos, a popularidade que ele obtém por não ser completamente adaptado à lógica de produção e de meritocracia que se instaura na modernidade e nos esportes dessa nova era. Também exponho o que essa literatura já produziu a respeito do meu personagem, o árbitro. É com tal literatura que o presente trabalho pretende dialogar e, ao focar a arbitragem, o que ela representa para o jogo e a relação desta com o futebol, contribuir com a descoberta de dimensões desse esporte e do modo de experienciá-lo até então despercebidas pela antropologia.

O segundo capítulo é uma apresentação mais detalhada dos árbitros de São Sebastião. Indico sua condição sócioeconômica e a importância da arbitragem para eles, tanto financeiramente quanto como realização pessoal e conquista de prestígio. A ideia principal do capítulo é mostrar como os árbitros formam um time, que atua no campeonato de um modo singular e diferente, mas que não deixa de usufruí-lo à maneira de um competidor. Além disso, os árbitros também travam um campeonato entre si, em que disputam para serem escalados nos jogos mais importantes.

O terceiro capítulo é uma análise da atuação da arbitragem amadora dentro das quatro linhas. O árbitro e seus assistentes, a princípio atores que não estão em campo para jogar, jogam com efeito um jogo próprio. A arbitragem tem para com a partida uma relação ambígua, pois que ao mesmo que tempo precisa dela para apresentar seu trabalho e demonstrar seu valor, sabe que ela a todo momento apresenta perigos para

seu trabalho. É nessa corda bamba que a arbitragem deve estar sempre preocupada com não somente aplicar as regras, como também manter sua autoridade em campo. Estudo então as estratégias que a arbitragem coloca em prática para conduzir uma partida tendo esses objetivos em mente.

Neste capítulo foram essenciais as ideias de Goffman e seu estudo sobre as interações face a face. Utilizei os conceitos deste sociólogo como chave analítica para descrever a interação que se dá dentro de campo entre, de um lado, o trio de arbitragem e, de outro, jogadores, técnicos e torcedores.

...

Foi somente após alguns contatos com árbitros de cidades do Distrito Federal que firmei minha pesquisa em São Sebastião. Eu tinha a intenção de acompanhar, ao longo de toda a sua duração, um campeonato amador de futebol que ocorresse em alguma dessas cidades. Aventurei como possibilidades Paranoá, Planaltina, Sobradinho, São Sebastião. Eram cidades que correspondiam ao que eu planejava como objeto de pesquisa e não são muito distantes de onde moro.

A primeira tentativa foi no Paranoá. O professor Carlos Sautchuk, meu orientador, me passou o telefone do Sérgio Santos, presidente da Liga amadora do local e ex-árbitro CBF, que então me recebeu no que posso considerar minha primeira ida a campo. Porém o campeonato já estava no fim. Assisti aos dois jogos de volta das semifinais, que ocorreram em um domingo de manhã, ambos no mesmo campo. Pude vislumbrar a realidade na qual eu me inseriria ao longo de um semestre, e também comecei a fazer tímidas observações e anotações de campo. Contudo, acabei não retornando para assistir à final e a pesquisa no Paranoá não seguiu adiante.

Outra experiência inicial foi ir em um domingo à tarde a Sobradinho, quando ocorriam jogos da fase final de uma Copa amadora no campo sintético. Carlos me passou o contato do árbitro Francisco Trajano. Falei com ele, que não estaria no dia, mas me passou os nomes dos árbitros que apitariam e disse que eles poderiam me receber. Travei contato com eles no início e cheguei até a conhecer uma figura famosa da arbitragem de Brasília, o Pantera. Porém, não sei se por conta de uma briga que houve entre um assistente e um torcedor, cada um de um lado do alambrado, os árbitros não saíram de dentro do campo, que ficou trancado mesmo nos intervalos dos e entre os jogos.

Embora essas duas primeiras idas a campo tenham sido apenas o preâmbulo de uma pesquisa de campo realizada alhures, já foi possível extrair dali alguns elementos de reflexão e observação que serão aproveitados neste trabalho.

Finalmente, no final de março de 2013, comecei a ir para São Sebastião e acompanhar o campeonato local desde a sua primeira rodada. O contato agora era Hermes Ferreira, árbitro e vice-presidente da Liga, que seria meu principal interlocutor ao longo de toda a pesquisa.

Após as primeiras adaptações e estabelecimento de relações, firmei minha rotina dominical em São Sebastião. Durante todos os domingos em que houve jogos do campeonato, dirigi-me à cidade para observar o evento. Permanecia no local desde o primeiro jogo do dia até o último, observando os jogos e conversando com os árbitros. Foi desse contato intenso com a cidade, o futebol e os árbitros que surgiu o trabalho a seguir.

1º CAPÍTULO

A Liga Amadora Desportiva de São Sebastião

O futebol em São Sebastião e a força mobilizadora do futebol amador

Chega-se a São Sebastião através de uma estrada que desce uma encosta, perpassa a cidade e continua depois dela, agora subindo outra encosta. A cidade se estende nesse vale.

Ao atingir a cidade, a estrada passa a ser sua avenida principal, e a partir dela podemos seguir para os cinco campos de futebol onde ocorrem os jogos da Liga Amadora Desportiva de São Sebastião. Obviamente que muitas das pessoas que participam ou acompanham o campeonato não percorrem esse trajeto, pois, como são habitantes da cidade, o caminho de suas casas para o campo de futebol – que é feito a pé, de bicicleta, moto, carro, carona – é diferente.

Porém, não fui eu o único que ao longo do 1º campeonato de 2013 ia aos campos passando pela estrada e avenida principal, ainda que fosse talvez o único que viesse do Plano Piloto. Perguntei certa vez ao Hermes se era comum eles terem jogadores do Plano Piloto nos times de São Sebastião. Ele disse que não, que não se lembrava de nenhum. Mas o fato é que abundam jogadores que moram nas outras cidades do Distrito Federal.

Hermes sempre me apontava – quando assistíamos a um jogo ou quando ele era assistente e conversava comigo na beira do campo – os jogadores que vinham, por exemplo, do Paranoá, Planaltina, Samambaia, Sobradinho para jogar em São Sebastião. Principalmente na primeira divisão, há times que possuem mais jogadores de fora do que de São Sebastião. Muitos jogadores vão até a cidade de ônibus e devem sair de casa muito cedo quando o jogo é às nove horas. Hermes se sentia orgulhoso quando mostrava, através dessa enumeração de jogadores de outras cidades, como a Liga de São Sebastião é referência no Distrito Federal.

Não apenas jogadores vem de fora para participar da LADSS, mas vários árbitros também o fazem. Em vários domingos aparecem árbitros diferentes na cidade, ainda que haja os que apitam em São Sebastião com mais regularidade.

A força mobilizadora do futebol amador é imensa. Hermes já me disse que é por isso que o GDF está investindo forte nele, mais até do que no futebol profissional. Mauro Myskiw, em sua tese de doutorado “Nas controvérsias da várzea”, estuda o futebol de várzea da cidade de Porto Alegre. Ele logo percebeu que “se quisesse estudar

a várzea, teria que pensá-lo em fazer em **circulação**” (Myskiw, 2012, p. 20) (grifos do autor), ou seja, deslocar-se pelos “distintos espaços-tempos da cidade” (Idem, p. 21) onde ocorrem os diversos jogos do circuito varzeano. Isso porque é nessa circulação que “as pessoas, os lugares, os tempos e os rituais” (Idem, p. 392) entram em relação e tanto se configuram “como um espaço singular, dotado de lógicas imanentes próprias e uma autonomia relativa”, quanto imbricam “(dialogicamente) o futebol com as trajetórias, as dinâmicas, os compromissos e os dramas cotidianos das pessoas e das instituições na sua vida urbana” (Idem, *ibidem*).

Como esbocei acima, no futebol amador praticado em São Sebastião também podemos perceber essa circulação, principalmente entre as cidades das regiões mais periféricas. Como meu foco etnográfico era a arbitragem da LADSS e suas relações dentro e fora de campo, não pesquisei a fundo essa conexão entre as diversas cidades do Distrito Federal. Apenas me sirvo dela para apresentar a dimensão que o futebol amador toma na cidade de São Sebastião. Mas é possível compreender melhor tal dimensão – passo indispensável para contextualizar esse trabalho e podermos passar ao capítulo seguinte, em que começo a falar mais diretamente a respeito dos árbitros – através da relação que a própria cidade trava com o campeonato local.

Todo domingo de manhã, quando estava me aproximando de São Sebastião para mais um dia de campo, sintonizava o som do carro na rádio local, 98.1 FM. Estava sempre sendo transmitido um programa religioso realizado por mulheres, em que rezavam, liam a Bíblia, faziam discursos sobre vários aspectos da vida, atendiam a ligações de mulheres que tanto discursavam o que queriam quanto demandavam conselhos.

Escutava o programa até chegar ao campo onde sabia que Hermes estaria atuando. Desligava o som e me inseria naquele contexto agora majoritariamente masculino, ou melhor, inseria-me no programa de domingo dos homens de São Sebastião.

Não que as mulheres não estejam presentes nesse ambiente, muitas vão assistir aos jogos, acompanhar seus maridos e namorados, bem como torcer. Por sinal, foi a esposa do Hermes, Betinha, quem primeiro me explicitou a importância do futebol amador para a cidade de São Sebastião. Quando a conheci contei-lhe o que estava fazendo ali e ela me disse que gostava muito de futebol e “disso aqui”, ou seja, o que o futebol suscita na cidade. É dona de um time da segunda divisão, o Nova Geração. Torce muito, grita, xinga nos jogos do seu time.

Disse também que o pessoal do esporte todo se conhece, ela conhece todo mundo, São Sebastião inteira se envolve com aquilo. *No domingo é só isso que eles tem*, então “o povo vai todo ver”, mesmo os que não vão jogar. Disse que eu preciso ver como é na final, “é uma loucura”, muita gente, a torcida é muito forte. Falou, por fim, que *no domingo de manhã costuma ir à missa e depois acompanhar o jogo do seu time*.

Seja para homens ou para mulheres, o fato é que são esses os dois programas dos quais mais ouvi a população de São Sebastião falar e participar: o ritual religioso e o futebol amador – e este está diretamente conectado com outro espaço significativo na cidade, os bares.

Um amigo dos árbitros que costuma ficar junto deles na fase final do campeonato já me falou como a cidade fica triste e vazia sem futebol. Hermes também já me disse como a única atração do fim de semana são os jogos. E eu mesmo fui certa vez a São Sebastião sem que estivesse havendo jogos e percebi como os campos vazios influenciam na rotina da cidade, deixando esta menos movimentada.

Também já ouvi um discurso mais pedagógico a respeito do campeonato. Elizeu Cristino, o presidente da LADSS, me disse certa vez como o esporte na cidade é importante para que os jovens tenham ocupação, tenham a possibilidade de fazer o que gostam e se envolver em uma atividade ao mesmo tempo prazerosa e educativa. Isso contribui, disse ele, para evitar que os jovens se envolvam com drogas e crimes. Expressou-me sua satisfação em realizar um trabalho que cumpra tais funções.

A respeito da prática de crimes pelos jogadores, Hermes me contou o caso de vários deles com passagem pela polícia, e que alguns frequentemente vão presos. Perguntei se esses também criavam muito problema com a arbitragem. Ele disse que até que não, que eles na verdade respeitam bastante os árbitros dali. Até porque, Hermes argumentou, eles não tem mais nada para fazer no domingo, por isso eles não arranjam problema, para não serem suspensos e assim não poderem jogar.

Falou que de fato o problema maior dos jogadores é entre eles, não apenas entre os jogadores, mas com todos ligados aos times: técnicos, donos de time. Os problemas maiores não são com os árbitros.

A antropóloga Simoni Lahud Guedes possui diversos ensaios que explicitam a importância que o futebol toma em bairros de trabalhadores. Ela fez trabalhos de campo em vários deles no Rio de Janeiro e desenvolve estudos que tangem diversos aspectos do esporte nesses bairros, como as *escolinhas* de futebol, a reapropriação do espaço urbano pelos trabalhadores, as perspectivas de vida que se almejam através do futebol.

Guedes mostra como desde criança os meninos vão, pelo futebol, aprendendo um modo de ser homem. As *escolinhas* possuem papel fundamental nesse aspecto, pois são “uma das formas através das quais os jovens são introduzidos e socializados neste saber mais amplo que fornece, inclusive, as bases de uma linguagem comum e temáticas que atravessam as classes sociais” (Guedes, 1998, p.121).

Em São Sebastião há as categorias de base que fazem a introdução dos jovens nesse mundo adulto masculino. Além disso, é comum ouvir um adulto falando para um jovem, quando assistem a um jogo: “Daqui a pouco é você!”. Crianças também beiram o campo, ficam jogando bola em volta dele, às vezes até com a bola reserva do jogo.

O futebol se torna promessa para muitos. Guedes também explora os sonhos, as oportunidades e as frustrações dos trabalhadores em relação ao futebol. Mas no momento o que nos interessa mais é toda a rede de relações que o esporte tece nos bairros de trabalhadores.

O tempo do futebol é o tempo do não-trabalho. São clássicos os estudos de Norbert Elias a respeito desse tempo dedicado ao lazer e sua função nas sociedades modernas. Para Elias, o momento de lazer é preenchido por atividades que dão vazão à emoção humana cada vez mais tolhida pelas instituições públicas. O esporte é uma dessas atividades de lazer – principalmente quando praticado amadoramente. Oferece, através de uma batalha ritualizada, a possibilidade de alcançar essa excitação ausente nas outras esferas da vida pública.

Muitas críticas foram feitas sobre o evolucionismo das ideias de Elias, que sugerem que as sociedades modernas impõem um autocontrole das emoções maior que o existente na outras sociedades. Guedes, por sua vez, aponta que a crítica maior a ser feita é outra, pois argumenta que Elias não enxerga aspectos do momento de lazer que vão além do mero *quest for excitement*. O sociólogo alemão ignora os

sentidos e significados de muitas práticas esportivas que, como demonstram os diversos trabalhos antropológicos que já se acumulam, são produtoras, em muitos casos, de emoções específicas, as quais, ao contrário, transbordam do campo esportivo para outros tempos e espaços. (Guedes, 2010, p. 441).

Sobretudo nos bairros de trabalhadores, onde os moradores não veem no trabalho uma fonte grande de realização pessoal e profissional, o futebol ganha dimensões que ultrapassam o próprio jogo.

Curiosamente, os aspectos internos do futebol, ou seja, o que se passa dentro de campo, muitas vezes são deixados de lado em estudos sociológicos e antropológicos do assunto. Para que se possa compreender todo o fenômeno e a disseminação do futebol pelo mundo, é essencial que se observe o que se passa dentro de campo. Há alguma bibliografia, sobre a qual discorro a seguir, que dá conta dos aspectos do futebol tanto de dentro quanto de fora do campo. Esta própria monografia dedica parte significativa ao que se passa entre as quatro linhas, com o foco no trabalho da arbitragem.

No entanto, nesse capítulo pretendo ressaltar a socialização que se faz ao redor do jogo, para entender a importância que o futebol tem para a cidade e poder introduzir a arbitragem nesse contexto.

Ainda na linha de Guedes, podemos ver como toda a organização de um campeonato produz relações. Os moradores dos bairros trabalhadores reinventam o espaço público que lhes é acessível e, dessa forma, “interpretam e redimensionam, dentro dos estreitos limites possíveis, suas condições de existência” (Guedes, 1998, p. 82). O esporte também é uma atividade difundida nesses bairros por haver uma valorização do corpo masculino e de um saber prático.

Um pouco mais da bibliografia sobre futebol e arbitragem

A difusão do futebol pelo Brasil, não apenas pelos bairros populares, também é um fenômeno que já há algum tempo desponta como objeto de interesse antropológico. Este próprio trabalho também pretende se incluir entre a literatura que reflete a respeito do futebol, embora com o enfoque mais específico, a arbitragem.

Foi “Universo do futebol”, livro organizado por Roberto DaMatta, que fundou no Brasil a tradição da antropologia do futebol. O livro contém um ensaio do próprio DaMatta, juntamente com um da já citada Guedes, outro de Luiz Felipe Baêta Neves Flores e um de Arno Vogel.

As ideias de DaMatta são hoje revistas e debatidas, no entanto são essenciais para a inclusão dos antropólogos no grupo que Toledo denomina *especialistas*, grupo que era majoritariamente composto por jornalistas. O prestígio de que o futebol gozava em meios mais intelectualizados era em grande parte devido às crônicas esportivas, como as de Nelson Rodrigues.

Por sinal, DaMatta também escreveu crônicas esportivas onde figuram muitas de suas reflexões desenvolvidas em ensaios mais elaborados. Várias delas estão presentes em seu livro “A bola corre mais que os homens”. A respeito das razões da disseminação

do futebol pelo Brasil e pelo mundo, as ideias de DaMatta encontram eco – sem excluir diferenças – em vários outros autores, como Bromberger, 1998, 2006; Ramos, 2007; Toledo, 2000[a], 2000[b], 2008; Wisnik, 2008. É muito devido à maneira como o futebol é estruturado e regulamentado que ele goza de popularidade. Ele é ao mesmo tempo uma atividade lúdica adaptada às leis modernas, porém, dentre todos os esportes existentes hoje, o menos afeito a essas regras e o mais aberto a interpretações, emoções e imperfeições. Em virtude disso, o ser humano, ao contemplar uma partida, ou ao participar dela, experiencia sensações que podem ser comparadas às que está exposto ao longo de sua vida.

As várias características que dão ao futebol esse estatuto de esporte dúbio foram sintetizadas por Nuno Ramos em artigo. Cito algumas: extensão ampla do campo, que cria “zonas de dispersão”. Joga-se com os pés, o que dá uma imperfeição maior ao jogo. Já os defensores da meta utilizam as mãos, dificultando ainda mais a pontuação. Aparato simbólico reduzido, com regras muito simples e mínimas. O tempo do jogo é o mesmo do relógio (não há interrupções). Exposição às intempéries. Todos os tipos físicos tem espaço no jogo. Não há grandes interpretações pelos juízes (no sentido de que ele não tem que se justificar fundamentando-se em inúmeras regras complexas; entretanto a complexidade do jogo dificulta imensamente a aplicação das regras). O técnico dispõe de pouquíssimos recursos para intervenção. Há algo contínuo que atravessa o jogo, “não somos a todo momento expulsos de volta às regras (o impedimento talvez seja a excessão), não nos *protegemos* do jogo pela presença reiterada de suas regras” (Ramos, 2007, p. 248). O contínuo do jogo só é rompido violentamente pelo gol. Há uma gama enorme de possibilidades. E pela impossibilidade de reter a bola com os pés – logo, de protegê-la do adversário – a posse de bola se alterna constantemente, como também o ataque e a defesa – nos irregulares e escorregadios campos de terra em que são jogados os jogos de São Sebastião essa característica se torna ainda mais marcante. Erro e concentração se complementam no caminho do gol, que muitas vezes parece surgir por acaso, algo único do futebol. A verdade é que apenas uma mínima parcela do que se abre como possibilidade, como realizável, é realmente cumprida, e todo jogo quando chega ao termo nos traz a sensação de que poderia ter sido outro (ou muitos outros) – o que leva a discussões e expiações. Por fim e por tudo isso, “o objetivo maior do jogo (gol) é de certa forma elidido por sua própria estrutura” (Idem, p. 250).

Luiz Toledo demonstra como as regras “não determinam ou instruem totalmente as maneiras de jogar” (Toledo, 2000[a], p. 71)”, permitindo que se criem *formas* diversas de jogar uma partida, como o 2-3-5, o 3-2-5, o 4-2-4, o 4-6-0, o 3-5-2. À medida em que essas formas vão sendo adotadas e rendendo resultados a determinados times ou seleções, tornam-se *formas-representações*, o que nas expressões nativas recebem o nome de “‘jogar à brasileira’, ‘futebol-arte’, ‘escola carioca’, ‘estilo Luxemburgo’ (Idem, p. 40). Disseminam-se pelos países, estados, cidades, bairros, *formas* de jogar que passam a fazer parte da cultura de um grupo e se tornam uma marca identitária.

Uma das ideias fundamentais de DaMatta é que foi através do futebol que o brasileiro se deparou pela primeira vez com regras universais e igualitárias e aprendeu a respeitá-las. O antropólogo credita a essa potência igualitária do futebol boa parte de sua disseminação pelo país, que via nesse esporte a possibilidade de realização de uma igualdade inexistente nas outras esferas da vida pública.

Toledo, em seu artigo “Jogo livre: analogias em torno das 17 regras do futebol”, critica essa concepção damattiana ao fazer uma análise das regras do futebol à luz da teoria estruturalista de Lévi-Strauss. Toledo mostra que dentro das próprias regras há uma dicotomia entre “regras frias” e “regras quentes”¹, aquelas primando por uma permanência do jogo enquanto experiência lúdica aberta ao acaso e infensa à lógica de produtividade, e as últimas introduzindo a historicidade e competitividade no jogo.

Para encerrar essa seção, é interessante expor algo do que essa bibliografia já tratou a respeito do nosso personagem, o árbitro. Algumas das ideias apresentadas a seguir serão retomadas nos capítulos seguintes.

Wisnik (2008) cita um artigo de Sérgio Coelho de Sampaio em que este nos mostra que o futebol não tem lógica, mas sim *lógicas* que atuam concomitantemente. Seriam quatro. Primeiramente têm-se a “lógica clássica”, a lógica do regulamento que pretende afimar categoricamente a realidade de uma situação, dizer sem litigiosidade se uma situação existe ou não, se a falta ocorreu ou não, se o gol foi válido ou não foi. Não há outra possibilidade, não há um “terceiro excluído”.

Para que essa lógica abstrata possa se presentificar dentro do jogo, ela necessita se encarnar em uma figura concreta: o árbitro. Têm-se então a “lógica transcendental”.

¹ Analogia aos conceitos de Lévi-Strauss “sociedades frias” – aquelas que desejam “tornar tão permanentes quanto possível os estados que consideram ‘primeiros’ em seu desenvolvimento” (Lévi-Strauss, 1997, p. 206) – e “sociedades quentes” – aquelas que tomam “o partido da história” e interiorizam “resolutamente o devir histórico para dele fazer o motor de seu desenvolvimento” (Idem, pp. 259-260). Ver também Lévi-Strauss, 1973.

O juiz, sujeito físico e concreto, assume o papel de portador de uma consciência transcendental e interfere no jogo para que neste possa introjetar a lei que carrega consigo. Já é possível entrever que este arriscado papel está exposto a “facetas imponderáveis e traiçoeiras, que escapam por todos os lados” (Wisnik, 2008, p. 121).

As duas lógicas apresentadas não proporcionam o jogo em si, pois afinal o ideal é que passem despercebidas ao longo da partida. Então temos a terceira lógica, a “lógica dialética”, que se dá pelo embate entre duas equipes que estão a todo momento (enquanto não é dado o apito final) se afirmando e ocasionando vitórias e derrotas sempre parciais e alternáveis. Por fim temos a “lógica da diferença”, que abarca todo o escopo do acaso, do imprevisível, do erro que pode resultar em criação e que, afinal, fazem a diferença. O importante a ressaltar é que essas quatro lógicas encontram-se, no futebol, em ordem inversa à que normalmente se vê no mundo moderno. Ou seja, há aqui uma primazia da reversibilidade, do acaso, do imprevisível ofuscando muitas vezes o planejamento, a lei e a transparência.

Em meio a esse embate tenso e escorregadio de forças contraditórias e sempre coexistentes, encontra-se a figura do árbitro.

Wisnik nos mostra como a presença do juiz no futebol faz parte do amplo processo – que possibilita o próprio surgimento desse esporte – de modernização de antigos jogos de bola. Em tais jogos o “princípio de prazer” reinava com muito mais liberdade. Não havia muitas regras, restrições, penalidades, infrações, delimitação de espaço e tempo. Os britânicos adaptaram esses jogos medievais aos novos paradigmas da modernidade – Wisnik denomina esse movimento de “quadratura do círculo”.

O juiz aparece então como figura indispensável para que essas transformações possam se efetuar e serem atualizadas a cada partida, o que o coloca em situação paradoxal, pois ao mesmo tempo que dentro de campo, está fora da partida. Ou também, só pode possibilitar que o jogo aconteça com a condição de negá-lo.

Wisnik nos chama atenção para como o árbitro está sempre, com o som do seu apito e seus gestos incisivos, cortando a partida, introjetando a lei em algo que tende a ser contínuo e fluido (quando não violento). Tais cortes não deixariam de nos trazer à mente algo do corte sacrificial, e a indumentária originalmente preta do juiz, a volta do sacerdote em efígie. Nuno Ramos (2007), em artigo já citado, faz interessante reflexão sobre forças eróticas e sagradas – continuidade e fixidez – presentes no jogo de futebol. E o árbitro neste caso não deixa de ser aquele que sacramenta; quem, ao final de tudo, eleva a verdade irrevogável (tantas vezes repudiada) a um patamar superior. Tal verdade

toma forma acabada no *placar final*. Este sim perdurará, para além de qualquer interpretação, injustiça ou reclame.

De maneira muito maior do que em qualquer outro esporte, o juiz de futebol, nas palavras de Wisnik, *contém* o jogo, no duplo sentido da palavra. Ou seja, carrega em si a possibilidade de que a partida aconteça, introduzindo e reacendendo o jogo quando este parece estar se distanciando do que, afinal, é o seu objetivo: produção. E também, inerente a isso, está impedindo que o “princípio de prazer” se instaure sem concomitantemente haver o “princípio de realidade”. Contém a improdutividade para que não desemboque em violência. Por todos esses motivos é talvez o árbitro o maior alvo de acusações, imprecisões e expiações: “ele encarna, de forma demasiado tangível, o custo limitador e congenitamente frustrante da realidade” (Idem, p. 105).

Vale dizer que “o princípio de realidade não é simplesmente o que dá limite à imediatez do prazer através das mediações do jogo, mas o que dá realidade à realidade do jogo” (Idem, p. 106). Aqui Wisnik cita o escritor espanhol Vicente Verdú, que ressalta com bastante perspicácia que a *realidade* do gol não se basta no fato de a bola ultrapassar a meta, e sim de o juiz computá-lo. Uma partida só se encerra *realmente* quando o juiz apita, e não quando no nosso relógio o tempo se esgotou. O juiz carrega o tempo e a realidade consigo.

E aqui devemos considerar todas as limitações e contradições que esta arriscada e necessária (para a existência do futebol) profissão carrega. O juiz, ser humano dotado de limitações biológicas, visão parcial e intuitiva, assume o papel de ser onisciente e onipresente. Não bastassem suas limitações enquanto ser biológico, as características do jogo complicam ainda mais sua situação (ver também Bromberger, 2006). O campo é enorme. A bola e as jogadas tendem a correr mais do que ele. Além do mais, todas as imperfeições inerentes ao jogo contribuem para dificultar a decisão do juiz. Isso sem contar a pressão que a torcida impõe.

Mas é outro talvez o maior dificultador do seu ofício. O árbitro de futebol deve interpretar tudo o que vê de uma maneira desconhecida em outros esportes. Isso porque ele está sempre incumbido de julgar a questão da intencionalidade. Não bastasse ter que driblar todos os empecilhos para observar o que os jogadores estão fazendo, precisa intuir o que eles estão pensando. E, dependendo da intenção (nem sempre do fato em si), a infração é marcada ou não, a penalização é mais ou menos grave. Chega a haver casos, como nos mostra Bromberger (2006), em que o árbitro vê a falta, mas não a marca pela deslealdade da própria vítima. E todos esses julgamentos são feitos

imediatamente, sem tempo para discussões, e, ainda por cima, o juiz deve aparentar estar absolutamente convicto em sua decisão, sob a ameaça de sofrer acusações ainda maiores.

Esse semblante que o árbitro precisa apresentar aos participantes do jogo faz parte de uma das tarefas essenciais que ele deve ser capaz de cumprir: a de impor sua autoridade em campo. Podemos entrever, com a explanação que acabo de fazer, que a arbitragem a todo momento corre o risco de não passar a impressão do domínio de seu ofício. E se ela perde sua autoridade em campo, tanto ela quanto o próprio jogo são prejudicados. (O terceiro capítulo desse trabalho é dedicado a analisar as razões e as maneiras com que o juiz trabalha para impor sua autoridade.)

O sintético e os terrões, a influência destes sobre a arbitragem

São cinco os campos de São Sebastião: Central ou Sintético, São Paulo, São Francisco, Mata, Quadra 1. O primeiro é o único de grama sintética, bem como o que tem mais estrutura. Apenas ele fica no centro da cidade, com comércio e posto policial em volta (embora este não contribua muito para a segurança dos jogos, como descrevo no capítulo seguinte). Possui alambrado e portão travado por cadeado nos jogos mais disputados. Na beira do campo há a Barraca do Costa, que com vários painéis à vista oferece diversos pratos de almoço – galinhada, galinha caipira, sarapatel, etc. – por R\$ 7, além de churrasquinho e bebidas². Há também arquibancada de um lado do campo e um vestiário, mas que só foi aberto para uso no dia das finais. Atualmente, no segundo campeonato de 2013, período que já não compreende o meu enfoque etnográfico, o vestiário já está sendo usado ao longo do campeonato.

Todos os outros campos, situados em volta da cidade, são de terra, conhecidos como “terrões”. No Campo da Quadra 1 há uma cerca na altura do peito ladeando o campo. Os demais são abertos, sem nada que os circunscreva a não ser as quatro linhas. Quatro linhas (além das outras marcações dentro de campo) que, por sinal, nem sempre estão muito nítidas nos terrões, o que gera uma dificuldade a mais para a arbitragem.

Isto porque a arbitragem já deve contar com o fato de os campos de terra serem escorregadios e fazerem com que os jogadores caiam com mais frequência. Tais

² A Barraca do Costa já foi tema de reportagem no “JN no Ar” (<http://g1.globo.com/platb/jnnoar/2010/09/07/paglia-prova-iguaria-em-sao-sebastiao-df/>), no dia 07/09/2010, quando ainda era uma tenda montável. Hoje em dia ela é uma construção fixa, com mesas e cadeiras.

condições dificultam a marcação de uma falta, pois deve-se analisar se o jogador caiu por causa do chão ou por causa do contato. Às vezes o jogador está correndo bem desequilibrado, prestes a cair, e quando o adversário chega para marcá-lo basta um toque para que vá ao chão. Qualquer decisão do árbitro nesse caso causa reclamação.

Para aumentar ainda mais as dificuldades, às vezes as marcações do campo estão completamente apagadas, principalmente quando chove, e a arbitragem se vê obrigada a marcar a saída de bola sem haver nada que a comprove. Isso gera algumas polêmicas, mas até menos do que eu imaginava que pudesse gerar. Já houve até decisão de finalizar o jogo antes da hora porque a chuva apagara qualquer vestígio de marcação no campo e um gol que saísse nessas condições ia causar tumulto.

Com o enfraquecimento das marcações, torna-se necessário retocar a tinta toda semana. Isso nem sempre é feito com muita precisão, o que acaba fazendo com que haja linhas mais curvas, ou mais de uma linha demarcando o mesmo espaço. Uma vez Hermes marcou a saída de bola pela lateral e o jogador contestou “Tem três linhas aqui!”, Hermes disse “Saiu nas três!”.

Já houve também reclamação de não marcação de saída de bola. Pois a linha fazia uma curva em determinado ponto, e se estivesse reta a bola teria saído. Hermes respondeu “Só sai se passar da linha. Se a linha fizer uma curva, está valendo a curva”.

Os participantes do espetáculo

Luiz Toledo, em “Lógicas no futebol”, destaca três tipos de agentes que usufruem o futebol de maneiras diferentes (classificação à qual irei me referir mais vezes nesse trabalho): os especialistas, os profissionais e os torcedores. Toledo diz que o *locus* simbólico central dos torcedores são os bares. Estes são “um espaço de maior fluência e expressividade desta emoção dada pelo futebol fora de seu contexto ritualístico” (Toledo, 2000[a], p. 14).

No contexto amador, obviamente, não é possível falar da categoria “profissionais”. É verdade que vários jogadores da primeira divisão da LADSS atuam também no futebol profissional, porém, no momento em que estão jogando em São Sebastião, são amadores. Ainda assim, podemos utilizar a sistematização feita por Toledo para perceber como no contexto amador essas classificações são fluidas.

Os jogadores, técnicos, donos de times e também os árbitros, que estariam dentro da categoria “profissionais”, formam eles mesmos boa parte dos “torcedores” das

partidas em que não atuam. A categoria “especialistas”, que é composta pelos jornalistas comentaristas esportivos, não encontra eco no contexto amador.

Dessa forma, os bares são aqui um espaço que permeia todo o evento futebolístico. Mas não apenas, nem principalmente, os bares localizados em um imóvel. Nos terrões, que são afastados do centro da cidade, há apenas uma barraca montada em que alguém vende churrasquinho, pastel, refrigerante, cerveja, geladinho. Algumas vezes um vendedor ambulante nem monta uma barraca, mas apenas se instala em uma sombra.

Essas pequenas barracas podem ser consideradas os bares dos terrões. Elas não estão separadas do contexto ritualístico do jogo, como Toledo define os bares onde há uma convivência torcedora, mas desenvolvem função semelhante.

Isso porque em cada campo há ao menos quatro jogos por dia, o primeiro começa às 9 horas e o último termina às 17 horas. No campo sintético costuma haver jogo até às 19 horas.

Os campos então não são locais aonde as pessoas vão apenas para participar ou assistir aos jogos. O fato de haver atividade neles ao longo de todo o domingo suscita uma circulação de pessoas que não estão apenas atentas ao que se passa dentro das quatro linhas.

Os moradores de São Sebastião, os membros dos times – após terminar seu jogo – e os próprios árbitros – com o fim do trabalho – socializam em volta do campo, bebem cerveja, conversam sobre os jogos do dia, jogos antigos, jogos vindouros. Falam também da cidade, contam histórias pessoais, das suas esposas, namoradas e das mulheres que passam. Comumente alguém liga o som do carro em um volume muito alto e coloca para tocar as músicas de maior sucesso no momento – há uma predominância do funk e do tecnobrega.

É comum que mulheres assistam aos jogos, estejam presentes em volta do campo e que muitas companheiras dos participantes do campeonato acompanhem-nos ao jogo. Porém isso às vezes suscita estranhamentos e conversas entre os homens. Já ouvi pessoas falarem que não se deve levar mulher para o jogo, que há muito homem sem camisa, trocando de roupa na beira de campo e que quem leva a companheira para ficar vendo isso é irresponsável. Dizem ainda que a mulher aproveita para flertar com outros homens quando o namorado ou marido está participando do jogo, e que ainda há casos em que elas se afastam um pouco do campo, se escondem atrás do mato, e vão travar relações sexuais com outros homens durante a partida. Essas histórias não se

restringem a São Sebastião, pois a vivência com o futebol amador em todo o Distrito Federal faz com que surjam narrativas sobre várias cidades.

Casos das companheiras dos árbitros

Também os árbitros contam casos de colegas que foram traídos por suas mulheres enquanto apitavam. Ouvi o caso de um árbitro que sempre saía para apitar armado. Certa vez, quando tinha saído de casa para apitar, o pneu do seu carro furou. Ele voltou para casa e quando chegou flagrou sua esposa na cama com outro homem e atirou. “Matou a mulher ou o cara?”, perguntaram. “O cara. Está preso até hoje”, respondeu o árbitro que narrava. “Tinha que ter matado a mulher, pô!”, disseram muitos.

Outra história semelhante que também terminou em tragédia é a de um árbitro que descobriu que sua esposa o traía enquanto ele ia apitar. O árbitro foi tirar satisfação com o homem e o agrediu fisicamente. O agredido então, em outro dia, foi até a casa do árbitro e o matou. Também está preso até hoje.

Por sinal, uma das brincadeiras que os árbitros de São Sebastião mais fazem entre eles é chamar um ao outro de corno. Exploro melhor essa relação jocosa de brincadeiras e apelidos no capítulo seguinte.

Os árbitros fora de campo

Voltando à socialização que se dá em torno dos campo e das barracas, vale a pena enfatizar novamente que muitas pessoas passam o dia nesses espaços bebendo, conversando e muitas vezes se envolvendo em confusões. Alguns ficam até o fim do dia no próprio campo em que jogaram, ou então chegam cedo, sendo que só vão jogar horas depois. Mas muitos vão até o campo sintético, onde há mais movimento, jogos mais prestigiados, melhor estrutura e passam o resto do dia por lá.

Os árbitros também se inserem nessa interação, ainda que muitas vezes estejam sempre juntos e formando um grupo à parte. No momento em que não estão trabalhando, nem vão mais trabalhar naquele dia, passam o resto do domingo bebendo em volta do campo, normalmente do sintético, como qualquer outro morador de São Sebastião.

Isso não os livra de críticas, pois algumas vezes os membros dos times e os torcedores se valem do fato de tê-los flagrado bebendo para acusá-los de árbitros ruins e irresponsáveis.

Já na minha primeira ida a campo em São Sebastião ouvi o que ouviria o campeonato inteiro: que os árbitros de São Sebastião são muito ruins, que roubam muito e que apitam bêbados. É comum escutar comentários depreciadores de torcedores em relação aos árbitros, quando estes estão entrando em campo. Por exemplo: “Olha aí o trio do whisky!”.

Hermes – que além de árbitro é também vice-presidente da Liga e quem faz as escalas dos árbitros – não bebe e não gosta que os árbitros bebam no ambiente de jogo, mesmo quando não vão mais apitar. Hermes, se preciso, repreende até Elizeu Cristino, o presidente da Liga. Este, certo dia, comentou com uns amigos com quem conversava que daqui a pouco iriam começar a festinha. Hermes, bravo: “Não vão beber, não né!?”. Elizeu: “Por quê? Não pode?”. Hermes respondeu: “Então bebe bem longe daqui! Já basta domingo passado!”.

Nesse domingo ao qual ele se referiu, os árbitros desde cedo começaram a beber em volta do campo sintético, pois já era fase final do campeonato e cada um só trabalharia em um dos jogos do dia. Assim, ao fim de cada partida o trio se juntava aos que já estavam na beira do campo bebendo. Neste dia beberam cerveja, whisky, vodca.

Embora Hermes não possa evitar que os árbitros ajam dessa forma, isto é, igualmente aos outros moradores de São Sebastião, ele goza de respeito, não só entre os árbitros, mas entre a população local em geral. Sua preocupação em zelar pela imagem da arbitragem faz com que ele seja visto como alguém capaz de gerir o grupo de árbitros da cidade, além de aportar respeitabilidade para o próprio grupo.

O campeonato

Podemos agora descrever melhor como funciona a Liga Amadora Desportiva de São Sebastião. Os campeonatos da LADSS são semestrais, logo, ocorrem dois campeonatos no ano, de igual importância e funcionamento. O campeonato que acompanhei, como já foi dito, foi o primeiro de 2013, que começou no fim de março e terminou ao final de julho.

Na verdade são três campeonatos que ocorrem concomitantemente, pois são três divisões. O número de times varia de um campeonato para o outro e, com isso, também a organização dos jogos. Falarei então de como foram organizados os jogos do campeonato que acompanhei, quando havia um número considerável de times.

Salvo exceções, o normal é que todos os times de todas as divisões joguem em todos os domingos. Os jogos da terceira e segunda divisões ocorrem nos terrões. Os

jogos daquela no Campo da Quadra 1 e no Campo São Francisco e os da última no Campo da Mata e no São Paulo. A primeira divisão ocorre no Campo Central, o único de grama sintética. O horário dos jogos nos terrões é às 9h, 11h, 13h e 15h. No Central, como já foi dito, há ainda, além dos jogos nesse mesmo horário, um jogo às 17h, que às vezes é da terceira divisão.

Os times se enfrentam duas vezes ao longo do campeonato. Depois há as oitavas, quartas, semifinais e finais. No dia das finais, que foi 21 de julho, houve às 9h a disputa de terceiro lugar da terceira divisão, às 11h a final da mesma divisão, às 13h da segunda e às 15 horas da primeira. Todas as partidas são no Campo Central. Só há disputa de terceiro lugar quando os times brigam para subir para a próxima divisão.

O dia das finais é o mais esperado do campeonato. Desde que cheguei a São Sebastião várias pessoas me disseram que eu não poderia perdê-lo, pois é quando o Campo Central lota e a cidade inteira vai assistir aos jogos, principalmente à final da primeira divisão.

Os jogos da primeira divisão, que ocorrem no sintético, são vistos como muito próximos do padrão profissional. Quando disse a Hermes que eu queria pesquisar a arbitragem, ele me disse que eu poderia ir para o sintético, onde apitava a nata da arbitragem de São Sebastião. Dizia isso também quando algum jogo ao qual eu assistia estava com o nível muito baixo, e me aconselhava a ir ao sintético, onde os jogos são de maior nível técnico. Já quando Hermes percebeu que meu interesse era na arbitragem mais realmente amadora, disse para eu me concentrar nos terrões mesmo, pois a arbitragem do sintético já era mais parecida com a profissional.

Os times

Daria um estudo interessante pesquisar as razões dos nomes dos times de São Sebastião. Uma boa parte deles toma emprestado nomes de times profissionais nacionais e internacionais. E também utiliza uniforme similar. Alguns exemplos: Avaí, Bahia, Barcelona, Borussia Dortmund, CSKA, Chelsea, Internacional, Joinville, Juventus, Milan, PSV, Ponte Preta, River Plate, Sevilha, Vasco. Outros nomes se referem a bairros da cidade e alguns são os nomes dos patrocinadores – comerciantes locais.

No meu segundo dia de campo, quando eu estava no Campo da Quadra 1 e o último jogo tinha acabado, Hermes me disse que o jogo das 17 horas no sintético era um

clássico da cidade, que se eu pudesse valeria a pena ir ver. O atual campeão, Aliança, enfrentaria o time que mais vezes conquistou títulos em São Sebastião, o Barrigas.

A partir de então fui tomando conhecimento dos times tradicionais da cidade. Os jogos desses times atraem um público maior e costumam suscitar debates entre os moradores da cidade. Vários de seus jogadores atuam também no futebol profissional, além de serem os mais bem pagos da LADSS.

É prática comum no futebol amador que se pague para jogarem no seu time. A UOL publicou um reportagem³ mostrando que há até uma tendência disseminada de que muitos jogadores no Brasil estão optando pelo futebol de várzea, pois neste não há contrato, o salário é menor, mas recebem-no imediatamente, em um envelope fechado, diz outra reportagem do site⁴. Já no futebol profissional são inúmeros os casos de atrasos e até de não pagamento.

Arlei Damo, em sua tese de doutorado “Do dom à profissão”, explora bem essa instabilidade e risco que o futebol profissional no Brasil proporciona para quem pretende investir o futuro nele. Apenas uma ínfima parcela dos que tentam consegue atingir alguma segurança financeira com o futebol, e somente uma parcela muito menor faz sucesso com o esporte.

Essa não é a sensação que temos quando acompanhamos o futebol que passa na televisão, onde vemos que mesmo alguns jogadores da segunda divisão recebem um bom salário. No entanto, Damo demonstra como a segunda e a primeira divisão são a elite do nosso futebol – juntas reúnem quarenta times, o que não é nada em comparação ao número de times existentes no país.

O garoto que quer se tornar jogador de futebol precisa investir tudo nisso desde muito cedo, o que na maioria das vezes o leva a abandonar os estudos. Os processos de seleção são de alta competitividade, o tempo de jogo para demonstrar algum talento é mínimo, e mesmo depois de ser selecionado em várias peneiras, seu clube pode simplesmente desistir de você a qualquer momento. Isso sem contar os pagamentos atrasados ou mesmo não efetuados a que me referi acima. O comum é que, quando atingem a idade adulta, muitos que tentaram se tornar jogadores de futebol percebem

³ <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2013/07/16/calotes-mentiras-e-atrasos-profissionais-preferem-a-varzea-para-receber-em-dia.htm>

⁴ <http://papodevarzea.blogosfera.uol.com.br/2013/03/27/jogador-infiltrado-na-varzea-salario-vem-em-envelope-e-voce-nao-pode-abrir-no-vestiario/>

que isto não é mais possível e ao mesmo tempo se veem sem muitas perspectivas de outros empregos, já que abandonaram os estudos.

Ainda assim, Hermes me disse que não gosta muito dessa prática de pagar jogadores no futebol amador. Falou que a Liga tenta impedir isso ao máximo, que já conseguiu diminuir muito, mas assumiu que a prática ainda é frequente.

A quantia paga aos jogadores varia de time para time, e dentro do time também. Alguns recebem apenas o dinheiro do transporte, do almoço. Os jogadores mais cotados recebem quantias altas de dinheiro, carro, reforma da casa, pagamento do aluguel. São inúmeros os casos dos quais se ouve falar.

Tudo isso contribui para que na primeira divisão se crie uma aura de futebol profissional. Ouvi certa vez a conversa de dois rapazes sobre o que seria feito do estádio Mané Garrincha após a Copa do Mundo. Disseram brincando que teriam que realizar jogos da LADSS no estádio, visto que o time do Aliança – falaram rindo – é melhor que o Brasiense.

Os times tradicionais e a arbitragem

Os jogos mais disputados e clássicos também suscitam brincadeiras, debates e inquietações entre a arbitragem. É comum os árbitros ouvirem na rua, por exemplo: “Quem é que vai apitar esse jogo amanhã do Vila Oeste e Aliança?”. E após descobrirem qual será o árbitro começam a rir e a explicitar a encrenca que vai ser.

O próprio Hermes evita trabalhar na primeira divisão pois não gosta da arrogância dos jogadores, que, segundo ele, “se acham demais”. (Exploro no terceiro capítulo os atributos que um árbitro em São Sebastião deve ter para conseguir conduzir uma partida disputada na cidade.)

Presenciei alguns desses clássicos e pude conferir a pressão que colocam em cima da arbitragem. Um jogo importante por si só já traz dificuldades maiores para quem vai apitá-lo, mas nesse caso, como se trata de times dos quais boa parte do elenco é composta por jogadores profissionais ou experientes, há o adicional de esses jogadores possuírem maior traquejo no tratamento com a arbitragem.

São inúmeras as conversas entre os árbitros contando casos que se passaram com eles quando apitavam jogos desses times, as estratégias que esses times estão usando para tentar se sobrepôr à arbitragem, fazendo recomendações para seus colegas sobre como apitar esses jogos.

Certa vez fizemos uma reunião na casa do árbitro Chá para que eu pudesse entrevistar o grupo de árbitros. Antes que a entrevista começasse eles ficaram um tempo conversando sobre os jogos, sobre as situações pelas quais tinham passado recentemente.

Chá começou a contar do último jogo do Aliança, em que ele estava como assistente. O árbitro era o Edvar. No intervalo do jogo um jogador do Aliança foi perguntar para o Chá se ele tinha achado que determinado lance tinha sido pênalti. Chá, que, como ele disse, já estava entendendo quais eram as intenções do jogador, respondeu que não sabia, que quem tem que saber isso era o árbitro e perguntou ao jogador por que ele não perguntava isso para o Edvar. O jogador respondeu-lhe que fez essa pergunta porque se Chá tivesse respondido que tinha sido pênalti, ele contaria para Edvar, de uma forma a dar a entender que Chá estava criticando seu colega. “Agora você vê, ele queria me colocar contra você!”, disse Chá para Edvar. E os árbitros todos começaram a dizer que eles estão fazendo isso mesmo, que o time do Aliança já vem há algum tempo entrando em campo com a intenção de desestabilizar a arbitragem.

Após algum tempo de conversa mais informal, comecei a entrevista. Eu já havia acompanhado todo o campeonato e agora queria escutar a opinião deles sobre o que eu tinha observado e constatado. Eram questões que concerniam ao trabalho do árbitro dentro de campo, dimensão que exploro no capítulo três. O que por agora é interessante explicitar é a recorrência com que se referiam aos times tradicionais da cidade ao longo da entrevista. Eu não mencionei nenhum nome de time, o que ocorreu é que quando eles queriam dar algum exemplo, principalmente de situações complicadas para a arbitragem, eram os jogos desses times que eles mencionavam. Vejamos algumas falas:

Boca: [...] Aí você já começa a perder seu equilíbrio. E para você controlar, não é fácil. Pegando um Aliança e Vila Oeste, um Aliança e Barriga, e assim sucessivamente. [...]

Dal: E hoje não precisa nem tanto pegar o Aliança e Vila Oeste, Barriga, não. Hoje os time estão todos pegando o mesmo ritmo que os outros time.

Boca: Mas, é, sabe por que? Eu cito Aliança e Vila Oeste por quê? É um jogo de muita pancadaria.

Edvar: Um jogo pesado, um jogo com bastante contato. [...]

Chá: Então eu acho que quatro ou cinco [árbitros] que vai para o jogo lá do Aliança, porque é um jogo truncado. E eu, quando pego uma treta, eu falo pros menino, vamos quicar o jogo! Quicar, faltinha daqui, dacolá. Aí de repente a gente vai se soltando, se soltando. Porque se você perder a ponta da meada, aí quando você vim querer colocar o jogo na tua mão, aí você já não tem mais o controle.

Dal: [...] Porque eu fui bem no campeonato, aí me colocaram numa situação bem difícil, que foi Aliança e Atlético Bela Vista. A situação bem complicada pra mim. Que eu tava chegando. O que foi que eu fiz? Vim aqui e falei com o Chá e pro Edvar, aí eles falaram: “Dal, é assim, assim e assim”. Eu falei: “Edvar, mas eu vou te falar, eu to com medo”. [...] O jogo é complicado. O Chá falou: “É, é assim, ó... tá vendo que o jogo tá assim, vai bicando”. E dito eu fiz. Atlético Bela Vista e Aliança. Quando terminou o jogo, o Paulo tava lá na Papuda. Então preocupado porque eu tava apitando: ‘E aí, quanto terminou o jogo, Dulce?’. O Dulce: ‘O Dal deu uma excelente arbitragem’.

Dal: Porque o trio focado ele não deixa passar nada. Principalmente quando é um jogo, amanhã, um jogo muito disputado, 5 horas da tarde, Atlético Bela Vista e Aliança. Tem que ser um trio, e ele tem que estar focado o jogo. Ele não tem que estar focado pela rivalidade. O trio não tem que se importar com rivalidade, o trio tem que se importar, de um foco de olho a olho. Viu? Porque nós, que joga bola, e nós que somos da arbitragem de São Sebastião, nós conhece aqui aquele time e aquele outro. Ó, tu fica de olho em fulano, fulano fica de olho em fulano. Por quê? A arbitragem já sabe quem é que bate, o árbitro deu as costas aquele dá uma cotovelada. [...] Porque no jogo de sexta-feira, que foi Aliança e Vila Oeste, esse jogo estava falado na rádio, São Sebastião inteira tava sabendo. Quer dizer, é um jogo de rivalidade.

Essas falas são exemplares para entrevermos o quanto os árbitros se envolvem com o campeonato, a importância que todo aquele contexto representa para eles enquanto árbitros amadores e *como os jogos desses times tradicionais são a referência de desafio para eles*.

Considerações finais

Este foi um capítulo introdutório e de contextualização. Quis apresentar um pouco tanto a cidade de São Sebastião quanto o seu campeonato amador de futebol, e a importância que este tem para aquela. Foi um primeiro passo para poder situar o foco da minha pesquisa, a arbitragem amadora de São Sebastião.

Ao mesmo tempo procurei, ao longo deste capítulo, já ir inserindo a arbitragem na descrição, a visão que ela tem do campeonato, o modo como usufrui dele, o papel que ela tem na cidade. No capítulo seguinte passo a descrever com mais detalhamento o grupo de árbitros amadores de São Sebastião, a relação que travam entre eles, seu companheirismo e suas disputas.

2º CAPÍTULO

Entre reconhecimento e disputas: o grupo dos árbitros

Os árbitros de São Sebastião formam um grupo unido – com seus conflitos, obviamente – e, ao mesmo tempo, disputam entre si um campeonato à parte, menos visível que o oficial, mas atrelado a ele. Nesse capítulo procuro descrever o cotidiano dos árbitros nos dias de domingo, um pouco de sua situação sócioeconômica, as relações que eles travam entre si, os temas de suas conversas e, por fim, pretendo expor esse campeonato paralelo e concomitante ao principal, que os árbitros disputam entre si.

O futebol visto pelo viés da arbitragem

Desde a minha primeira tentativa de iniciar um trabalho de campo, que se deu no Paranoá, percebi que eu começaria a conviver com um grupo de pessoas que conversam muito sobre futebol – o que não seria novidade para mim –, no entanto com uma abordagem que eu até então não estava acostumado.

Apesar de não deixarem de falar de jogadas bonitas, dos times profissionais para os quais torcem, das brigas pelo título e das lutas contra o rebaixamento tanto de campeonatos profissionais quanto da própria LADSS, o tópico preponderante quando o assunto é futebol tende a ser a arbitragem. Comentar um jogo explicitando a atuação do juiz, os cartões que distribuiu, a sua atenção ou displicência no jogo, sua criatividade em improvisar uma resolução para uma situação traiçoeira, a malícia dos jogadores em relação à arbitragem, tudo isso foi para mim novidade e eu começava a enxergar um outro jogo dentro do que estava acostumado a ver.

Concomitante a isso se deu a leitura de “Lógicas no futebol”, em que Luiz Toledo esmiuça os diversos e por vezes divergentes discursos que o futebol é capaz de suscitar na sociedade brasileira – classifica três principais tipos desses discursos: o dos profissionais, o dos especialistas e o dos torcedores. Apesar de a arbitragem amadora não ocupar lugar de destaque entre os grupos analisados por Toledo, tanto o trabalho de campo quanto o material bibliográfico me apontavam também o fato de um mesmo evento – o futebol – ser enxergado por perspectivas diferentes.

Quando cheguei ao Paranoá pela primeira vez, logo após cumprimentar o árbitro Sérgio Santos – que estava me aguardando e até então só nos conhecíamos por telefone – já se iniciou uma conversa entre ele, os demais árbitros presentes e os vendedores de comida que ali estavam, sobre a validação de um gol de mão feito por

Barcos, que na época jogava no Palmeiras. Foi o prelúdio de um semestre ouvindo conversas sobre arbitragem.

O grupo de arbitragem de São Sebastião e sua situação sócioeconômica

Começamos por agora apresentando o grupo de arbitragem de São Sebastião. Nem todos os árbitros habitam na cidade e a cada dia eu me deparava com algum que ainda não conhecia e que tinha vindo de outra cidade do Distrito Federal para apitar ali. Há outros que também não são de São Sebastião, mas apitam com muita frequência na cidade e acabam sendo vistos como árbitros locais. Há, por fim, habitantes de São Sebastião que aparecem para apitar com menos frequência.

Devido a esse fluxo constante que há ao longo do semestre, é difícil definir o grupo de todos os árbitros que participam do campeonato. Mas é possível definir o núcleo do grupo – os que estão presentes em campo praticamente todos os domingos e representam a arbitragem de São Sebastião na cidade. São os árbitros Hermes (também vice-presidente da Liga), Chá, Edvar, Boca, Manoel, Bingola, Adailton, Dal, Galego, Carlito, Wemblems, Paulo Lima e Márcio.

Domingo é o dia em que a maioria está disponível para apitar e também foi o dia das minhas idas à cidade, pois é quando acontecem os jogos do campeonato adulto masculino que acompanhei. Mas ao longo da semana e também aos sábados há os jogos das categorias de base (pré-mirim, mirim, infantil, juvenil, juniores)⁵ que esses árbitros também apitam, não mais com a mesma regularidade e cada um se dedica mais ou menos à arbitragem nesses dias. Eles também apitam em outras cidades do Distrito Federal e no Setor de Clubes.

Apliquei um questionário (cf. em anexo o questionário e os dados tabulados) entre os árbitros citados acima – com a exceção de Paulo Lima, que não consegui contactar no período em que apliquei o questionário – com o intuito de levantar alguns dados sócioeconômicos mais concretos e obter informações específicas a respeito da trajetória desses árbitros pela arbitragem em geral e em São Sebastião.

O questionário apresenta uma primeira seção em que se pergunta, além de nome, idade, índice de escolaridade, cor ou raça, cidade natal e estado, há quanto tempo

⁵ No segundo semestre de 2013 também começou o campeonato de veteranos. Mas no período que empreendi a pesquisa de campo, no primeiro semestre deste ano, ainda não haviam inaugurado tal campeonato.

habitam e apitam em São Sebastião, no Distrito Federal, a forma de aprendizado da arbitragem, os outros locais em que apitam, as agressões sofridas e as medidas tomadas.

A segunda seção é dedicada a obter informações a respeito da faixa salarial dos árbitros, seus outros empregos, a contribuição das suas rendas para a família e, principalmente, o peso da renda obtida pela arbitragem na renda mensal total. Para isso, foi perguntado em sequência a renda mensal com a arbitragem, a renda mensal com os outros empregos, a renda mensal total, a renda familiar mensal, o número de pessoas que contribuem para a renda em suas famílias, o número de pessoas que vivem da renda de suas famílias.

O grau de escolaridade deles varia desde o ensino fundamental incompleto até o ensino superior completo – caso mais raro. A grande maioria se considera de cor parda, provém de estados do nordeste, mas já habita no Distrito Federal há muitos anos (média de vinte e dois anos), está em uma faixa etária por volta dos quarenta anos e possui outra fonte de renda. Alguns exemplos de emprego: vigilante, pedreiro, cozinheiro, carpinteiro, mestre de obra, garçom. A renda mensal que eles obtém com a arbitragem costuma ser de um a dois salários mínimos (entre R\$ 678 e R\$ 1356) – similar à renda per capita média mensal de São Sebastião, que é de 1,2 salário mínimo – e a grande maioria obtém como renda mensal total de dois a cinco salários mínimos (entre R\$ 1356 e R\$ 3390), valor, como podemos ver, acima da renda per capita média mensal de São Sebastião. Boa parte da renda familiar mensal dos árbitros também compreende esta última faixa salarial – similar à renda domiciliar média mensal de São Sebastião, que é de 3,97 salários mínimos⁶ – e sustenta em média quatro pessoas.

Neste ano a arbitragem amadora de São Sebastião foi custeada pelo Programa Boleiros, criado pelo Governo do Distrito Federal. Assim, são destinados R\$ 160 para cada jogo – o árbitro da partida ganha R\$ 80 e cada assistente R\$ 40. Há um ano esse programa beneficia as Ligas de Futebol Amador de vinte e cinco regiões administrativas do Distrito Federal⁷. Em São Sebastião, antes da existência desse programa, eram os donos de time que pagavam a arbitragem. Hermes sempre me falou que o Boleiros melhorou muito a vida da arbitragem amadora, e que antes sempre havia problemas com donos de time que não pagavam a arbitragem. Mas já escutei opiniões contrárias, como

⁶ Os índices de renda de São Sebastião foram retirados do site da CODEPLAN: <http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDA/D/2013/S%C3%A3oSebasti%C3%A3o.pdf>

⁷ Como consta no site do GDF: <http://www.df.gov.br/noticias/item/8238-programa-boleiros%E2%80%9D-apoiou-quase-4-mil-jogos-s%C3%B3-este-ano.html>

a do Dal, que já declarou ter perdido a paciência com o governo, que sempre faz promessas à arbitragem que nunca cumpre. Disse preferir o tempo em que os donos de time lhes pagavam, pois o pagamento sempre vinha imediatamente após o jogo.

Há os árbitros em São Sebastião que são mais veteranos, que já apitam há pelo menos dez anos, e os que começaram há menos tempo, de cinco anos para cá. Estes não fizeram curso de arbitragem, ao contrário dos mais experientes, como Chá, Edvar, Hermes, Boca, Manoel, Wemblems, que fizeram.

Os mais veteranos gozam de respeitabilidade no grupo. É comum ouvir algum árbitro dizer, por exemplo, que aprendeu a apitar com o Chá e o Edvar, que eles que lhe ensinaram a maneira de conduzir a partida, de lidar com certas situações complicadas do jogo, como nessa fala de Dal: “Eu, quando eu entrei... eu não fiz curso. Eu aprendi, o Fábio (Bingola) num tava, o Adailton num tava, o Adailton era treinador do Aliança. Mas as duas pessoas que me ensinou e me incentivou, aqui, ó, quem foi, ó: Edvar e o Chá”.

É comum em São Sebastião – vide a afirmação de Dal de que Adailton era técnico do Aliança – as pessoas migrarem de função na relação com o futebol. Os árbitros já jogaram, já foram donos de times, técnicos e, na verdade, alguns ainda o são. Dal mesmo é técnico de um time da segunda divisão. Por causa disso ele não apita jogos nela. Ou então temos, por exemplo, o caso do Hermes. Sua esposa é dona do Nova Geração, time tradicional de São Sebastião que no momento também se encontra na segunda divisão. Hermes, por causa disso, evita apitar jogos nessa divisão, ainda que o faça de vez em quando. Já presenciei ele ser acusado de roubar para o time da mulher dele quando apitava na segunda divisão.

Domingo, dia de trabalho

Descrevamos agora a rotina dos árbitros em um dia do domingo para poder vislumbrar melhor a relação entre eles.

O comum é que a maioria dos árbitros participe de quatro jogos por domingo. Hermes escala os trios para apitarem ao longo do dia inteiro os jogos de determinado campo. O primeiro jogo é às 9 horas da manhã, seguido pelo das 11 horas, das 13 horas e das 15 horas. No campo sintético, o mais prestigioso, há com frequência um jogo às 17 horas, o que faz com que alguns trabalhem em cinco jogos em um mesmo dia.

Os meios de transporte que eles utilizam para se dirigir aos campos variam. Manoel e Galego costumam ir de bicicleta. Outros vão de carro, alguns a pé e outros pegam carona com quem tem carro.

O trio chega – nem sempre com muita antecedência – ao campo ao qual foi designado a apitar e deve recolher a assinatura dos jogadores convocados. Isso normalmente atrasa o início do primeiro jogo. No campo da quadra 1, onde há jogos da terceira divisão, o técnico do Aliança – time que joga na primeira divisão – costuma ajudar a arbitragem fazendo o papel de mesário – ou seja, recolhendo essas assinaturas. No campo sintético também costuma haver mesário, o Lousa. Mas ainda assim é comum que o primeiro jogo do dia atrase.

Isto não necessariamente acarreta atraso dos jogos subsequentes, dado que cada tempo é de quarenta minutos – e muitos árbitros decidem terminar o tempo antes disso – e a duração do intervalo não é rígida, depende do tempo que a arbitragem decide dar. De fato, todos os jogos costumam atrasar um pouco, mas é raro o último não terminar antes das 17 horas.

Essa questão do tempo de jogo que o árbitro decide dar às vezes gera reclamações, mas promove também gozações entre os árbitros. O interesse em terminar a partida antes da hora se deve tanto ao receio de que algo polêmico ocorra nos minutos finais (no capítulo seguinte exploro essa questão, que pode ser resumida na frase de Edvar: “aquela bola em jogo é problema”) [ver caderno de fotos, foto 9; daqui em diante apenas assinalarei a foto], quanto à vontade de terminar logo a partida, ir embora para casa. Certa vez perguntei ao Evandro se quando ficava sem bola no jogo o árbitro parava o tempo. Evandro: “Para nada!”. Falei: “Não para e acrescenta nos acréscimos, é?”. Evandro: “Nada! Fica por isso mesmo. O primeiro tempo ele não esperou nem dar 40 [falávamos de um jogo em andamento], terminou com trinta e cinco!”. Eu mesmo, em outro dia, vi o relógio do Evandro, após apitar um jogo, parado em trinta e sete minutos. Outra vez os árbitros conversavam no campo central sobre essa questão dos acréscimos. Alan falou que sempre dá quarenta minutos. Depois acrescentou: “Quarenta menos cinco!” e deu uma gargalhada. O caso mais extremo e que provocou mais risos entre os árbitros foi o de Claudio falando sobre Anderson: “O cachorro terminou o jogo aos vinte e sete do segundo tempo! Vinte e sete minutos! Do nada, ele bate o apito e decide terminar a partida!”. O próprio Anderson riu muito e deu a entender que não teve motivos maiores para acabar o jogo antes da hora, a não ser a própria vontade (todos os nomes, exceto o de Edvar, usados nesse parágrafo são fictícios).

Ao fim de cada jogo algum árbitro do trio preenche a súmula, anotando os gols, quem os fez, os cartões vermelhos e amarelos e, quando é o caso, relatando algum incidente. No fim do dia os árbitros devem assinar em cada súmula para que possam receber o pagamento do GDF.

Eles organizam um sistema de revezamento em campo. Um árbitro do trio apita o primeiro jogo e os outros trabalham como assistentes. No jogo seguinte troca o árbitro e no terceiro apita o que ainda não o fez. No último jogo um dos árbitros apita uma segunda vez, normalmente o que apitou o primeiro jogo.

Isso quando os três árbitros do trio trabalham como árbitros principais. É comum que um deles ainda seja só assistente, porque é novato no ramo e normalmente é trabalhando como assistente que se começa a atuar na arbitragem amadora.

A maior parte dos jogos que acompanhei foi onde Hermes estava trabalhando. E ele – que não gosta de trabalhar na primeira divisão porque considera os jogadores muito prepotentes e que praticamente não atua na segunda divisão já que nela compete o time de sua esposa – trabalha normalmente no campo da quadra 1, onde jogam os times da terceira divisão. O revezamento era sempre assim: Hermes começava apitando, depois era assistente nos dois jogos seguintes e ficava no lado do campo mais perto da torcida. No último jogo ele tornava a apitar. Também acompanhei jogos em outros locais, onde o esquema era semelhante. Esse revezamento é feito tanto para que a remuneração possa ser melhor distribuída – como disse, o árbitro ganha o dobro do assistente – quanto como forma de cooperação para evitar o cansaço, visto que em uma partida o juiz corre muito mais que o assistente.

Essa organização da jornada também influencia no trabalho da arbitragem dentro de campo (dimensão que exploro com mais atenção no capítulo seguinte). Para evitar o cansaço, o trio vai se ajudando na marcação dos lances. Hermes me disse que os árbitros tentam correr em “x”, para poder cobrir o espaço do campo sem se cansar muito. Apenas quando o lance é dentro da área que é preciso estar bem atento, mas quando não é dá para ficar mais longe. Edvar confirmou: “É, dentro da área não dá para brincar”. Boca também já me falou a respeito dessa cooperação em campo: “Às vezes a gente tem uma preleção, antes de começar o jogo. Às vezes fala assim: ‘Ó, lá é com você, você marca, tal’. Principalmente quando a gente está muito cansado. Está cansado, o sol quente, os dois, terceiros jogos, depois. ‘Agora, ó, lá na sua diagonal é com você, eu vou pegar só mais aqui’. Porque às vezes não dá tempo de a gente chegar até lá,

entendeu? A gente já fala: ‘Ó, fulano, é com você aí. Fulano, é com você de cá!’ [referindo-se aos assistentes].

Edvar me falou certa vez que se eu estava pensando em ser árbitro era melhor desistir da ideia. Estávamos com mais alguns árbitros no campo sintético no fim do dia, após o término dos jogos na cidade, e eles falavam da precariedade em que se encontram o futebol e a arbitragem amadora. Edvar disse que “é melhor continuar lá na UnB, porque o negócio aqui tá difícil. Vai lá, escreve um trabalho do que que você viu no futebol amador e continua lá. Fala que viu muita precariedade. O negócio aqui está precário demais”.

A verdade é que me admirei com a organização do campeonato e da arbitragem. Eu desconhecia por completo essa realidade e não imaginava que se levasse o empreendimento tão a sério. De fato há muitos problemas e o próprio Hermes já me disse que “a gente está com tudo para estar entre as melhores ligas do DF, o campeonato é bem organizado, mas o que está ferrando a gente é a arbitragem”. Disse-me isso quando Adailton, após apitar o primeiro jogo do dia, foi ser assistente no segundo e começou a reclamar de câibras. Foi embora com o término do jogo, deixando Hermes e Galego apitando os dois outros jogos sozinhos. Hermes ficou com raiva: “Que câibra o que, moço!” – falou para mim – “Câibra de bandeirar? Fala sério! Isso aí é preguiça. Como é que o cara faz um negócio desse nessa fase do campeonato [já estava no mata-mata]? Ó, hoje ele mandou bem para caramba apitando o primeiro jogo aqui, eu já podia escalar ele de novo. Mas agora depois dessa já não vou escalar mais”.

Nessa ocasião Hermes ainda me disse que só há dois árbitros em São Sebastião que nunca deram problemas para ele, “que são cem por cento”: o Edvar e o Boca. Falou que “queria ter uns vinte deles aqui em São Sebastião”. Estão sempre à disposição, nunca reclamam de nenhuma escala. Hermes pode colocá-los para trabalhar só como assistentes um dia inteiro que eles não reclamam.

Como disse, Adailton abandonou o campo e deixou Hermes e Galego apitando sozinhos. Essa é uma situação que ocorre com frequência em São Sebastião: faltar árbitro e com isso os dois presentes terem de fazer uma arbitragem em dupla, com ambos atuando dentro do campo. Os árbitros combinam de traçar duas linhas imaginárias, tanto uma que coincide com a central, que divide o campo ao meio, quanto uma linha longitudinal. Com essa divisão, cada árbitro fica encarregado de atuar em um campo e na metade dele. Assim, uma linha lateral fica com um árbitro e a outra com o colega. Eles costumam ficar sempre na linha do impedimento ou próximo a ela.

Essa forma de apitar gera implicações próprias. Houve uma vez em que reclamaram que apenas um árbitro apitara a falta, ao que Hermes respondeu “Um viu e o outro não!”. Já a ausência de assistentes não é um problema muito relevante, há pouca polêmica nesse sentido. Até porque, como foi dito, os árbitros costumam estar sempre próximos da linha de impedimento. Quando algum jogador se encontra nessa posição irregular, o árbitro mais próximo apita e assinala com um movimento com a mão, para frente e para trás.

“Com dois árbitros é bom que o árbitro está sempre perto do lance”, respondeu uma vez Hermes a uma reclamação de falta. Dá então para ver essa proximidade do lance como um aspecto da arbitragem em dupla que os árbitros podem usar a seu favor, não só no momento da atuação em campo, mas no da defesa de suas decisões. Apitar em dupla também cansa menos. Não é preciso dar um pique de uma ponta a outra do campo. Hermes me disse que se ocorre de apitar em dupla ao longo do dia inteiro, a sensação – em termos de cansaço físico – é de que apenas se apitou um jogo e bandeirou outro, “cansa muito menos”. E ao mesmo tempo pode-se ver as jogadas mais de perto, além de haver uma distribuição das responsabilidades que normalmente pesam todas em cima de um único árbitro. A afirmação de Hermes citada no início desse parágrafo explicita tal faceta da arbitragem em dupla.

O governo paga, nesses casos, o preço de uma arbitragem e uma assistência – R\$ 120 – que os árbitros dividem por igual. Apenas uma vez – não mais no campeonato que acompanhei como objeto de pesquisa, mas no do segundo semestre de 2013 – presenciei um árbitro, o Boca, apitando o jogo sozinho, pois seus dois colegas que vinham de Samambaia tiveram problemas com o carro. Ele apitou os três primeiros jogos do dia nessas condições. Chá, nessa ocasião, disse que Boca é o melhor árbitro de São Sebastião, que para topa apitar sozinho tem que ser muito corajoso e ninguém ali tem essa coragem dele, nem mesmo o próprio Chá – nas suas palavras.

Os árbitros chegam ao campo para apitar o jogo das 9 horas e só saem às 17 horas. Passam o dia inteiro correndo embaixo do sol – muitos usam filtro solar. Em nenhum dos campos há banheiro por perto. No sintético há três vestiários que ficaram trancados durante todo o campeonato e só foram liberados para uso no dia das finais. Atualmente eles já estão sendo utilizados nos dias de jogo. O sintético é o único campo que fica dentro da cidade. Os outros são mais afastados, com mato e terra em volta, o que induz as pessoas a irem para algum canto fazer suas necessidades fisiológicas. Já no campo sintético, o comum é que urinem na rua, na porta das lojas, no pneu dos carros.

Os árbitros não se ausentam do campo ao longo do dia, nem no intervalo entre um jogo e outro que por ventura calhe de ser extenso. O comum é que a cada intervalo eles fiquem reunidos em torno do carro de algum deles. Sentam nos bancos do carro ou se apoiam do lado de fora dele. Há sempre uma garrafa térmica com água que eles bebem no decorrer do dia.

A alimentação é bastante improvisada. De vez em quando algum leva um pacote de biscoito ou uma banana. Normalmente eles passam o dia comendo alguns churrasquinhos e pasteis na barraca que alguém monta na beira do campo. Bebem também refrigerante e chupam geladinho. Apenas no sintético há uma opção de almoço: a Barraca do Costa – onde eu sempre almoçava –, com várias opções de prato, todos por R\$ 7.

Ao fim dessa jornada alguns ainda vão trabalhar durante a noite. Como Hermes, que é porteiro noturno em um bloco residencial da Asa Sul e Boca, que é vigilante em uma escola também na Asa Sul. Nesses dias de domingo Hermes vai de carro junto com o Boca para o trabalho. Ao passo que nos dias de semana ele vai de ônibus.

Árbitros enquanto time

Já mencionei que os árbitros costumam ficar em torno do carro de algum deles nos intervalos dos jogos. Tal menção pode servir de porta de entrada para eu poder mostrar como os árbitros formam um grupo unido, um “time”, conforme eles mesmos dizem.

Há uma concentração pré-jogo que reúne um time em um canto, outro time em outro e o trio de arbitragem, por sua vez, em um outro – normalmente, repito, perto do carro de algum deles. Entre os times costuma haver um abraço coletivo e uma reza antes do jogo. Já entre os árbitros o habitual é que cada um faça o sinal da cruz ao entrar em campo [foto 7]. Quando entra, o trio costuma ir todo para o centro de campo, os árbitros se cumprimentam e depois cada assistente vai para sua posição. Ao término do primeiro tempo e do jogo é comum que os assistentes novamente se encaminhem para dentro de campo, onde encontram o juiz e se cumprimentam [foto 5].

Ao longo de todo o campeonato – como mencionei acima – os vestiários do campo sintético não foram usados. Só no dia das finais eles foram abertos. Eram três: um em cada ponta e um no meio. Havia colocado um papel em cada vestiário das pontas indicando os times que deveriam usá-lo. Dessa forma, a cada jogo, os times que

se enfrentariam usariam cada um um vestiário, situados em pontas opostas. E, no vestiário do meio, havia um papel em cima do vão da porta escrito “árbitros”.

Os árbitros, assim, tinham direito também a um vestiário e, é interessante notar, seu vestiário situava-se entre os vestiários dos times que se enfrentavam. Da mesma maneira que dentro de campo, ali, em um período anterior e também intermédio ao jogo (intervalo), eles intermediavam os times.

Porém, mais do que isso, nesse dia – o último do campeonato – eu pude ratificar o que reparei ao longo da pesquisa: os próprios árbitros formam um time eles mesmos. Eles se concentram, se preparam e se vestem para o jogo, conversam sobre ele, trocam dicas, se cumprimentam, se desejam boa sorte, divergem, fazem brincadeiras [foto 6]. E neste caso não se trata só do trio que apitará o jogo, mas da equipe de arbitragem de São Sebastião, que, em um dia como esse, de final de campeonato, também fica ali, uns porque apitaram ou apitarão algum jogo, e acabam permanecendo no local o dia inteiro, outros porque aparecem por ali para encontrar os colegas, ver os jogos, aproveitar o evento. Há ainda os amigos dos árbitros, que também rondam seu vestiário. Todos esses participavam dessa concentração dos árbitros, iam e vinham, ajudavam no que podiam ajudar.

Os apelidos: proximidade e ofensa jocosa

Mas voltemos aos outros dias, em que podemos sempre perceber que o grupo de arbitragem forma um círculo de amigos. Quando estão no mesmo local costumam ficar juntos⁸. Eles tem um apelido próprio: Lima. Todos se chamam assim e após um tempo convivendo com eles já fui chamado de Lima também algumas vezes. A explicação que o Hermes me deu para esse apelido foi: “É uma brincadeira nossa. Porque tem um colega nosso, o Paulo Lima [na época eu ainda não o conhecia], que ele é polêmico. Aí a gente fica se chamando de Lima de brincadeira”. Eu perguntei “Mas polêmico como?” Hermes: “Ah, ele é um cara complicado. Tem uma cabeça complicada”.

Também perguntei ao Chá as razões do apelido e ele disse que era porque ninguém queria o Paulo Lima para apitar um jogo do próprio time. E a partir disso todos começaram a se chamar de Lima.

⁸ Já ouvi, uma vez, alguém explicitando isso. Foi um rapaz que passou perto dos árbitros Chá, Bingola e Boca. Eles já tinham apitado seus jogos do dia e agora estavam no campo sintético conversando e bebendo, escorados no carro do Boca. O rapaz bateu um papo descontraído com eles e depois falou: “É isso aí, árbitro tem que ficar afastado do povo mesmo!”.

Eles, Chá principalmente, fazem variações do apelido. Chá costuma chamar o Hermes de “Lima Cristino”, fazendo uma brincadeira com o nome do presidente da Liga, o Elizeu Cristino. Hermes é o vice-presidente e frequentemente os árbitros dizem que o presidente mesmo é ele.

Chá ainda chama os outros árbitros, principalmente o Hermes novamente, de “Lima Nunes”, que é uma brincadeira com o seu próprio nome, “Walter Nunes”. Por eu andar muito com o Hermes, Chá já me chamou de “Lima dois”.

A fama de Paulo Lima como árbitro polêmico pode ser exemplificada por um jogo que presenciei. Foi no dia já mencionado em que Adailton foi embora mais cedo se queixando de câibras. Hermes e Galego passaram a apitar em dupla. Mas no meio do último jogo do dia Paulo Lima apareceu para completar o trio e ser o árbitro do jogo, o que o expôs ainda mais às críticas, posto que assumiu o apito com a partida já em andamento e foi a partir da sua chegada que a desordem se instaurou. Mas o fato é que o jogo já estava bem pegado, o time Leões do Bosque tinha que reverter um placar complicado para se classificar, e já estava tendo muitas faltas, confusões, cartões.

Além das dificuldades inerentes à situação de começar a ser o árbitro de um jogo já em andamento, o pessoal não deixou de se aproveitar para pressionar Paulo Lima ao máximo. Como este ignorava o que havia ocorrido até então no jogo, toda hora em que ele dava cartão amarelo para alguém (e estava fazendo isso muito) começavam a gritar: “Ele já tem amarelo, professor! Ele já tem!”. Começou uma reclamação para todos os lados com o Lima. Mas principalmente do lado do Leões, que perdia o jogo e estava sendo desclassificado. Um jogador que foi substituído ficou do lado de fora falando para o Hermes que “o Paulo Lima acabou com o jogo. Estava bem melhor apitando só vocês dois”. Lima já havia expulsado dois jogadores – ainda expulsaria mais um – e dessa forma a pressão em cima dele já estava gigantesca. A torcida não perdoou quando Lima não viu a marcação de impedimento do Hermes e deu prosseguimento ao jogo. Hermes ficou gritando: “Paulo! Paulo! Lima! Paulo!”. O pessoal também ficou gritando, irritado. Nessas horas há também um complicador, pois quando o jogo está tenso desse jeito, o árbitro muitas vezes prefere não olhar para quem grita seu nome, pois espera receber uma crítica, um xingamento. Então – já percebi a ocorrência disso mais vezes – corre o risco de não olhar para o bandeira que o chama para avisar de impedimento ou de substituição. Só depois de um tempo de gritaria que Lima olhou e viu o impedimento marcado. Teve que parar o jogo, que já estava do outro lado do

campo, para marcar o impedimento. Com isso, não demorou para que aumentassem as reclamações: “Lima está dormindo! Lima não tem condição de apitar não!”.

Para completar a desordem, houve uma falta em um jogador, este começou a reclamar muito com o Lima e acabou sendo expulso. Hermes comentou comigo: “O cara sofre a falta e ainda consegue ser expulso”. O jogador estava muito bravo e saiu xingando e resmungando. O pessoal ficou reclamando muito, de tudo, do Lima, do jogador, mas eu ainda não estava entendendo direito a discussão. Só depois percebi que o jogador estava completamente embriagado. E o pessoal também estava bem exaltado com ele, com o fato de eles terem sido desclassificados e “um bêbado desse” – como disseram – ter participação nisso. Ouvi o seguinte de um atleta do Leões do Bosque: “Po, desclassificar tudo bem. Mas veio o Paulo Lima e acabou com o jogo. E a gente ainda tem que passar a vergonha de ter botado em campo um bêbado desse!”.

Chamar um colega de “Lima”, vê-se, é zombar das suas qualidades de árbitro. Todos se chamam assim, jocosamente. Essa proximidade entre certo grupo de pessoas que permite criticar um ao outro de brincadeira é um tema já tratado na antropologia, principalmente por Radcliffe-Brown.

Em “Os parentescos por brincadeira” e “Nota adicional sobre os parentescos por brincadeira”, Radcliffe-Brown realiza um estudo sociológico comparativo para analisar essa modalidade de relacionamento que ele denomina “parentesco por brincadeira”. Essa análise é elemento fundamental para o desenvolvimento de sua teoria estrutural-funcionalista.

Radcliffe-Brown demonstra como o parentesco por brincadeira “é uma combinação peculiar de amistosidade e antagonismo” (Radcliffe-Brown, 1973[b], p. 116). Se praticadas em outro contexto social, as brincadeiras e zombarias feitas nessa modalidade de relacionamento seriam consideradas ofensa grave. No entanto elas são feitas com o intuito de que não sejam levadas a sério, “há uma pretensão de hostilidade e real amistosidade” (Idem, ibidem). E isso só é possível quando há uma proximidade entre as pessoas envolvidas, quando elas fazem parte de algum grupo que mantém relações duradouras.

Voltando ao nosso contexto etnográfico, podemos perceber como o apelido “Lima” implica uma proximidade grande entre os árbitros, que através desse apelido estão ao mesmo tempo se criticando de brincadeira e demonstrando amistosidade. Além disso, implica também uma proximidade grande com o próprio Paulo Lima, pois este sabe que seu nome é usado como apelido para questionar de brincadeira as qualidades

dos árbitros de São Sebastião. E estes, por sua vez, se sentiram à vontade para utilizar seu nome dessa forma.

Há ainda outros apelidos. O Manoel tem um próprio, que é “Nega”. É o único que é chamado mais por outro apelido do que de Lima.

Há muitos outros que tem seus apelidos, como o “Ceará”, o “Boca”, o “Chá”, porém são chamados assim por todos, não só pelos árbitros. Entre esses, todos são “Lima”. Como disse, a exceção é o Manoel; “Nega” também é um apelido que ele só tem entre os árbitros.

Essa discussão dos apelidos contribui para demonstrar como os árbitros formam um grupo próprio, que estão em relação constante, duradoura e próxima, e também para apresentar os conflitos existentes dentro desse grupo. Até aqui os conflitos apareceram apenas como brincadeiras entre os árbitros, no entanto eles muitas vezes ultrapassam a esfera da jocosidade.

Encontros no fim do dia: o momento da expiação

Areladas a essa brincadeira embutida no apelido “Lima” estão as frequentes gozações sobre lances de jogo dos colegas. Elas são frequentes não só durante o período do dia em que apitam, mas principalmente no fim do dia, quando os árbitros costumam se encontrar no campo sintético, pois após o término dos jogos eles se encaminham a esse campo tanto para entregar as súmulas para o Hermes quanto para socializar. É quando também relatam como foi o dia, os incidentes, os lances inusitados em que tiveram que tomar tal e tal decisão. É quando dão recomendações uns aos outros sobre como agir em determinadas situações e, ainda, reclamam dos colegas com quem trabalharam. Contam também histórias de conflitos com os jogadores e de quando foram agredidos.

Hermes costuma falar que dá para escrever um livro com as histórias da arbitragem amadora, pois, como já me disse, “acontece de tudo”. Já contou, por exemplo, de um caso que só poderia ter acontecido no meio amador. Foram apitar em um lugar e lá chegando descobriram que não havia bandeira para os assistentes. Tiveram que pegar os galhos de uma árvore e rasgar umas camisas para fazer as duas bandeiras.

Em um desses fins de dia, chegamos eu e Hermes ao sintético. O jogo das 17 horas estava acontecendo e Boca era um dos assistentes. Quando chegamos, Boca virou

para nós, enquanto atuava no jogo, e começou a contar, revoltado e chateado, o que ocorrera mais cedo.

Não acredita [falava mais para o Hermes, pois ainda mal me conhecia] o que aconteceu. Também, ficam botando esses assistentes de merda. Eu estava de um lado do campo, bem no fim do jogo, a bola foi lançada num balão para o outro lado. Não deu para chegar a tempo. A bola chegou na área. O zagueiro e o atacante, os dois subiram nela. Eu vi uma bola na mão e foi gol. Marquei gol de mão do atacante e anulei o gol. Depois fiquei sabendo que quem bateu a mão na bola foi o zagueiro; fez gol contra de mão. E o imbecil do assistente me falou depois que viu o lance. Mas ele não me falou nada na hora, e deixou que eu marcasse errado.

Hermes falou que “um cara desse é um ignorante” e essa história ainda rendeu assunto para o resto do dia. Podemos notar com esse depoimento como a atuação do trio de arbitragem em campo é ao mesmo tempo interdependente e individual. A sintonia que árbitro e assistentes devem ter é assunto do qual trato no capítulo seguinte. No momento, é importante retirar desse caso que a maneira como eles atuam em campo, até que ponto cada um contribui ou não para o caráter coletivo de seu trabalho, auxilia o outro na marcação dos lances, contribui para formar a sua imagem entre o grupo de árbitros da cidade. Nesse caso específico, o assistente que não ajudou o árbitro a marcar corretamente um lance importante acabou sendo, no final do dia, momento importante – como estou pretendendo demonstrar nessa seção – na construção da reputação dos árbitros, chamado de “assistente de merda”, “imbecil” e “ignorante”.

Eu e Hermes ficamos sentados conversando e assistindo ao jogo. Ele falou que o árbitro que apitava “mandava bem” e que mora em Samambaia – é o Wemblems –, disse-me em que pé estava o campeonato, explicou-me melhor seu funcionamento e os problemas que ocorriam. No intervalo os árbitros vieram falar conosco, comentaram sobre o jogo, Wemblems brincou falando que era órfão – devido aos xingamentos dirigidos à sua mãe. Hermes me relatou ainda um caso de briga que ele presenciou e separou em um bar em Minas, seu estado. Disse-me também, como em várias outras ocasiões, que o segredo do seu trabalho ali é tratar todo mundo com humildade.

Chegam juntos Edvar e Adailton. Hermes: “Lima! Dois Lima juntos!”. Contam que o “Bingola quase apanhou lá em cima [campo São Paulo] hoje”. Começam a conversar e o assunto se encaminha para as formas de assoprar o apito. Estavam gozando de um colega que não conseguia soprar, que saía do seu apito um som muito fraco, que nem eles, assistentes, ouviam. Riram muito. Então começaram a falar de

outro, que enche a bochecha de ar para soprar. Hermes imitou e caiu na gargalhada. Disseram que dependendo da situação se deve apitar de um jeito diferente, que isso está na regras. Quando é lateral é só uma soprada rápida e seca – diziam. Quando é uma falta mais forte, ou quando se vai dar um cartão, já é uma soprada mais intensa. Porque com isso “você já avisa que vem coisa por aí”! Zombaram então de um colega que só apitava fraquinho, mesmo quando era para uma punição maior. Soprava bem rapidinho o apito e dava o cartão para alguém. “Ninguém imagina que vem um cartão de um apito desses” disseram rindo.

O apito aparece aqui como veículo de uma linguagem própria, não apenas como um sinalizador sonoro qualquer. É essencial que no soprar do apito o árbitro já transmita o que pretende marcar no lance. No capítulo seguinte exploro melhor essa questão para demonstrar como a convicção nas marcações dos lances, no soprar do apito, na gesticulação – o que Goffman denominou de “porte” – é essencial para o árbitro impor sua autoridade em campo. Percebemos aqui como até a habilidade no manejo do apito serve de material para a construção da imagem dos árbitros nos encontros do fim do dia.

Foi também nessa ocasião que Edvar me falou da precariedade em que se encontra o futebol amador, fala à qual já me referi mais acima.

O jogo acabou e o trio que trabalhava veio se juntar a nós. Hermes pediu para Boca recontar a história do gol contra de mão anulado. Boca o fez, xingando o assistente, o jogo, tudo.

Daqui a pouco veio um jogador reclamar com o outro assistente da partida, pois este o havia mandado “calar a boca” (cito esse incidente também no capítulo seguinte). Disse que árbitro não pode fazer isso, que ele tem que fazer o seu trabalho e não ficar falando assim com os jogadores. O assistente só ficou falando: “Tá bom, cara”, “Beleza, cara”, “Vai lá, cara” etc.

Quando o rapaz foi embora, os árbitros, principalmente Adailton, começaram a rir. Adailton: “Mandou só calar a boca? Eu mando é mais!”. E começou a me contar a história de uma vez em que era assistente e o presidente do time gritou “Sua mulher tá atrás de você”. Só que quem estava atrás dele era o próprio presidente do time, “então ele estava me [o Adailton] chamando de veado. Eu só peguei e falei: ‘Minha mulher tá é lá na sua casa’, querendo dizer que minha mulher era a mulher dele. Não sei nem se ele entendeu. Sei que ele me chamou de veado e eu chamei ele de corno”.

Esse incidente traz à tona dois aspectos relevantes da arbitragem amadora. Em primeiro lugar, evidenciam-se as relações tensas e ofensivas que os árbitros travam com

os demais atores do futebol. Este, como demonstrou Marcos Alves de Souza em “A nação em chuteiras”, é espaço de expressão da masculinidade e, consequentemente, da violência. A arbitragem amadora não deixa de participar do mesmo tipo de linguagem ofensiva através da qual os atores do futebol se relacionam.

Além disso, o domínio que os árbitros tem dessa linguagem agressiva é visto como fator positivo entre eles. Exploro esse aspecto mais à frente e no capítulo seguinte. Porém vale já ressaltar que se trata de uma estratégia de auto-defesa, já que os árbitros precisam afirmar sua autoridade em campo, demonstrar não ter medo de quem os agride e a maneira que encontram para fazê-lo é responder as ofensas à altura.

Hermes recolheu as súmulas, mas faltavam as do campo da mata, que Manoel deveria ter trazido. Hermes reclamou: “Esse Manoel sempre me arruma encrenca!”.

Os árbitros foram embora e só ficamos eu, Hermes e Adailton. O Hermes, que quando ouviu a história do Boca demonstrou condescendência, agora disse: “Agora você vê, é cada uma, como é que o cara dá o toque de mão errado?”. Ele e Adailton riram. Eu também.

Adailton falou que depois dessa ele está perdoado pelo erro que cometeu outro dia, pois ao menos, na ocasião, estava difícil de ver o lance. Contou-me o que ocorreu: No sintético há um travessão que fica atrás do principal, segurando a rede. Um jogador chutou e a bola bateu nesse travessão de trás e voltou para o campo, o que obviamente seria gol. O árbitro teve dúvidas em relação a onde a bola tinha batido e foi até Adailton – que estava de assistente – se certificar. Adailton: “Eu falei que tinha visto ela batendo no primeiro travessão. Mas, pô, da posição onde eu estava era difícil ver, eu estava bem no fundo do campo. O árbitro não deu o gol”. O time que fez esse gol anulado estava ganhando de 3 x 2. Teria ampliado o placar para 4 x 2. Logo no fim do jogo o outro time empatou e o jogo acabou 3 x 3. “Depois que fiquei sabendo que tinha sido dentro mesmo pedi desculpas, falei que de jeito nenhum eu queria prejudicar o time deles, que eu realmente não tinha visto que foi dentro. Minha sorte é que não teve tanta confusão assim não, o pessoal até foi de boa”.

Após conversar mais um pouco, fomos embora, e Hermes ainda ia atrás das súmulas que estavam com o Manoel.

A intenção dessa seção foi ressaltar a importância que tem para os árbitros esses encontros de fim de dia. Através dos relatos de casos, acusações, confissões de erros, eximção de culpas, afirmação de coragem e bravura, os árbitros realizam uma espécie de rito de expiação dentro de seu grupo e vão formando sua reputação nele.

A fase de mata-mata: encarando e esquivando-se de desafios

Nesses fins de tarde costuma haver um encontro entre os árbitros como esse que acabo de descrever, mas o momento do campeonato em que a arbitragem mais se reúne, conta casos e principalmente troca recomendações, com os árbitros apoiando uns aos outros, é na fase de mata-mata – que é também quando a competição que eles travam entre si se acirra (tocarei nesse ponto mais adiante).

Isso porque no mata-mata, principalmente após o início das quartas de final, o número de jogos diminui e os árbitros não ficam mais o dia inteiro apitando em campos isolados. O trabalho termina mais cedo e muitos vão ao sintético depois. O que também ocorre é que, principalmente no sintético, troca-se o trio de um jogo para o outro, já que, com menos jogos, alguns árbitros deixariam de trabalhar – o que de fato acontece com alguns – se não fosse essa rotatividade.

Foi também nessa fase do campeonato que comecei a interagir mais com os árbitros, já que a convivência aumentou. E agora eu começava a perceber uma coisa nova, a tensão pré-jogo. Até então parecia que os árbitros encaravam a tarefa de apitar com normalidade, sem muita preocupação. Mas à medida que a importância dos jogos aumentava, com a possibilidade de eliminação e classificação serem decididas num jogo, reparei que a apreensão dos árbitros também crescia, o que revelou que essa ansiedade que antecede o jogo não é exclusiva das equipes. É curioso que o trio de arbitragem, que a princípio não disputa nada em uma partida, seja um personagem passível de experimentar tal apreensão.

Mas a tarefa da arbitragem em campo, dimensão que exploro melhor no capítulo seguinte, é permeada de desafios próprios, e nada mais normal do que sentir nervosismo antes do jogo. No caso da arbitragem amadora há um agravante particular, que é uma apreensão em relação à possibilidade de violência, tanto dirigida à arbitragem quanto entre os próprios jogadores. Não que no futebol profissional esse risco não exista, mas neste a arbitragem ainda conta com o policiamento que faz a segurança da partida. Já em São Sebastião “é na tora”, como Hermes já me disse⁹.

⁹ Há um posto policial ao lado do campo sintético, mas que está quase sempre vazio. Hermes me contou que já assaltaram a loja situada exatamente na frente do posto e que uma vez eles foram pedir cobertura para um árbitro que estava sendo ameaçado e o policial respondeu que ele era muito ruim e merecia apanhar mesmo. Até no dia das finais o posto estava vazio. Chá avisou para um amigo policial que a imprensa estava presente, e com isso providenciaram alguém para ficar no posto.

Foi em um dia de jogos das semifinais que essa preocupação dos árbitros em relação à violência iminente ficou nítida para mim, principalmente através do comportamento do Bingola. Um desses jogos foi entre Aliança e Vila Oeste, dois times tradicionais da cidade. Pela primeira vez eu presenciei uma pancadaria generalizada entre jogadores. E tanto ao longo quanto após esse jogo, notei o quanto os árbitros ficaram tensos. O trio, assim que Chá apitou o fim da partida, saiu correndo do campo, pois sabia que a confusão recomeçaria. Tal atitude não deixa de ser sintomática da tensão que a arbitragem experiencia em um jogo como esse.

Quando o Vila Oeste empatou esse jogo, e precisaria apenas de mais um gol para se classificar, Bingola – que era assistente – virou para mim e disse: “Agora vai pegar fogo!”. No mesmo instante começou a pancadaria. Com o fim do jogo, comentei com o Bingola o caráter profético da sua frase. Ele me disse: “É, eu sabia, bicho. Era empatar o jogo que ia dar problema”.

Foi então que eu me dei conta do significado da expressão “vai pegar fogo”. Eu a havia interpretado como sinônimo de “o jogo vai incendiar”, “vai ser um jogo agora”. No entanto Bingola estava se referindo mesmo ao risco iminente de violência. Pude ouvir essa frase outras vezes e perceber nos árbitros o mesmo semblante preocupado com a proximidade de uma encrenca. O comentário de Bingola não era uma mera observação displicente de alguém que comenta um jogo que está acontecendo, e sim uma fala de alguém que estava tenso, que sabia que estava lidando com algo perigoso, que estava o tempo todo receoso de que o pior acontecesse, e ao mesmo tempo torcendo e atuando para aquilo não acontecer. Notei então, retroativamente, como Bingola naquele dia estava inquieto, preocupado em ter que lidar com essas enrascadas.

Há brincadeiras frequentes que os árbitros fazem nesses dias de mata-mata que evidenciam sua apreensão com os jogos decisivos em que estão escalados para apitar: falam que vão fugir, escapar de mansinho.

Em um dia de jogo de volta das semifinais, quando os árbitros se concentravam em volta do carro do Chá, passou uma van gritando: “Rodoviária! Rodoviária!”. E eles começaram a brincar: “Opa! É nesse que eu vou! É para lá que eu vou agora!”, “Vou pegar aquela van ali sem vocês nem verem e quando se derem conta já vou estar lá na Rodoviária. Vão ter que se virar para apitar esse jogo aí!”. Hermes e Bingola eram os que mais faziam essas brincadeiras. Bingola ainda se referiu à van após o jogo que

mentionei acima, falou que não pegaria uma “pedreira” daquela nunca mais, que ia entrar naquela van para a rodoviária sem eles nem verem.

Outra coisa que Hermes disse muito, quando ficaram dizendo que ele seria o assistente do jogo de volta das semifinais da primeira divisão, era que ia viajar para Goiânia, que já estava com passagem comprada, que ia fazer um tour por lá. Falou tanto isso que eu até acreditei e perguntei-lhe se era verdade.

Essas atitudes podem ser vistas à luz de Goffman, que considera como um dos tipos básicos de preservação da fachada¹⁰ o “processo de evitação”: “a saída mais garantida para uma pessoa evitar ameaças à sua fachada é evitar contatos em que seria provável que essas ameaças ocorressem” (Goffman, 2011, p. 21). Mas nesse caso não é mais possível evitar o jogo, este já está para ocorrer e os árbitros já estão escalados para apitá-lo; só lhes restam as brincadeiras, por exemplo alegando que vão fugir.

No entanto, há outros casos em que os árbitros se recusam sim a apitar certos jogos, mas apenas quando avisam com mais antecedência ou até antes da escala ser feita. Hermes também já sabe quem se presta ou não a apitar determinados jogos. Há os que não se entendem com jogadores ou dirigentes específicos, os que não se sentem à vontade para apitar jogos em que há alguém muito encrenqueiro com a arbitragem e também há certas crenças de que tal jogo contém uma ameaça por si só, como transparece na fala de Bingola:

Às vezes quando o árbitro se rejeita a não fazer um jogo, não é simplesmente porque ele tem medo, ou porque ele não tá com coragem no momento, ou porque não é respeitado. Nada a ver com isso. Vou falar um pouco a minha suposição aqui, eu vou te dar meu exemplo de hoje. Domingo retrasado eu fiz o jogo de uma equipe contra outra equipe. Certo? Fui super bem na partida, não interferei, saí de lá super legal. Aí por que que eu me rejeitei a fazer esse mesmo jogo amanhã dessa mesma equipe A contra outra equipe? Mas por quê? Eu não vou correr risco, eu só fui bem na partida, eu vou querer fazer de novo que... E se eu me dar mal? Porra, então, aquela partida que eu fiz ali na primeira, na minha consciência, na minha concepção, ela não vai valer nada, o que vai valer foi que eu fui mal nessa partida. Ou seja, então, não é porque eu tenho medo, ou que eu não queira, é porque eu to pensando no meu bem e na minha integridade e só isso. E eu acho que um bom árbitro ele não repete dois jogos. Porque Edvar sabe, o Chá sabe, o Dal sabe, o Adailton sabe, um bom árbitro, quando você faz uma partida exemplar de um time, dificilmente você vai fazer a mesma partida, novamente na mesma equipe. Dificilmente, então, é por isso que eu, eu propriamente eu me rejeito a fazer dois jogos seguidos da mesma equipe e, na mesma categoria. Eu sou direto, eu não faço. Por causa desse motivo.

¹⁰ Trabalho mais com os conceitos de Goffman no capítulo seguinte e na nota de rodapé número 13 encontra-se a definição de “fachada”.

Novamente vale uma citação de Goffman:

a pessoa voluntariamente fica longe dos lugares e tópicos e momentos em que ela não é desejada e onde poderia ser depreciada. Ela coopera para salvar sua fachada, descobrindo que há muito a ganhar sem nada arriscar¹¹. (Idem, p. 48)

O campeonato que os árbitros travam entre si

A propósito dessa auto-exclusão com vistas a garantir a própria reputação, é hora de trazer à baila o já mencionado campeonato interno que os árbitros disputam entre si, paralelamente ao campeonato oficial. Eu poderia escrever mais sobre as recomendações, intrigas e críticas que os árbitros fazem nessa fase final de campeonato, quando há um contato intenso entre eles. Mas elas são indissociáveis desse campeonato dos árbitros, que também se acirra no mata-mata.

Já ficou evidente como são flexíveis e múltiplas as atitudes dos componentes do grupo de arbitragem de São Sebastião. Ao mesmo tempo em que formam um grupo, se apoiam – dentro e fora de campo –, trocam dicas e recomendações, os árbitros também tem suas disputas e conflitos internos. Essa coexistência de união e desavenças em grupos é assunto já bastante tratado na antropologia.

Ao falar do apelido “Lima” alcunhado pelos árbitros, fiz analogia com a discussão sobre o “parentesco por brincadeira” de Radcliffe-Brown. Pois este autor também influenciou as ideias de Evans Pritchard, que em *Os Nuer* dedica espaço considerável para falar das relações internas e externas dos Nuer.

Pritchard pretende quebrar com a noção de estabilidade da estrutura social. Os grupos se formam de acordo com a situação. Aqueles que em determinado momento estão em disputa podem se unir para lutar contra um terceiro. Um grupo que aparentemente é unido e coeso também possui suas disputas internas, principalmente quando não confrontam um rival.

Os árbitros de São Sebastião não deixam de apresentar essas facetas da relação em grupo. Já discorri aqui sobre a sua união enquanto time, resta agora falar da principal disputa que travam entre si, o que não deixa de ser característico de um time.

Tomei conhecimento dessa disputa interna no dia – já descrito aqui por várias razões – em que Adailton foi embora mais cedo se queixando de câibras. Hermes

¹¹ No capítulo seguinte novamente faço referência a esse processo de evitação estudado por Goffman, dessa vez para uma atitude do árbitro dentro de campo: a vista grossa diplomática.

começou a me falar dos problemas da arbitragem de São Sebastião, a alguns dos quais também já me referi: a preguiça de muitos em trabalhar – como, segundo ele, era o caso de Adailton naquele dia –, o fato de Edvar e Boca serem os únicos que nunca deram trabalho e as reclamações e exigências que os árbitros frequentemente fazem a ele.

É comum que se queixem dos colegas com os quais foram escalados para trabalhar, alegando que não se entendem ou que eles não entendem nada de arbitragem, que não estão no seu nível. Os árbitros reclamam também dos jogos para os quais foram escalados, tanto por serem de times que dão muito trabalho para a arbitragem quanto por se tratarem de jogos desimportantes. E ainda há as reclamações por serem designados a trabalhar mais na posição de assistente do que na de árbitro principal.

Todos esses problemas vicejam ao longo de todo o campeonato, mas é na fase final que eles se avolumam e ganham novo significado. Em suma, a disputa à qual venho me referindo é para ser escalado nos principais jogos decisivos e também para apitar a final da primeira divisão. O pagamento da arbitragem nesses jogos é de igual valor ao dos outros jogos do campeonato, o que nos mostra que não se trata de uma disputa por dinheiro. Tal ânsia por ser escalado só pode ser compreendida em relação à importância que o campeonato e principalmente o dia das finais – que é um grande evento para a cidade – tem para São Sebastião e que a arbitragem tem para eles. A visibilidade e o prestígio que os árbitros dos jogos decisivos ganham são notórios.

Mas essa disputa só se revelou para mim como um verdadeiro campeonato após uma conversa com Chá. Estávamos eu e ele sentados no porta-malas aberto de seu carro, assistindo a um jogo no campo sintético. Ele bebendo uma cerveja, já que não apitaria mais naquele dia, e eu uma Coca-Cola, que ele sempre compra para mim.

A briga pela final foi de fato o primeiro assunto que surgiu quando começamos a conversar. Chá me disse que ele é um dos árbitros mais antigos de São Sebastião, juntamente com o Edvar. Normalmente é um dos escalados para apitar a final; ele e Edvar costumam revezar esse apito.

O que me chamou a atenção foi a expressão utilizada por Chá: disse-me que era ele ou Edvar quem deviam *ganhar a final*. Chá usou essa expressão diversas vezes, não só nesse dia. Parecia que o árbitro era o campeão. Ocorreu-me então que há uma espécie de campeonato entre os árbitros, e que o campeão é o que *ganha a final*; logo, ganha em dois sentidos, tanto *ganha o direito de apitar a final*, como *ganha o campeonato* que eles disputam ao longo do campeonato oficial disputado pelos times.

No entanto, vale ressaltar que se trata de um campeonato ganho fora de campo, através da construção da reputação que os árbitros vão realizando ao longo tanto do campeonato em andamento quanto da sua trajetória em São Sebastião. Tal reputação é obtida através do reconhecimento dos times e, principalmente, dos próprios pares.

As circunstâncias também acabam favorecendo um árbitro ou outro. No caso do campeonato que etnografo, por exemplo, Chá acabou “ganhando a final” também porque Edvar – que, como o próprio Chá declarou, costuma revezar com ele o apito da final – não tem uma relação boa com o dono do Atlético Bela Vista, um dos finalistas. Então Hermes acabou optando por escalar o Chá.

Voltando à conversa com Hermes, ele me relatou como os árbitros começam, a partir do início do mata-mata, a pressioná-lo em relação às escalas. O próprio Hermes diversas vezes fica sem apitar para dar oportunidade a mais árbitros mostrarem serviço; “vou deixar esses fominhas apitarem”, disse-me certa vez quando lhe perguntei se não iria apitar. Muitos ficam reclamando para ele que nas escalas ao longo do campeonato foram designados muito mais para serem assistentes do que árbitros principais. Dizem então que o Hermes tinha que colocá-los para apitar mais nessa fase final, senão seria injusto. Hermes me disse que fala para eles que não tem tempo de ficar olhando as escalas antigas para ver quem apitou mais ou menos, que faz as escalas do mata-mata baseando-se nas escalas recentes.

No entanto não basta começar a trabalhar, ainda que bem, já no final do campeonato. Certa vez perguntei ao Hermes sobre a oportunidade do Anemilson – árbitro que só apareceu para apitar na LADSS nessa fase final do campeonato – apitar a final, pois ele é um árbitro que o Hermes elogia bastante, que tem dez anos de CBF. Mas Hermes disse que “Não, quem vai apitar é quem vem ralando o campeonato inteiro”. Dado que Hermes, dias antes, como relato no parágrafo acima, falara-me que se baseia apenas nas escalas recentes para fazer as dos mata-mata, conclui-se que ver quem “ralou o campeonato inteiro” significa mais a percepção de uma convivência diária do que uma análise rigorosa das escalas.

Hermes também me disse que é preciso ter muito cuidado nesse final de campeonato, saber lidar com a situação, com o grupo. “Esse aí, por exemplo, [apontou para o Adailton, que bandeirava; já se trata de outro dia do relatado mais acima], está todo sentido porque eu botei ele só para bandeirar hoje [iria bandeirar os dois jogos da manhã, da segunda divisão, jogos de volta das semifinais]”.

Mas afirmou que tem que saber escalar, que é preciso fazer as coisas direito, sem ceder a essas pressões, reclamações. Falou (como se estivesse se dirigindo ao Adailton): “Ah rapaz! Para de reclamar! Já to te escalando para assistente! Não é assim também não!”.

Eu mesmo mais tarde presenciei Adailton se queixando disso: “Estava crente que ia pegar esse jogo do Valência e Comercial [semifinal da terceira divisão, com dois times tradicionais de São Sebastião]. Quando vi que ia ter esse jogo pensei ‘esse jogo é meu!’. Mas aí o Hermes me botou para bandeirar dois jogos”. Estávamos – vários árbitros e eu – reunidos em torno do carro do Chá, conversando, e alguns deles se arrumando para apitar o jogo seguinte. Ninguém acrescentou nenhum comentário, nem o Hermes, que também estava presente.

Prosseguindo o diálogo meu com o Hermes, falei para ele, sobre o Adailton: “Mas ele apita bem, não apita?”. Hermes “É, não beeeem, mas sabe apitar”. Falei “Eu lembro dele mandando bem a última vez [a vez em que no jogo seguinte se queixou de câibras]”. E Hermes “É, mas é questão de estilo de arbitragem. Tem uns que tem um estilo que o povo não gosta. O Adailton, o Boca. O cara já vem xingando, respondendo, metendo cartão. Amador não é assim não, moço! Tem que ser na base da conversa. O cara tem que saber conversar, chegar, resolver as coisas. O Chá mesmo. O cara reclama com ele e ele fala ‘Que o quê, cara! Eu como a sua irmã! Rapaz, você tá aqui, mas nem imagina o que sua mulher tá fazendo em casa!’. Aí a gente já falou com ele várias vezes ‘Chá, não faz isso’”.

Demonstro no capítulo seguinte como, a despeito dessa reclamação que Hermes faz contra a maneira de alguns árbitros em São Sebastião lidarem com os jogadores em campo, são esses mesmos árbitros quem normalmente são cotados para apitarem as finais. Boca, Edvar e Chá foram os que apitaram as finais do campeonato que acompanhei, três árbitros que não recuam na severidade em campo.

Mas agora voltemos ao dia das câibras de Adailton. Após o fim dos jogos fomos eu e Hermes para o sintético. Ele seguiu me falando como agora precisava ser mais rigoroso nas escalas e que também excluía aqueles que demonstram ou demonstraram ao longo do campeonato não estarem muito a fim de trabalhar, ou que costumam dar problemas. Os próprios árbitros falam para o Hermes, não sem algum interesse, que dali para frente ele não pode mais brincar com as escalas, que tem que botar árbitros bons.

Vários árbitros estavam no sintético e houve uma discussão entre Manoel e Adailton, pois este reclamava que Manoel ficou acusando-o, na frente de outras pessoas,

de trabalhar bêbado. Depois Adailton foi falar com Hermes da sua câibra, sobre como estava se sentindo. Hermes ficou ouvindo sem dizer muita coisa.

Então Chá sai de campo – apitava o jogo que ocorria – revoltado, falando para todos os árbitros presentes: “Então gente, acho que a gente tem que fazer uma reunião para botar as cartas na mesa, resolver os problemas, porque do jeito que está não está dando não. Vamos ali no meu carro para a gente conversar”.

Eu infelizmente não presenciei a reunião. No domingo seguinte perguntei ao Hermes como tinha sido e ele não falou muita coisa, apenas: “É, o pessoal fez um acerto de contas, falou o que tinha pra falar, lavou a roupa suja”. Perguntei-lhe: “E a briga pela final, continua forte?”. “Iih! Agora é que está boa [risos]. Rapaaaz, o olho nessa final aqui é graaande!”

Podemos perceber como o Hermes funciona como uma espécie de passagem entre as pressões internas do grupo de árbitros e os times. Ele também deve decidir conforme as expectativas dos times e a necessidade do jogo, além de seus critérios internos. Também aqui podemos entrever que o grupo de árbitro de São Sebastião forma um time.

A cumplicidade e a exaltação da coragem na fase de mata-mata

Porém, como já disse, não é apenas disputa que há entre os árbitros nessa fase final, mas a cooperação, cumplicidade e convívio entre eles também aumentam. Ficam falando sobre como será o jogo e no intervalo também dão dicas ao trio.

Certa vez disseram que o próximo jogo ia ser complicado, que não queriam estar na pele do Edvar – que o apitaria. Houve aquela tensão pré-jogo. Chá repetiu que não queria estar na pele do Edvar, e este respondeu que no domingo seguinte – jogo de volta; e por sinal foi quando houve pancadaria entre os jogadores – era ele, Chá, quem apitaria.

No intervalo Edvar veio para perto de nós – os árbitros e eu. Todos se amontoaram ao redor dele. Falaram que o jogo estava bom, que ele estava apitando bem. Edvar respondeu que na verdade estava muito difícil e tenso lá dentro. Que de fora estava bom, mas lá dentro não. Ele riu falando: “Está bom para vocês”.

Eles também recomendam aos colegas sobre como agir no segundo tempo. Chá – que tem fama de dar muitos cartões – falou certa vez para Anemilson – que já leva o jogo mais na conversa – que ele tinha de dar uns amarelos, que não precisava economizar, não. Falou que ele tinha de dar um cartão para o Gerson, que estava “muito

abusado”. Anemilson disse que já tinha dado esse cartão para ele. E Chá: “Ah já!? Então beleza! Então desculpa, meu garoto!”.

Numa palavra, são inúmeros os tipos de interações que eles travam na fase final do campeonato. E como eles se encontram mais, é comum saírem no fim do dia para um bar. Comentam os lances do dia, e um dos assuntos mais debatidos é a violência, as agressões e ameaças.

Os árbitros de São Sebastião costumam ser acusados de medrosos, de não fazerem o que devem por receio do que possa ocorrer. Edvar disse em uma dessas saídas ao bar, em oposição à essa concepção geral:

Não tem nada disso! Muito pelo contrário! A gente é muito corajoso! Para apitar esses jogos tem que ser corajoso! Quem não tá lá dentro não sabe, não tem noção de como é, mas a gente aqui é muito corajoso! Não é qualquer um que apita um jogo desse não!

É digno de nota o espaço que a coragem e a violência ocupam em suas conversas. Marcos Alves de Souza, em “A nação em chuteiras”, nos mostra como o futebol no Brasil é espaço de afirmação da masculinidade, e isso passa necessariamente pela violência, ainda que a ideia do esporte seja imprimir limites a essa violência, promover uma batalha ritualizada, onde a violência física não esteja presente.

Na arbitragem amadora não é diferente, sobretudo porque os árbitros estão diretamente expostos à possibilidade de serem agredidos. Sem nenhum respaldo em que se amparar, por mais que seja comum que muitos separem as brigas quando elas ocorrem, resta aos árbitros confiarem neles mesmos, e dessa forma as afirmações de que, se forem agredidos, agredirão também, são abundantes. Dizem que não tem medo, que os próprios jogadores sabem que, dependendo do árbitro, é melhor não agredi-lo, pois não deixam de revidar, ainda que não seja no momento exato do jogo. E, de fato, na única vez que presenciei agressão à arbitragem, esse revide ocorreu. A maioria dos árbitros – entre os que apliquei o questionário (ver anexo), 58,3% – já passou por essa experiência de agressão, se não em São Sebastião, em outros locais.

Considerações finais

A intenção desse capítulo foi mostrar quem são os árbitros amadores de São Sebastião, expor a situação social em que vivem, as características do grupo que eles

formam, o campeonato interno que disputam, sua rotina nos dias em que apitam e a importância da arbitragem para suas vidas.

Não podemos interpretar tal importância como sendo apenas financeira. Simoni Lahud Guedes, em “O Brasil no campo de futebol”, através de etnografias feitas em bairros de trabalhadores no Rio de Janeiro, demonstra-nos a importância dos campeonatos amadores de futebol para a vida dos moradores. Não podendo fazer do espaço de trabalho algo criativo, os trabalhadores utilizam o local de residência para exprimir tal necessidade. Já Bromberger, em “Football”, a propósito das torcidas organizadas na França, nos diz: “Loin de leur boulot, de leur famille, de leur anonymat, ils [os integrantes das torcidas] ont la possibilité d’être reconnus, d’avoir un rôle au sein d’un communauté” (Bromberger, 1998, p. 105).

Essas afirmações também são válidas para compreender a importância que a arbitragem toma para os árbitros de São Sebastião. Os outros empregos deles – citei alguns acima – normalmente não propiciam tamanho reconhecimento e reputação de que gozam em sua cidade, histórias para contar, polêmicas, intrigas, fruição do esporte, competição desse campeonato interno que disputam, pertencimento a um evento importante para eles. A maioria não trabalha na cidade onde mora, não usufrui do reconhecimento que lhe é proporcionado por arbitrar em São Sebastião. De fato, é raro ouvi-los falar sobre seu outro emprego.

Através da descrição feita nesse capítulo, quis então não apenas expor o cenário em que vivem os árbitros de São Sebastião quando estão realizando sua atividade amadora, mas também tentar evidenciar por que a arbitragem é tão importante para eles. Passarei agora a tratar de como eles executam sua tarefa dentro das quatro linhas.

3º CAPÍTULO

A teoria e a prática da arbitragem de futebol amador

O envolvimento da arbitragem com o jogo

Em uma das primeiras conversas que travei com árbitros, quando ainda não havia decidido em que cidade fixar minhas atenções, o árbitro veterano Pantera me disse – quando eu assistia a uma final em Sobradinho – que gostava demais de ser árbitro, que se nascesse de novo seria árbitro novamente, que o árbitro está dentro de campo igual aos jogadores.

Esta última afirmação me intrigou. Eu até então não havia vislumbrado essa dimensão da profissão de árbitro. Não tinha parado para pensar o quão envolvido com o jogo ele costuma ficar. Em São Sebastião, já após eu ter desenvolvido boa parte da pesquisa, perguntei a respeito disso e Edvar me disse que “o árbitro entra com a atenção mais voltada do que o próprio atleta”.

Essa questão da sensação de pertencimento ao jogo se apresentou ao longo de toda a pesquisa. Além disso, o modo como por vezes os árbitros organizam seus discursos pareceu-me exprimir também um sentimento de que o próprio jogo lhes pertence. O assistente Paulo Lima, após um pênalti marcado por seu colega Boca com apenas vinte segundos de jogo, comentou com alguém que estava por perto: “Igual o meu! *Eu* mal *comecei* o jogo e *dei* um pênalti também!”. A utilização do pronome possessivo e do verbo conjugado em primeira pessoa não deixou de me parecer representativa de uma noção de propriedade sobre o jogo e seus lances.

Paulatinamente foi ficando evidente para mim que o árbitro, no caso – o que traz diferenças consideráveis – o árbitro amador, tem um papel muito singular a desempenhar dentro de campo.

De início até senti uma identificação, enquanto antropólogo, com os árbitros. Eu, como iniciante tanto em antropologia quanto no estudo da arbitragem amadora, tive a sensação de que nos dois casos o indivíduo faria melhor o seu trabalho se não existisse. Se pudesse ser invisível, não ter corpo, e estar em todos os lugares que deseja, com a proximidade necessária, o árbitro poderia garantir a ausência de erros em seus julgamentos – jamais a ausência de contestações, a não ser se pensarmos que, se não existisse, não haveria a quem contestar –, poderia ver tudo, estar no espaço entre o pé e a bola para saber quem a tocou por último, movimentar-se na mesma velocidade que ela e nunca correr o risco de estar em um lado do campo e ver a bola ser subitamente

lançada para o lado oposto, e evidentemente, não se preocupar em, estando muito perto do lance, atrapalhar a jogada, tocar na bola, trombar com o jogador, impedir a continuação de um drible ou de uma troca de passes. O árbitro é obrigado a ter que, ao mesmo tempo, estar presente em cada lance e estar afastado dele. Sua presença é indispensável e indesejada.

O antropólogo também teria sua vida facilitada se lhe fosse possível ouvir todos os diálogos, enxergar todos os gestos e olhares, percorrer todos os espaços. Entretanto, os dois – árbitro e antropólogo – tem que lidar com a sua existência física e com o modo que ela interfere ao seu redor. Os dois parecem carregar essa sina da presença inescapável e obrigatória. Wisnik elaborou reflexão semelhante: “o juiz é um *narrador intrusivo em primeira pessoa* que está estruturalmente obrigado a se passar por um *narrador onisciente em terceira pessoa* (como se fosse possível chegar a isso com o auxílio de dois bandeirinhas)” (Wisnik, 2008, p. 107, grifos do autor).

O jogo dos que não jogam: a singularidade dos interesses e do papel da arbitragem amadora em campo

Passada essa angústia com a impotência que eu e os indivíduos que começava a estudar tínhamos perante as situações em que éramos colocados, pude me concentrar mais em observar as atuações dos árbitros dentro de campo, a singularidade do seu papel, a maneira como eles lidam com a condição em que se encontram e suas prioridades e ações ao longo da partida.

Tudo foi me conduzindo a perceber que os árbitros também jogam um jogo – imperceptível para muitos – enquanto a partida mais aparente ocorre. Um jogo a princípio sem muito sentido, posto que o árbitro não foi colocado ali para jogá-lo. Sua posição é justamente a de quem nega qualquer jogo, de quem está “incluído no campo e excluído da disputa” (Wisnik, 2008, p. 104). No entanto, sem saber jogar esse jogo singular, o árbitro amador não é capaz de apitar uma partida, e de certo modo esta última também necessita que ele o jogue.

Adailton afirma que “Não importa o resultado de “a” nem “b”. Eu não tenho time! Meu time é aqui, é o trio, ó. Tá entendendo? Meu time é esse aqui”. É significativo que o termo “time” tenha sido empregado para denominar o trio em campo. Além de indicar o caráter do grupo, não deixa de corroborar a ideia de que há uma incumbência de se jogar um jogo.

O mais curioso é que o jogo que a arbitragem deve saber realizar é de natureza diametralmente oposta à do jogo travado pelas equipes. A figura indispensável para a realização de um jogo oficial – o árbitro, auxiliado por seus assistentes –¹² possui interesses na partida que são divergentes dos interesses dos jogadores.

Lévi-Strauss (cf. Lévi-Strauss, 1997, pp. 46-49) nos mostrou que o jogo se difere do rito por partir de uma igualdade inicial entre duas partes opostas e engendrar uma desigualdade final – e que por isso tal atividade goza de aceitação nas sociedades industriais modernas. Essa lógica está presente no futebol, embora boa parte da singularidade e popularidade desse esporte possa ser atribuída às suas características que elidem ou competem com esse padrão de produtividade (cf. Bromberger, 1998, 2006; DaMatta, 1982, 2006; Ramos, 2007; Toledo, 2000[a], 2000[b], 2008; Wisnik, 2008).

Obviamente, para que a lógica da diferenciação possa ser posta em prática, bem como para que a singularidade do futebol enquanto esporte não totalmente adaptado a essas regras possa desabrochar, o jogo precisa acontecer. A bola precisa rodar de um lado para o outro do campo. Mas é justamente nesse ponto que os interesses das equipes e da arbitragem se afastam. Como Edvar explicitou para mim:

Olhe só. A regra diz que a bola, ela tem que estar sempre em movimento. Sempre, sempre em jogo. Mas não é por aí que o árbitro aprendeu, não. Não é por aí, não. Existe regras e existe regras. E você sabe muito bem que nós adultos sabemos muito bem disso, que existe tudo isso. E na maioria das vezes, o árbitro ele tem que ser inteligente pra entender que aquela bola rolando é problema. Aquela bola em jogo é problema. Portanto, evitem o máximo. Que descubra a imprensa, que descubra o companheiro de cá, ou de lá. Evite o máximo que essa bola esteja em movimento. Principalmente em jogos ruins. Por quê? Porque quanto menos jogo, menos trabalho, menos problema, e menos correções no jogo. Então, o seguinte. Calma. Conta! Até dez, cento e um e vai seguindo. Conta até seis, vai aí. E aí o tempo vai

¹² Indispensabilidade que às vezes a arbitragem explicita para se afirmar na partida. Hermes uma vez gritou para um jogador que queria voltar ao campo com o jogo rolando: “Isso aqui não é pelada, não! Ai ai ai!”. Edvar, quando bandeirava no sintético, certa vez expulsou um torcedor – que estava do lado de dentro – gritando: “Você não sabe o que aconteceu lá [o torcedor xingava o árbitro por ter expulsado um jogador reserva, afirmava com muita certeza que o jogador não havia feito nem falado nada]! Tá desrespeitando o trabalho do árbitro! O árbitro tá aqui pra quê, pô? Senão, não precisa de árbitro! Se for para jogar pelada não precisa de árbitro!”. Uma fala curiosa que ouvi a respeito da arbitragem foi a de um torcedor em Sobradinho: “Vou te falar uma coisa, o que causa a briga em um jogo é a arbitragem. O problema do jogo é a arbitragem. Você vê os caras jogar três horas de pelada e não sai uma briga. É só entrar a arbitragem que começa a ter briga. Pode ser até uma pelada mais séria, que não dá briga. Mas bota a arbitragem e começa a confusão”.

passando. A bola saiu ao jogo, ao campo, se não tem gandula, por que que você tá batendo o apito pedindo outra bola? Você quer que eu vá buscar a bola, negão? Não! Espera! Quem é o maior interessado na partida? Não são as equipes? Portanto, que você reponha a bola, não eu.

Tamanha discrepância de interesses revela que a arbitragem tem uma imagem a zelar ao longo da partida. Imagem que está a todo momento do jogo correndo o risco de ser denegrida. O trio está ali para conduzir bem a disputa, mas para isso ele precisa concomitantemente conduzir bem a si mesmo. Uma relação complexa se instaura aqui. Ao mesmo tempo que a arbitragem amadora depende da partida para impor sua autoridade, provar sua competência, passar uma boa imagem de si mesma, essa própria partida é que ao longo de toda a sua duração a ameaça de perder seu prestígio. E, além do mais, se a arbitragem fica “desfigurada” ou com a “fachada envergonhada” – para usar os termos de Goffman –, a própria partida que a colocou naquela situação se desordena¹³. Os jogadores, técnicos e torcedores a todo momento xingam e rebaixam a arbitragem, mas eles próprios tem muito a perder se com essa pressão o trio perder o controle se si.

Isso é ainda mais significativo na arbitragem amadora, que não usufrui de aparatos de segurança para realizar seu trabalho. Na vez que presenciei agressão física à arbitragem, o jogo foi encerrado imediatamente, ainda no primeiro tempo. Assim, “aquela bola rolando é problema”¹⁴, porém sem que ela role não há como a arbitragem

¹³ Goffman chama de “fachada” [*face*] “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular” (Goffman, 2011, pp. 13-14). A “linha” citada nessa frase é o que Goffman chama “um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela [a pessoa] expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria” (Idem, p. 13). “Desfiguração” [*defacement*] é a perda dessa fachada. E fachada envergonhada [*shamefaced*] é quando “uma falta de apoio apreciativo percebida no encontro” vem a “chocá-la [a pessoa], confundi-la e momentaneamente incapacitá-la enquanto participante da interação” (Idem, p. 16). Goffman nota que a percepção de que alguém está com a fachada envergonhada “pode adicionar mais desordem para a organização expressiva da situação” (Idem, ibidem), exatamente como ocorre na partida de futebol quando o árbitro é flagrado nesta situação.

¹⁴ Uma fala frequentemente pronunciada pelos árbitros e até por assistentes em campo evidencia “o problema que é” a bola rolando. É quando há um lance de muita proximidade entre adversários e a arbitragem adverte: “Sem falta!” ou “Só bola! Só bola!”. A princípio esse tipo de recomendação seria de interesse dos times, seja porque querem marcar bem e não ser violentos, seja porque pretendem evitar levar cartão e perder jogador, seja porque não querem correr o risco de sofrer a cobrança de uma falta na direção de seu gol. O que caberia ao árbitro seria marcar essas faltas quando ocorressem, e punir o jogador adequadamente. Mas não falar para ele não fazer a falta, pois o árbitro não teria nada a ver com isso, não seria teoricamente prejudicado com uma falta. Porém, o fato é que o árbitro tem sim muito interesse em que não haja faltas no jogo. Primeiro temos que lembrar que ele está envolvido no jogo, está dentro dele, e, como é encarregado de controlá-lo, esta atitude pode sair espontaneamente. Depois, e atrelado a isso, se ele é incumbido de manter a lisura do jogo, talvez perceba que o seu papel é mais do

mostrar o seu trabalho. É nessa corda bamba que ela deve saber andar, esse é o jogo que ela joga, é o “jogo de cintura” que ela tem que ter, como muitos árbitros em São Sebastião me disseram.

Luiz Henrique Toledo, em sua tese de doutorado “Lógicas no futebol”, explora como o futebol, pela maneira que é estruturado, engendra discursos dos mais diversos na sociedade brasileira. Toledo classifica três tipos de discurso – o dos profissionais, o dos especialistas e o dos torcedores. Cada um deles, por mais que não possua limites absolutos em relação aos outros, tem suas idiossincrasias e singularidades quanto à fruição do jogo¹⁵.

O juiz é incluído na categoria dos profissionais – os que interferem diretamente no jogo. As regras, como Toledo demonstra, foram sendo alteradas ao longo da história do futebol de modo a possibilitar a permanência e aprimoramento do que se convencionou chamar de “cultura da arbitragem”. Esta “norteia-se por três princípios que sustentam a natureza da competição do ponto de vista de suas regras: a igualdade, a segurança e a fruição (o prazer e a plástica do jogo)” (Toledo, 2008, p. 52). A arbitragem está em campo para garantir essas prerrogativas. Se ela é capaz de lidar bem com isto, é avaliada positivamente. Porém, para fazê-lo, é preciso dominar uma série de outros atributos muitas vezes não explicitados ou até incompatíveis com as regras do jogo.

Portanto, nesse capítulo vou me concentrar não no discurso oficial da arbitragem que traz características que o incluem no discurso dos profissionais – até porque estudei

que punir, é conduzir a partida, e para isso não basta, obviamente, punir. Deve garantir o não cometimento da falta, se antecipar a ela, evitando-a e permitindo que a partida flua. Por fim, e é esse o ponto que quero ressaltar, o árbitro tem sim o que perder com uma falta; dependendo da falta, do momento do jogo, de vários fatores, e da atuação que ele vem tendo no jogo, a situação pode complicar para ele, pode haver mais reclamação, pode haver briga, mais pressão em cima dele, pode ter que expulsar alguém e causar polêmica, enfim, pode ser obrigado a tomar alguma decisão, e isto gera problemas. Dessa forma, é preferível se antecipar a essa tomada imperativa de decisão e tentar evitar algum lance que o obrigue a isso.

¹⁵ No artigo “Jogo livre”, Toledo dá um exemplo dessa dessemelhança de perspectivas que é pertinente para esse trabalho: “Segundo o ex-árbitro do quadro da Fifa, Emídio Marques de Mesquita, do ponto de vista da arbitragem ‘o pênalti seria tão somente uma maneira de o jogo ser iniciado’ (Caderno de campo, 5/11/1996). [cf. Regras de futebol, 2012, p. 44]. Nota-se o quanto essa representação se afasta da perspectiva do torcedor, que vivencia no pênalti um momento de intensa emoção” (Toledo, 2008, p. 206). Constatação que, no que concerne à arbitragem amadora que acompanhei em São Sebastião, é mais ideal – serve para classificar tipos de comportamento – do que empírica, posto que pude observar que a arbitragem, especialmente os assistentes, muitas vezes se envolve com as jogadas, comentando sobre o lance com quem está por perto e às vezes até indicando ao banco de algum time o que seus jogadores estão fazendo de certo e de errado.

o contexto amador –, e sim nas ações da arbitragem amadora dentro de campo, no modo como a cada jogo ela efetiva as tarefas que lhe são incumbidas. É o que a singulariza em relação aos outros atores incluídos na categoria “profissionais” de Toledo que me interessa – adaptando para o contexto amador, onde não há preparadores físicos, fisiologistas, médicos ou psicólogos, os “profissionais” seriam os jogadores, técnicos, donos de time. A intenção é evidenciar que o jogo que a arbitragem joga na partida é essencial para o andamento desta, por mais que muitas vezes pareça priorizar valores incompatíveis com o ideal do futebol. Em suma, analiso o modo como a arbitragem impõe sua autoridade em campo, autoridade que ela está a todo momento correndo o risco de perder¹⁶.

O fator compensador

A imprevisibilidade da sequência de acontecimentos ao longo de uma partida e os inesperáveis resultados que cada mínima decisão da arbitragem – ou o acúmulo dessas decisões – pode engendrar são, se observados com acuidade, de natureza estarrecedora.

Um excerto das minhas observações de campo pode ilustrar esse cenário:

Manoel fora criticado por muitos por um pênalti não marcado. Pouco depois, o atacante do mesmo time que teria sofrido o pênalti domina a bola com a mão dentro da área (bem disfarçado e tentando esconder do árbitro). Hermes levanta a bandeira e Manoel – percebi que também tinha visto o lance – apita e dá cartão amarelo. Todo mundo reclama. Isso me fez pensar em como as circunstâncias do jogo e as decisões do árbitro enredam situações imprevistas. O jogador sabia muito bem o que estava fazendo e visivelmente havia dominado com a mão na tentativa de enganar o árbitro. Ou seja, qualquer reclamação seria fingimento. Mas até aí tudo bem, praticamente toda marcação de falta é alvo de críticas e se dependesse disso nenhuma falta seria falta, ou tudo seria, dependendo do ponto de vista. Mas o engraçado é que com essas duas marcações – a do pênalti (uma não marcação), realmente bastante discutível, e essa da mão, indubitavelmente correta – disseminou-se a ideia de que o juiz estava contra eles. Daí por diante toda marcação seria marcação (no outro sentido da palavra). Um único lance de

¹⁶ O artigo “How do amateur soccer referees destabilize a match?” apresenta um estudo realizado na França sobre um comportamento na arbitragem amadora em que a inversão de prioridades e o interesse do árbitro na partida são levados ao paroxismo. Comprovou-se que muitos árbitros amadores, quando estão sendo assistidos por alguém que pode alavancar suas carreiras, mas o jogo está muito monótono, sem oferecer oportunidades para o árbitro demonstrar sua qualidade, tomam a decisão de desestabilizar a partida (por exemplo anulando um gol) apenas para exibir sua destreza em gerir uma confusão. Goffman tipifica esse tipo de comportamento como o de alguém que cria uma ameaça à própria fachada “com o objetivo de ganhar algo [...]. Se sua avaliação do eu será testada contra eventos incidentais, então ela pode preparar eventos incidentais favoráveis” (Goffman, 2011, p. 30). Não notei comportamento semelhante em São Sebastião.

possível erro decisivo para o destino do jogo – na minha visão realmente foi – seguido por um acerto inquestionável, só que novamente prejudicial ao time, transfigurou-se numa ideia de complô. Tudo agora era reclamação e contestação.

Pude observar fatos semelhantes em outros domingos, que quando pipoca uma coisa para cima de um árbitro, quando ocorre alguma polêmica, quando um time acha que está sendo prejudicado, toda marcação – sendo ou não polêmica, duvidosa, tendenciosa – do árbitro a partir de então é veementemente questionada. E pelo que pude observar nem sempre se trata de querer pressionar o árbitro, e sim de uma real crença de que se está sendo roubado, ou no mínimo prejudicado.

Até quando a marcação é incontestável, claramente correta, a arbitragem não está isenta de ser interpretada como o carrasco de um time que por ventura for diretamente prejudicado por ela. Certa vez um assistente teve que anular dois gols do Comercial por impedimento. A aplicação da regra foi indubitavelmente correta, mas se tratando de dois gols, algo que é decisivo em um jogo de futebol, o que não faltou foi reclamação em cima dele e a disseminação da ideia de que ele os havia “sacaneado” – ainda mais quando não há videotape para expor novamente o lance, o que faz com que cada um relate a história ao seu bel-prazer. O interessante de se notar aqui é que é o bandeira o acusado de “sacanear” o time, e não que foi o próprio time que acabou convertendo dois gols inválidos – é claro que essa não é a opinião de todos e talvez muitos dos que reclamam possam reconhecer que o erro não foi do assistente, mas não deixa de ser uma acusação feita ao bandeira, e com uma carga alta de violência.

Como lidar com tudo isso? Quando indaguei aos árbitros sobre as estratégias para fazer valer sua presença em campo e impor sua autoridade, a primeira resposta que obtive foi a respeito do “fator compensador”.

Eu já havia ouvido os árbitros profissionais Giuliano Bozzano – atualmente advogado da Associação Nacional dos Árbitros de Futebol do Brasil – e Sandro Meira Ricci falarem em palestra a respeito desse fator. Giuliano disse que, através da reação de jogadores em quem confia, da intuição, da torcida, o árbitro costuma saber que errou. Mas o que ele não pode é, ao ter essa percepção, querer compensar o erro. Falou que esse autocontrole é um dos principais fatores que definem um bom árbitro. Disse ainda que acredita que tal qualidade é nata em um árbitro. Existe todo um trabalho de preparo psicológico, mas o árbitro que sabe lidar com isso é – segundo ele – porque nasceu com essa capacidade.

O discurso dos árbitros amadores de São Sebastião a respeito do “fator compensador” se deu de forma mais ambígua. Perguntei-lhes quais eram suas estratégias para impor autoridade em campo. Edvar tomou a frente e afirmou:

O mais importante do árbitro é o fator compensador. *Esse fator compensador ele jamais deve existir no árbitro.* ‘Ah, você expulsou fulano de tal, você vai recompensar por fulano de tal’. ‘Ah, eu só

expulso se for de dupla'. Isso o árbitro tem que entender que ele não pode usar esse critério. O árbitro tem que ter autonomia em todo sentido. Existe da regra do futebol a última que é aquela 18. Aquela 18 é criada totalmente pelo árbitro¹⁷. O árbitro, quando tem a capacidade de ser inteligente, ele usa essa como a ferramenta principal dele. Portanto o árbitro não pode em momento algum, em momento algum, perder o sentido do jogo. O porquê disso... porque o capitão inteligente ele descobre. 'Ah, você se perdeu!' 'Você tá se perdendo!' 'Você vai se perder!' 'Ei rapaz, aqui se tiver que bagunçar meu jogo quem bagunça sou eu!' E acabou-se. E chega com respeito. Primeiro você tem que ter conhecimento do que você tá fazendo. Não adianta você querer... Eu te pagar pra você fazer um traço de cimento se você não sabe nem mexer com... O sentido do negócio é o seguinte, ou você faz com conhecimento, ou não se meta a besta de ir lá. Portanto a autonomia é do árbitro, ele não pode perder em momento algum o sentido do que ele tá fazendo.

Notemos que Edvar começa afirmando peremptoriamente que o árbitro não pode utilizar o “fator compensador”. Continua a fala sugerindo uma autonomia do árbitro em relação às suas decisões. Surgem intervenções dos seus colegas, principalmente do Boca:

O custo de nós manter a moral dentro de campo é usando o mesmo critério para um e para o outro. De que forma? Deu um empurrãozinho ali, a zaga deu um empurrãozinho, lá na outra dê também, porque se você não der o empurrãozinho, pronto. Você já torna se perdendo a sua moral, o seu controle.

Ao que Edvar reitera: “Fator compensador”. E Boca continua: “Fator compensador, quer dizer, mesmo critério [...]”. Dá um exemplo de um suposto lance em que um árbitro não aplica cartão amarelo em uma falta que requisitaria tal punição e quando ocorre uma falta idêntica para o outro time o árbitro aplica. Critica esse tipo de atitude e conclui: “Por isso que eu to falando. Fator compensador como ele [Edvar] disse”. Continua uma conversa sobre o assunto, Dal em certo momento fala “É o tal do jogo de cintura, né?” e eu mesmo participo da discussão. Por fim, Edvar afirma:

Aí é o critério. Agora é o seguinte, você tá conduzindo uma jogada e eu, por vacilo, marco uma falta pra você. Aí eu percebo, caraca, não foi falta. 'Ei, não foi falta não, bagunçado!'. Tá então, beleza. No outro lado que vai ser a mesma coisa, ele vai fazer a mesma situação. Por quê? Além dele usar o critério, *ele vai ter que usar o fator compensador*, por quê? Ele usou aqui, ele vai ter que fazer lá! Então,

¹⁷ O futebol possui 17 regras, definidas pelo International Football Association Board (cf. Regras de Futebol, 2012). A “regra 18” é o que se convencionou chamar a habilidade e o bom senso do árbitro em aplicá-las, em não aplicá-las, ou, se quisermos, em adaptá-las. Poderíamos afirmar que toda a discussão desse capítulo gira em torno da “regra 18”.

nessa situação o árbitro não pode fazer com que as pessoas descubram que ele tá usando critério diferenciado. Ou ele tem esse controle, ou ele não consegue terminar o jogo.

Ambiguidade semelhante também despontou nessa mesma conversa quando se referiam à omissão do árbitro em relação aos lances. As frases variaram desde “a regra diz que o árbitro não pode ser omissos” ou “não pode ser omissos” até “você tem que ser omissos em alguns lances”.

É significativo que o que me foi apresentado como a principal proscrição imposta ao árbitro se ele não quiser perder sua moral dentro de campo (“ele não pode utilizar o fator compensador”) seja de natureza tão fluida e moldável. Percebe-se assim que *o árbitro, para impor sua autoridade em campo, precisa saber não apenas adaptar as regras do jogo para o melhor andamento da partida e para a sua própria situação dentro desta, mas também jogar com as regras que eles mesmos criam, ou seja, reformular dentro de campo os preceitos que eles tem como básicos para uma boa arbitragem.*

Apesar das tentativas de alguma definição do que seria uma conduta indispensável para o árbitro amador em qualquer jogo e em quaisquer circunstâncias deste, com as mais simples ponderações, as afirmações peremptórias começam a se esfarelar. Apenas o contexto pode dizer o que deve ou não ser feito. Como Edvar me disse muitas vezes, “é momento de jogo”.

A proibição da agressão e a dificuldade de sua marcação

A princípio teríamos uma proibição básica em relação à qual a arbitragem nunca poderia ser transigente: a da agressão. Independente do contexto, esta teria sempre que ser punida, afinal, em última instância é essa a função do árbitro, não deixar que a violência ultrapasse o limite do permitido. No entanto, a prática novamente ofusca a teoria. Houve um jogo no campo São Paulo em que reclamaram muito que Hermes estava deixando tudo passar, não marcava as faltas, nem dava cartão. Houve faltas bem violentas e algumas ele sequer marcou. O jogo ficou muito tumultuado, com torcida e jogadores bastante revoltados, chamando-o de ladrão. Ao fim do jogo Hermes me disse que houve várias faltas para cartão, mas que se ele distribuísse amarelo de acordo com essas faltas, teria dado já no início de jogo uns três cartões para cada lado e isso bagunçaria o jogo todo. É melhor deixar passar, para poupar os cartões. *Só não pode ter agressão* – disse ele. Fica claro assim que o árbitro tem que se valer de algumas

estratégias de atuação. Nem sempre é desejável que a lei seja aplicada ao pé da letra, ao menos no início do jogo – às vezes há “pé alto” (que é proibido) no início de jogo e nem os próprios jogadores reclamam. Isso pode acarretar em um comprometimento do desenvolvimento saudável da partida. O juiz tem que fazer opções quanto à aplicação imperativa da regra, pensando se esta acarretará em um impedimento à fluência inerente ao futebol. Entretanto, é preciso lembrar, só não pode haver agressão. Porém, onde está o limite da agressão? Muitas faltas eram até bastante violentas, apesar de não apresentarem o caráter de agressão “gratuita”, ou, se quisermos, intencional. E o mais curioso de tudo isso foi que, mesmo que Hermes tenha conseguido poupar alguns cartões, o jogo foi muito conturbado e polêmico. Ele sofreu reclamação de todos lados, mas ainda assim disse que agiu corretamente, pois se tivesse feito de outra forma teria complicado muito a partida.

Outro exemplo é ainda mais significativo para esta discussão, pois se tratou, aqui sim, de violência “gratuita”. Em um jogo de semifinal entre Aliança e Vila Oeste, logo no início, dois jogadores se trombaram próximos à lateral do campo, bem na minha frente e do Hermes, que assistíamos do lado de fora do alambrado. Os jogadores estavam também entre o Manoel, que bandeirava naquele lado, e o Edvar, que apitava e estava perto da jogada. Os dois caíram e o Edvar marcou a falta a favor do Aliança. Mas, na hora de levantar, houve um estranhamento, e o jogador do Vila Oeste empurrou com força a cara do jogador do Aliança com a mão. Este caiu no chão e, apesar da agressão ter sido clara, fez toda uma encenação, como se tivesse sido gravemente machucado. Edvar parou e ficou olhando para o jogador caído, sem fazer nada. Passaram-se poucos segundos e começaram reclamações veementes, indignadas de não verem reação do juiz perante agressão tão acintosa. Exigiam o cartão, e o cartão vermelho. E o pior era que tudo tinha se passado debaixo dos olhos do juiz e do bandeira, estava claro que eles tinham flagrado o lance. Edvar, após alguns segundos sem reação, correu até o local do lance e começou a dar uns gritos de repreensão, aparentemente não direcionados a ninguém. A repreensão, na verdade, foi mais contra a reclamação que vinha para cima dele, do que contra a agressão. Não era uma advertência de que na próxima daria cartão. Os jogadores do Aliança ficaram indignados, e foram reclamar com o Manoel, afirmaram que ele tinha visto a agressão, que ele tinha que exigir o cartão para o Edvar. Hermes comentou comigo que tinha sido agressão por parte do jogador do Vila Oeste sim, mas antes dessa o jogador do Aliança tinha agredido também, e se ele fosse expulsar teria que expulsar os dois.

Hermes gostou da atitude do Edvar, pois se ele expulsasse os dois, o que para Hermes ele tinha que fazer se decidisse expulsar alguém, o jogo se complicaria logo no início. E é provável que houvesse muita confusão, pois o time do Aliança com certeza não se sentiria digno dessa expulsão, já que a agressão do Vila Oeste foi bem mais acintosa. No fim do dia, o lance rendeu discussão no facebook. O jogador do Aliança que sofreu a agressão reclamou da omissão da arbitragem no lance. Hermes disse-lhe que era um jogo muito difícil de arbitrar, e que o Edvar, se fosse expulsar alguém, teria que expulsar os dois. Edmar – o jogador – respondeu que então ele próprio também deveria ter sido expulso e reclamou que a arbitragem já chega em campo com medo de fazer o que deve ser feito.

A importância da postura da arbitragem em campo

O modo através do qual a arbitragem amadora demonstra conhecimento do que está fazendo e, conseqüentemente, impõe sua autoridade em campo passa diretamente pela forma como impõe sua presença física, gesticula, demonstra convicção nos seus gestos e, também, pela sua comunicação verbal com os participantes da partida. Mais ou menos como o mágico de Mauss, que deve dominar uma série de ações manuais e verbais para legitimar a eficácia de seu ofício e se apresentar como alguém capaz de conduzir uma cerimônia (cf. Mauss, 2003), fazendo com que seus atos instituem uma comunidade de pessoas que acreditam nele, assim, o árbitro precisa demonstrar o domínio tanto de uma linguagem verbal quanto não-verbal pertinentes para cada situação do jogo, e desse modo se apresentar como alguém capaz de conduzir uma partida.

Às vezes a arbitragem acaba recorrendo à estratégia de afirmar explicitamente sua autoridade, como quando Manoel gritou para um técnico que não parava de reclamar: “Quem manda aqui é o árbitro!” – o que provocou uma zombaria na torcida –, ou a vez em que Paulo Lima gritou, para alguém que reclamava, “Ãh, ãh [não não], a lei é nossa!”. Mas no geral a forma da arbitragem explicitar essa autoridade é através de suas ações e decisões, desde as mais aparentemente insignificantes até as mais importantes.

Na arbitragem amadora não é tão necessário que se domine e pratique meticulosamente as regras oficiais de como soprar o apito, levantar o braço, balançar a bandeira, etc. Apesar de Bingola ter me dito que “hoje em dia tudo se globalizou”, e que o árbitro amador deve dominar essas técnicas, pois se alguém que as conhece estiver

assistindo ao jogo saberá que a arbitragem não entende do que está fazendo, outros me disseram que não precisa ser muito rigoroso em relação a isso – o que se comprova etnograficamente, pois a maioria não fez curso de arbitragem, tendo aprendido a apitar a partir de dicas dos mais experientes.

O que é necessário ter é postura – “porte”, segundo Goffman: “elemento do comportamento cerimonial do indivíduo tipicamente comunicado através da postura, vestuário e aspecto [alguns árbitros em São Sebastião passam até perfume antes de apitar], que serve para expressar àqueles na presença imediata dele que ele é uma pessoa de certas qualidades desejáveis ou indesejáveis” (Goffman, 2011, p. 78) –, é fazer com que o jogador entenda as suas marcações e indicações, mesmo que elas não sejam executadas com gestos que sigam à risca as regras oficiais. A arbitragem, basicamente, precisa impor e transmitir claramente a sua compreensão do jogo para ela própria poder se impor nele. Vejamos uma fala do Hermes:

Às vezes a bola sai, aí o assistente dá aquela olhadinha, quer dizer, ele não tem convicção nenhuma. O cara cobra de você. Você não tem certeza no lance. Quando o assistente já faz assim, logo aqui [Hermes simula a mão levantando a bandeira com convicção], *ele pode estar errado!* O cara não fala. Às vezes só um gesto desse aqui, *por mais que possa até, que esteja errado*, mas só de ele já estar aqui, pá, aqui, já passa uma confiança para o atleta também. Que o árbitro, às vezes ele fala assim: para mim era o contrário, mas, né, quando eu olhei a convicção do assistente... Ele já se sente mais... Então isso conta muito, esse negócio de gesto isso aí é...

Note-se, novamente, a preocupação da arbitragem em garantir a boa imagem de si mesma, ainda que independente da “verdade factual”. Apesar de não ser de toda verdade que um gesto convicto na marcação de saída de bola basta para evitar reclamações, se o assistente não procede dessa forma, contribui para a perda do espaço da arbitragem em campo.

Essa dimensão do trabalho da arbitragem está explicitamente imposta nas regras:

A linguagem corporal é uma ferramenta que o árbitro usará para:

- ajudá-lo a controlar a partida
- demonstrar sua autoridade e autocontrole (Regras de Futebol, 2012, p. 44)

Mas nem sempre é possível evitar uma demonstração de hesitação, às vezes basta uma fração de segundos para que o árbitro acabe deixando transparecer um pequeno gesto de indecisão que será imediatamente criticado. Ele deve então ser capaz de contornar essa situação e reafirmar a consciência dos seus atos. Nos termos de

Goffman, ele deve ter “aprumo”, ou seja, “capacidade de suprimir e esconder qualquer tendência de ficar com a fachada envergonhada” (Goffman, *idem*, p. 17)

Em um jogo no campo São Francisco, houve um lance de trombada dentro da grande área. Boca vinha correndo do meio de campo e, quando houve o lance, botou o apito na boca, mas não apitou. Deixou o jogo seguir. Mas o fato não passou despercebido e alguém gritou “Botou o apito na boca!”. Boca ficou bravo com essa reclamação e tratou de gritar algo para despachar demais contestações, o que deu certo.

Novamente através de Goffman, sabemos que “uma olhadela descuidada, uma mudança momentânea no tom de voz, uma posição ecológica tomada ou não, tudo isso pode encharcar uma conversa de importância avaliativa” (*Idem*, p. 39). Da mesma maneira, um apito levado à boca e não assoprado também provoca uma “impressão inapropriada” (*Idem*, *ibidem*) do árbitro e contribui para uma possível ameaça à sua autoridade.

A condição solitária da arbitragem

Se dialogarmos mais detalhadamente com Goffman, podemos perceber uma singularidade na interação do árbitro com os outros participantes da partida. Goffman diz que em uma interação há uma preocupação mútua de “preservação da fachada” [*face-work*] – “ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a fachada” (ver a definição de “fachada” na nota de rodapé número 13) –, quer dizer, cada indivíduo se preocupa em preservar tanto a própria fachada quanto a dos outros participantes da interação.

Já em um jogo de futebol amador, o árbitro e seus assistentes parecem estar sozinhos na tarefa de preservar a própria fachada. Aliás, solidão é um dos atributos mais inerentes à tarefa da arbitragem, principalmente do juiz.

Jonathan Crowe, no artigo “A solidão do juiz”, evidencia, à luz de uma abordagem sartriana da arbitragem, a posição insólita do juiz em campo. Crowe mostra como o juiz é um ser-para-si sartriano por excelência. Para Sartre, o ser-para-si

é um agente ou pessoa consciente capaz de perceber e refletir sobre o mundo ao seu redor. Sartre sugere que, longe de possuir uma essência predeterminada, ele é permanentemente assombrado pela possibilidade do “nada” ou da negação. Em outras palavras, o ser-para-si é forçado a enfrentar continuamente a possibilidade de que as coisas possam ser diferentes do que são. [...] Por mais certeza que tenhamos sobre uma determinada decisão, temos consciência, não obstante, de que outra alternativa seria possível. Uma vez que cada caminho está cheio de possibilidades, parece que não podemos deixar

de aceitar a responsabilidade sobre nossas escolhas. Sartre argumenta que esse sentimento de responsabilidade inescapável tende a provocar angústia (Crowe, 2010).

O juiz é exposto a esta condição da existência humana de maneira exemplar. Ao longo do jogo o árbitro a todo momento se vê obrigado a decidir – e no futebol a questão é ainda mais complicada, pois além de praticamente não contar com auxílio tecnológico, o árbitro ainda é encarregado da árdua tarefa de julgar não apenas o fato em si (se a bola foi dentro ou fora, por exemplo), mas também julgar a intenção dos jogadores – sobre lances que passam ao seu redor e assim interferir diretamente no andamento da partida, no resultado do jogo, no futuro das equipes no campeonato. E ele está sozinho para tomar qualquer decisão, “o bandeirinha pode sinalizar, os jogadores podem reclamar e a multidão pode rugir, mas em última análise tudo depende do juiz” (Idem). Crowe nos mostra como, de maneira semelhante à que as pessoas agem para lidar com a angústia que a liberdade absoluta de escolha semeia, boa parte dos juízes tem dificuldade em encarar e aceitar essa incumbência.

Retornando ao debate com Goffman, o juiz e seus assistentes – como disse acima – também parecem estar sozinhos na tarefa de preservação da própria fachada. Esta é uma constatação que se faz à primeira vista, quando se presencia o absurdo de xingamentos, ameaças e por vezes agressões que a arbitragem amadora sofre. A última atitude que se espera neste cenário é de preocupação com a imagem da arbitragem.

Mas eis que por vezes se escutam frases que desvelam que a delegação de autoridade ao juiz, a despeito de todos os apupos, está sendo mantida. É o famoso “Agora o juiz já marcou, não adianta reclamar! Ele não vai voltar atrás!”. Tal afirmativa e suas variantes indicam que a decisão do juiz continua sendo acatada. Aliás, ainda que não se pronunciem essas frases, o simples fato de a decisão do juiz ser aceita, mesmo que muitas vezes sob imensa pressão, evidencia sua autoridade na partida.

Tais afirmações não deixam de suscitar a pergunta: por que então reclamam tanto, já que não há como voltar atrás (a não ser que o assistente indique ao árbitro o que realmente aconteceu)? É claro que as reclamações existem muitas vezes mais para “botar pressão” no árbitro do que para fazê-lo voltar atrás naquele momento. Visam puxar o árbitro para o seu time, induzi-lo a perceber que está cometendo injustiça e não cometer mais, ou quem sabe compensar a injustiça com outra injustiça, dessa vez contra o outro time. Visam explorar o medo do árbitro, fazer com que ele fique com receio de

voltar a marcar algo contra o mesmo time, sob pena de ser praticamente linchado [foto 1].

Uma das vezes em que ouvi falarem “Agora já marcou mesmo!” foi justamente quando as reclamações tomaram proporções enormes. Boca marcara um pênalti cometido na entrada da área. Visivelmente tinha sido do lado de dentro. Como de costume, muitos reclamaram, alegando que a falta tinha sido cometida fora da área. Um jogador do time, que estava contundido, mas comparecia a todos os jogos para assistir e reclamar do juiz a todo momento, começou não só a esgotar todo o seu repertório de xingamentos, como o fez invadindo o campo e ficando face a face com o Boca. Terminado o primeiro tempo, esse jogador novamente se dirigiu até o Boca e recomeçou a agressão verbal. E quando Boca – com seus assistentes – se encaminhava para o carro, recebeu vaias das pessoas que estavam por perto, das mulheres que estavam sentadas por ali na sombra.

A reclamação estava muito intensa para um lance daquele. Em primeiro lugar, ela não era em relação à existência ou não da falta, e sim de que esta tinha sido cometida fora da área. Só que claramente não tinha. Mas tudo bem, foi na entrada da área, e poderia haver alguma contestação. Porém não no volume que existiu; parecia que o que queriam era somente perturbar o juiz, e nem acreditavam (mesmo que não admitissem isso sequer para eles mesmos) que tinha sido pênalti realmente.

Mas o fato é que não se pode reduzir todas as reclamações à categoria de estratégias para trazer o árbitro para o seu lado. Muitas reclamações parecem querer, sim, apenas mostrar para o árbitro que ele está errado, e denunciam um desejo inconfessável de que ele reformule sua decisão. Várias das reclamações que se tornam estratégias de pressionar o árbitro começam como reclamações sinceras (mesmo que erradas) em relação à “realidade” do lance.

Wisnik nos traz reflexões a esse respeito. O juiz é aquele que introjeta a lei na partida, que “dá [...] forma acabada ao processo de sublimação ou eufemização da violência física nos jogos” (Wisnik, 2008, p. 105). Na vida cotidiana somos submetidos à lei de forma “normalmente difusa e invisível” (Idem, ibidem). Já em um jogo não. Aqui, “na figura do juiz de futebol essa introjeção [da lei] [...] ganha corpo e passa a atuar a olhos vistos, a pontuar a cada passo a realidade como um todo e circunscrevê-la no seu espectro, *contendo* o jogo, no duplo sentido da palavra, na sua esfera de poder” (Idem, ibidem) (grifo do autor). E, dessa forma, “não é à toa que o juiz se expõe aos apupos prévios, vingativos e catárticos, da massa: *ele encarna, de forma demasiado*

tangível, o custo limitador e congenitamente frustrante da realidade” (Idem, ibidem) (grifos meus).

As imprecisões direcionadas aos árbitros nem sempre correspondem a tentativas de acabar com a sua fachada, mas sim, muitas vezes, a decepções com a exposição direta às regras¹⁸. Até porque, como demonstrei no início desse capítulo, há um interesse dos participantes dos jogos em que o árbitro não se perca no jogo, pois isso traria consequências negativas para a própria partida, na verdade, dependendo do grau de confusão, impossibilitaria a continuação dela.

Isso posto, percebemos que, a despeito das injúrias que a arbitragem sofre ao longo de todos os jogos – não assisti a nenhum jogo em São Sebastião isento de reclamações –, há sim uma preocupação dos participantes da partida em preservar a fachada ou, nesse caso, a autoridade da arbitragem. É verdade que a arbitragem nem sempre escapa da tarefa de saber se confrontar com uma total perda da própria “fachada” em uma partida e a despeito disso ter que prosseguir no seu trabalho – nos termos de Goffman, ter que ser “sem-vergonha”: conseguir “impassivelmente participar de sua própria desfiguração” (Goffman, 2011, p. 18). Porém, ainda que vez por outra essa perda de autoridade ocorra, é válido que se fale de uma aceitação da competência que a arbitragem reivindica para si.

Por fim, o que esse contexto nos diz não é tanto que o árbitro não possui autoridade por ser xingado e criticado a todo momento, e sim que, por ser xingado e criticado a todo momento, a sua tarefa de manter a fachada e demonstrar autoridade é mais árdua e solitária do que a de qualquer outra pessoa em campo. Para preservar sua fachada ele depende de pessoas que parecem não estar se importando com ele.

A questão da segurança na arbitragem amadora

Na arbitragem amadora esses perigos de perda da autoridade no jogo, inerentes ao trabalho de qualquer árbitro, se exacerbam ou, ao menos, ganham feições próprias.

¹⁸ Essa frustração que a realidade do jogo imposta pela arbitragem provoca nas equipes foi exemplarmente expressa por uma exclamação do técnico do Revelação de Minas. Após a anulação por impedimento de um golão do seu time, o técnico gritou: “Mas foi uma jogada tão bonita!”. Nota-se um desejo de que a jogada seja válida por ser bonita. Parece muita injustiça anular um lance como aquele, rápido, inteligente, envolvente, de sintonia coletiva (foi uma boa troca de passes) e bonito. Mas não. O juiz está ali para impor limites aos prazeres que desabrocham no jogo, para afirmar que a beleza só é válida se for condizente com determinadas restrições.

Em jogos nos campos com alambrado é comum surgirem problemas quanto a quem pode ficar do lado de dentro, reclamações de times em relação ao banco do adversário por conter jogador não escalado ou gente que não é do jogo. Dependendo do jogo esse controle é mais ou menos rígido. Houve vezes dessa restrição causar revolta até nos jogadores, que diziam que isso era “sacanagem”, que eles tinham que deixar o pessoal entrar.

Nos terrões em que só há uma grade na altura do peito podem ocorrer algumas tentativas do árbitro de exigir que alguém que está atrapalhando o jogo, ou xingando demais, fique do lado de fora, embora isso não mude tanta coisa e muitas vezes a pessoa acaba voltando para dentro logo depois. Porém, a princípio ninguém está impedido de ficar do lado de dentro dessa grade, nem jogadores e técnicos suspensos.

Já nos terrões em que não há o que contorne o campo, não há praticamente nada que o árbitro possa fazer para impedir a circulação de pessoas perto do campo e até dentro dele. É comum quem está de fora invadir o campo para reclamar – do árbitro e dos jogadores –, conversar, instruir e brigar.

O repertório de soluções que o árbitro tem para impedir que isso aconteça é restrito. Certa vez um técnico de um time correu até o centro de campo para reclamar com o Hermes, parou e ficou gritando. Hermes falou que se ele não saísse dali ele próprio sairia. Deu certo, o homem saiu (não sem parar de gritar) e não entrou mais. O comum é que, quando não estão atrapalhando o andamento do jogo, essas invasões sejam permitidas e encaradas com normalidade.

Algo que nunca houve é área técnica. Mas ocorreu um episódio em que Anemilson – um árbitro que só apareceu para apitar na fase final do campeonato, mas que já apitou dez anos na CBF – tentou conter um técnico que reclamava demais falando para ele ficar no espaço dele, criando uma área técnica imaginária. O técnico (que também é árbitro em outra divisão) começou a reclamar, alegando que nunca existiu isso ali não. E ficou resistindo a sair dali, o árbitro insistiu, os próprios jogadores reclamaram com o técnico, falando para ele voltar. Ele ficou injuriado, dizendo para todo mundo que isso nunca existiu, mas aos poucos foi encaminhando-se para onde estava seu time. Algumas vezes tornava a ir um pouco para a área do time adversário, talvez propositalmente, para querer mostrar que não estava se importando com o que o juiz havia dito.

A proximidade entre público, times e arbitragem não só põe pressão no trabalho desta última, como também o dificulta. É comum as pessoas assistirem ao jogo bem

próximas do campo, margeando-o. Isso frequentemente atrapalha o assistente, que por vezes pede para que se afastem um pouco, pois não está conseguindo enxergar toda a linha lateral. Já houve caso do Hermes estar correndo e topar com uma bicicleta montada por um menino. Na maioria das vezes as pessoas atendem aos pedidos do bandeira, mas logo em seguida já estão no mesmo lugar de antes. Ouvi também uma vez dizerem para o bandeira, quando este falou que não estava conseguindo ver: “Você já devia estar acostumado!”. A presença de jogadores reservas na margem do campo oposta à margem onde se encontra o assistente também atrapalha a marcação de impedimento, e muitas vezes ele tem que pedir para os reservas tirarem a camisa.

A sintonia do trio de arbitragem

A sintonia do trio é fundamental para a arbitragem manter sua autoridade em campo, e isso é algo que os árbitros frequentemente comentam. Costuma haver problemas na hora das escalas porque alguns se recusam a trabalhar com quem são designados a fazê-lo. “Eu é que não vou trabalhar com assistente cabaço!”, ouvi Bingola exclamar certa vez.

Primeiramente, o assistente no futebol amador não está encarregado apenas de aplicar as regras que são de sua competência aplicar. Ele é figura fundamental para lidar com a pressão existente na beira de campo. Dependendo da maneira que ele fala com quem está reclamando, que ele explica a decisão do árbitro, é capaz de evitar ou ao menos amenizar as revoltas latentes [fotos 2, 3 e 4].

Por vezes, quando há uma decisão polêmica do árbitro, os torcedores e reservas ficam perguntando para o assistente o que ele achou do lance. Cada assistente adota uma postura diferente nessas ocasiões. Alguns falam que se marcou é porque foi; outros afirmam categoricamente que foi; alguns até criticam o árbitro e falam que não foi – o que nem sempre é prejudicial ao árbitro, pois curiosamente acontece de torcedores se acalmarem ao encontrarem um cúmplice dentro do corpo de arbitragem –; outros falam que não foi, mas que o lance era difícil, que não dá para castigar o árbitro.

Adailton me contou certa vez que um assistente marcou impedimento a partir de um tiro de meta – o que não existe. O pessoal reclamou demais, deu o maior tumulto. Adailton era assistente e começou a falar para os torcedores que não tinha sido impedimento mesmo não, que o bandeira tinha errado, mas que ia conversar com ele. “Aí o pessoal deu uma acalmada”, relatou-me.

O que também ocorre é de o assistente chamar a responsabilidade da marcação de um lance para si mesmo, e assim diminuir a pressão para cima do árbitro. Há também vezes em que o árbitro tem que assumir responsabilidades que são do bandeira. Hermes mesmo já marcou um impedimento quando apitava, pois o bandeira estava olhando para o alto.

As discordâncias de interpretação entre o árbitro e o assistente também tendem a provocar tumulto. É preciso ter diálogo – tanto entre o trio quanto com os jogadores, técnicos e torcida – para resolver a situação da melhor maneira possível. No Paranoá, na minha primeira ida a campo, já presenciei um lance dessa natureza. Houve um gol que o bandeira anulou por impedimento. O árbitro Sérgio, por sua vez, praticamente do outro lado do campo, anulou a marcação e validou o gol. O lance causou polêmica que durou a manhã inteira. Na hora do gol os jogadores reclamaram da marcação de impedimento; quando Sérgio validou o gol foi a vez do outro time reclamar. Só que a maioria tinha visto que não tinha sido impedimento mesmo. O técnico do time que sofreu o gol reclamou do Sérgio, falando que o bandeira tinha marcado impedimento. Alguns falaram para ele “O juiz tem total autonomia para não aceitar”, e o técnico “É, mas ah, ele tinha marcado!”. Depois do jogo, Sérgio disse que ele não podia deixar um erro daquele passar, que está ali é para ajudar aquelas pessoas. Hermes também já falou para mim que é chato discordar do bandeira, mas ele não pode errar na marcação por isso.

Conversando melhor com os árbitros, ficamos sabendo de situações que surgem no meio do jogo que obrigam o trio a improvisar e fazer uma encenação para não perder a sua autoridade. Como ocorreu uma vez entre Edvar e Bingola:

Um dia desse, nós estávamos bem no jogo, um jogo bem movimentado, e por infelicidade, neste dia, nós não fizemos aquele comentário: ‘Olha, se chamar é para expulsar’ [combinado que o trio costuma fazer, estipulando que se o assistente chamar o árbitro para denunciar algum jogador é para expulsá-lo; de resto, o próprio assistente o repreende]! É jogo duro! Se chamar, já sabe! Não me chama para advertir a pessoa!’. E o jogo foi realmente bem truncado, e já no final do jogo ele levanta a bandeira e me chamaram a atenção. Aí eu chego lá e ele me pergunta: ‘Ó, fulano de tal tem isso e isso?’. Eu falei: ‘Pelo amor de Deus, tu não vai me chamar pra fazer isso!’.

É o seguinte, você, quando tá assistenciando uma pessoa, você mesmo faz a sua ponderação lá. E o árbitro inteligente fica só escutando. Quando ele termina lá, o cara chega e o seguinte ‘Olha, isso, e isso e isso, não deverá acontecer mais’. Tá dado o recado. Da próxima vez não precisa mais nem o assistente levantar. Questionou? Você não adverte. Neste dia, não foi assim. Eu achei que nós se perdemos por besteira, porque o momento do jogo era bom, um jogo importante. E eu já passei pelos dois atletas e já disse: “Olha, ele [o assistente] chamou, sujou!”. Caracteriza que vou tirar alguém. Só que quando eu

cheguei lá ele fez um outro questionamento, que tava fora do meu conceito. E eu não aceitei, e eu disse ‘Ó, eu vou dizer o seguinte, eu vim aqui falar contigo a respeito do tempo’. Entendeu? Até porque o momento do jogo era bom para mim! Mas ele escutou, ele poderia ter ouvido, dizendo assim: ‘Po rapaz, tira os dois, e acabou-se’. Aí eu já falei: ‘Olha, chamou lá, sujou!’. E ele ‘Fulano de tal tá aí?’. ‘Não, vem cá. É o seguinte, vamos ver o tempo, aqui?’. Olhe só! São coisas que você usa para benefício próprio. [...] *E saímos [ao fim da partida] por cima, não saímos por baixo, não. Nós fomos nivelados por cima.* Que nós saímos bem. Isso aí caracteriza o seguinte. Não pela impulsão, você não age pela impulsão. Então você age pelo conhecimento, pelo momento do jogo.

O depoimento é um pouco difícil de entender por trazer marcas fortes do jargão da arbitragem. Mas basicamente se disse que o assistente, na ocasião o Bingola, tomou uma atitude que seria prejudicial à arbitragem. Edvar então contornou a situação e propôs que os dois fingissem que estavam falando a respeito do tempo do jogo¹⁹. Essa encenação possibilitou que a arbitragem após o jogo fosse bem avaliada, o que implica que ela foi vista como quem soube conduzir bem a partida. Percebe-se novamente que uma atitude da arbitragem a princípio de interesse próprio foi importante para o andamento da partida.

A estratégia da ofensa

Já disse aqui que o árbitro, analogamente ao mágico de Mauss, deve dominar uma série de atos verbais e não-verbais para poder conduzir a partida. A parte não-verbal – o “porte” de Goffman – já foi explicitada. Podemos explorar agora a importância do lado “verbal” na interação da arbitragem amadora com os participantes da partida.

Essa é uma dimensão do trabalho da arbitragem difícil de ser notada quando assistimos aos jogos profissionais, seja pela televisão, seja no estádio. O que sempre se soube foi que a arbitragem é invariavelmente vítima dos mais desmesurados

¹⁹ A própria questão do tempo do jogo também pode suscitar problemas que envolvem o trio e exigir uma solução improvisada, às vezes disfarçada. Além do árbitro, ao menos um assistente costuma marcar o tempo no relógio. Houve vez em que o relógio do Galego parou de funcionar no meio do jogo e ele foi até o Hermes – que estava de assistente – perguntar quantos minutos haviam passado. Hermes virou para mim e disse: “Imagina se eu não estivesse marcando! O relógio dele parou de funcionar, moço! Teve uma vez que eu fui apitar lá em Ceilândia que de repente percebi que não tinha iniciado o cronômetro. Aí nem comentei nada com os assistentes não. Supus que já tinha passado uns 8 minutos e liguei o cronômetro. O pessoal uma hora começou a gritar ‘Já acabou, professor!’”. Aí eu pensei então que já estava acabando. Falei que agora é que iam começar os acréscimos. Daqui a pouco começaram a reclamar de novo. Aí eu ainda dei mais 3 minutos e terminei o jogo. Depois conferi meu relógio com o dos assistentes e só tinha dado 3 minutos a mais de diferença”. Hermes soube lidar bem com a situação e preservar a sua imagem.

xingamentos. O que é menos visível é o tanto que a própria arbitragem também xinga e responde a ofensas. Quando assistimos aos jogos na beirada do campo temos uma outra compreensão do que se passa no jogo.

Ainda que não seja sempre para xingar, e que os árbitros muitas vezes brinquem com os jogadores mais íntimos, dando tapas na bunda, nas costas, fazendo brincadeiras e às vezes até jocosamente criticando suas qualidades futebolísticas, o tom geral da interação dentro de campo é de agressividade – mesmo quando se trata de árbitro²⁰ e jogador amigos. Como me relatou Chá,

São Sebastião a gente tem grandes amigo. Poxa, jogador, grandes amigo. Mas se você for educado, São Sebastião, se você for educado, pegar um apito e ser educado!? Meu garoto... ‘Não senhor!’, ‘Sim senhor!’. Um único que eu sou gentil com um cara aí ainda falo pra ele: ‘Ô, não to gritando com o senhor. Por que que você tá gritando comigo, porra?!’. Eu já falo assim. Né, porque se você for educado, você se ferra. É, você se ferra mesmo.

Ou então Adailton: “Esse é um fator muito importante na arbitragem e eu venho adquirindo isso e eu não vou mudar meu jeito de ser. A minha postura vai ser daqui para mais bruto”.

Hermes – quem faz as escalas – não gosta desse tipo de atitude: “O cara já vem xingando, respondendo, metendo cartão. Amador não é assim não, moço! Tem que ser na base da conversa. O cara tem que saber conversar, chegar, resolver as coisas”. Entretanto, os árbitros mais gabaritados em São Sebastião e quem Hermes acaba escalando para os jogos principais são justamente os que respondem à altura ou de forma ainda mais rude os desacatos em campo. No campeonato que acompanhei, quem apitou as finais das 3ª, 2ª e 1ª divisões foram Boca, Edvar e Chá, respectivamente. Os três são famosos pela virulência de suas atuações. Boca é considerado um bom árbitro, mas Hermes não o escala para apitar nas divisões superiores por sua fama de distribuir muitos cartões – é também o que mais foi agredido ali. Ele é o árbitro que nenhum dono de time quer que apite o seu jogo. Já um dos motivos por não ter sido Edvar quem apitou a final da 1ª divisão é porque um dos times era o Atlético Bela Vista. Edvar já discutiu com o dono do Atlético durante um jogo, quando o dono se encontrava na

²⁰ Os assistentes tem mais liberdade para travar uma relação descontraída com quem os rodeia. Muitas vezes conversam, brincam, palpitam sobre o jogo, elogiam uma jogada bonita. Porém, quando a torcida ou o banco de algum time está revoltado, eles acabam ficando bem no meio da confusão, ouvindo, de quem está do seu lado, xingamentos a seu respeito, e tendo que desviar – enquanto correm para acompanhar os lances do jogo – das pessoas que os estão insultando.

arquibancada do campo sintético (onde há um alambrado que separa o campo da arquibancada).

Não que os boleiros de São Sebastião não se importem nem reclamem da rispidez dos árbitros em campo. Presenciei certa vez um jogador indo reclamar com o juiz – quando este já está quase indo embora para casa – dele tê-lo mandado calar a boca. “Árbitro não pode fazer isso, isso não é atitude de árbitro, árbitro tem que fazer o trabalho dele e não ficar falando essas coisas para jogador”. Quando o rapaz foi embora os árbitros começaram a rir, falando “Ué, mas você só mandou calar a boca? Eu mando é mais” e começaram a contar os xingamentos que já haviam proferido.

Outro exemplo é o de Chá que, certa vez, quando apitava no sintético, marcou uma falta, e ao correr para sair de perto da cobrança voltou-se a um jogador e, com a cara virada para o lado e pescoço tensionado, falou: “Vai, fica assim, continua desse jeito para ver se você não leva um amarelinho na sua cara!”. A cena foi bem na lateral do campo e Chá falou alto. Os torcedores não perdoaram: “Só assim, né, Chá! Fraco!”.

No entanto, há um consenso entre os árbitros de que quem não trata os jogadores com rispidez não consegue conduzir uma partida em São Sebastião, principalmente nos jogos dos times principais – Hermes mesmo, que não tem esse discurso, que fala frequentemente que se deve tratar todos com humildade, não gosta e praticamente não apita jogos na primeira divisão. Ou você age dessa forma, dizem, ou eles se aproveitam dessa sua fraqueza e fazem você se perder no jogo. Como Chá me testemunhou, quando perguntei-lhe a respeito da convicção e clareza que o árbitro deve ter nos seus gestos:

A arbitragem hoje depende muito do conhecimento, também. O Tim, você vê o Tim, o cara é nojento. ‘Chá, você e o Edvar xinga!’. Tem hora que eu xingo, eu acho que você [eu] já percebeu isso. [Aqui viriam alguns xingamentos que o Chá simulou, mas pediu para não publicar]. Igual o... Qual que é, um grande árbitro que o Hermes trouxe aí domingo passado, né. O Micuim tava falando para nós, falou: *‘Só tem pose e tudo, mas aqui quem segura é vocês’*. Manda ele apitar jogo nosso! Não! Só quer se aparecer, manda apitar jogo nosso. Então, conhecimento. Eu mais o Edvar, nós [outro xingamento]... Mas, conhecimento, conhecimento. Conhecimento. Conhecimento. Aí o Loura deu uma rodada lá, ele meteu o braço, aqui eu... Tiro livre indireto dentro da área, não foi? Foi. *O cara... uma postura danada! Mas aí ele falou: ‘Apita jogo nosso!’* Para a gente pisar no pé dele, não sei o que e tal.

Outro depoimento de difícil compreensão na adaptação da linguagem oral à escrita. Mas basicamente diz que para apitar em São Sebastião não basta ter “pose” – Chá simulou, enquanto falava, os gestos altivos do tal árbitro que ‘só tinha pose’ –, mas

é preciso ter ‘conhecimento’. O termo ‘conhecimento’, no discurso de Chá, veio sempre seguido pela afirmação de que xingavam em campo. Nota-se que se trata de conhecer a maneira de dialogar com os jogadores em São Sebastião, de dominar o embate verbal para ser capaz controlar a partida. Obviamente, isso não significa simplesmente ter coragem de xingar e reprimir todas as ofensas – sejam ou não em relação à arbitragem – que se ouvem ao longo de uma partida, é preciso saber dosar as repreensões. Como o próprio Chá me disse após um jogo de semifinal conturbado, em que houve até pancadaria generalizada entre os jogadores: “Se eu fosse dar vermelho para tudo que eu visse, eu não acabava o jogo!”. Franziu o cenho, e acrescentou “Então tem que saber ir levando!”. Gesticulou com as mãos, unindo os dedos polegares aos indicadores e fazendo pontuações no ar; gestos que me pareceram querer mostrar que tinha que ir administrando, sabendo onde atuar para conseguir levar o jogo da melhor maneira possível. Tal atitude de Chá se aproxima do que Goffman chamou de “vista grossa diplomática”: “a pessoa age como se um evento que contém uma expressão ameaçadora simplesmente não ocorreu” (Idem, p. 25) [foto 8].

Conhecer e ser conhecido na cidade

Sem dúvida, esse ‘conhecimento’ ao qual Chá se refere também possui uma dimensão mais abrangente. Trata-se, além de (e atrelado a isso) possuir o domínio da interação verbal ideal para apitar em São Sebastião, de os árbitros conhecerem os jogadores e de serem conhecidos por eles. Chá e Edvar estão entre os árbitros mais veteranos de São Sebastião; atuam há, respectivamente, 11 e 17 anos. Boca, que apitou a final da terceira divisão do campeonato que acompanhei, atua na cidade há 19 anos. O conhecimento que eles tem dos jogadores e que estes tem deles dentro e fora de campo é fundamental para saber como se portar na hora do jogo. Mas isso não elimina a necessidade de usar de ofensas verbais para controlar a partida.

Tal conhecimento implica também em alguma garantia de segurança nas partidas. Apenas um campo em São Sebastião é protegido por alambrado, e ainda assim quem controla a circulação das pessoas são os próprios árbitros. Nos demais campos a arbitragem está completamente à mercê de qualquer investida violenta provinda de alguém que assiste ao jogo. As relações que os árbitros mantêm com os outros moradores de São Sebastião, não só nos dias de jogos, mas no dia-a-dia da cidade, são o que assegura uma mínima proteção enquanto trabalham. Como me relatou Bingola:

Aí, nessa situação entra a questão de quê? *Conhecimento*, respeito. Estamos num campo aberto, sem nenhuma segurança, total, ou seja, à mercê de qualquer situação. Ou seja, a gente tá em provável de a qualquer momento chegar um cidadão que esteja ali que você não conhece, que você não sabe daonde ele veio, ele pode em qualquer momento adentrar o campo, e simplesmente chegar em você e dar uma porrada. E aí? Que que você vai fazer? Às vezes, é isso que eu te falo, às vezes *o conhecimento que nós temos não somente entre nós companheiros dentro de campo, mas principalmente fora de campo, evita esse tipo de situação*. Por quê? Quando a gente está apitando em campos abertos, como aqui ou na mata, ou seja, as próprias pessoas que estão ali para assistir o espetáculo, o jogo, elas jamais vai deixar acontecer um fator improvável desse com a gente, por quê? Porque a gente tem o *conhecimento* delas, a gente tem o respeito delas e elas tem o respeito da gente. Ou seja, se elas ver, por exemplo, que o cidadão tá adentrando o campo pra te fazer mal, você pode ter certeza que antes de você perceber tem alguém que tá tirando ela, ou às vezes evitando que ela não, em momento nenhum faça algo de mal contigo. Mas o campo, por ele ser aberto, aquela questão, eu acho que o *conhecimento* que você tem com outras pessoas fora de campo é a nossa segurança, querendo ou não, nossa segurança externa. Porque lá a gente está à mercê de qualquer situação.

Apesar de esses próprios ‘seguranças’ dos árbitros muitas vezes serem quem os xingam durante a partida, é verdade que eles também ajudam a separar brigas. Presenciei apenas uma cena de agressão física à arbitragem; foi uma investida do dono do Revelação de Minas contra o assistente Carlito, que acabou revidando os golpes e agrediu mais do que foi agredido. E realmente várias pessoas entraram em campo para separar a briga e proteger a arbitragem.

Mas há sempre, queira ou não, o risco iminente de agressão. E isto influencia diretamente nas decisões da arbitragem em campo, que deve então saber decifrar o melhor modo de conduzir sua atuação não apenas de acordo com as demandas do jogo, mas também em consonância com os perigos que o circundam. Edvar:

Até que você não precisa nem saber de muitas coisas. Mesmo porque, se você souber de tudo, se você for aplicar, você vai dançar. Aí a questão de segurança já desaba. E você tem que ter esse *jogo de cintura* para poder no final sair legal. Mas se você for realmente aplicar, ser mais rígido com relação a esse tipo de jogo, você não consegue terminar. Não tem muito o que fazer, não, *eu acho que você tem que ser omissa algumas vezes em virtude da segurança*.

Novamente vemos o interesse da arbitragem em flexibilizar os ditames oficiais. E, nesse caso, trata-se de uma característica típica da arbitragem amadora, visto que na profissional a preocupação com a segurança, especificamente com a integridade física, não é um fator tão relevante. No entanto, devemos de novo ressaltar, a atitude

aparentemente egoísta da arbitragem é, paradoxalmente, de suma importância – se realizada com destreza – para a boa condução da partida.

Considerações finais

Foi com o intuito de compreender melhor a importância da figura do árbitro de futebol para o jogo e o papel que ele desempenha na partida que iniciei meu trabalho de campo. Outras abordagens em relação a esse tema teriam sido possíveis, como a dificuldade de se observar os embates corporais da partida; a penosa tarefa de ter que não apenas afirmar a existência ou não da infração, mas julgar a intenção dos envolvidos no lance; os percalços que o jogo de futebol, por ser estruturado de maneira tão singular, impõe ao trabalho do árbitro.

Ainda que esses aspectos possam ter sido abordados, meu foco maior foi no jogo que a arbitragem sub-repticiamente desempenha em campo para poder manter sua autoridade. Acredito que essa é uma dimensão essencial da arbitragem de futebol e que ganha feições próprias em sua versão amadora.

Quis descrever o complexo e paradoxal imbricamento de interesses que pairam em uma partida. As equipes, como explicitiei no início do capítulo, querem que o jogo aconteça, ao passo que para a arbitragem quanto menos a bola estiver em movimento, melhor. Mas ao mesmo tempo a arbitragem precisa do jogo para demonstrar sua capacidade de conduzi-lo e as equipes devem permitir que a arbitragem ponha em prática suas estratégias aparentemente egoístas e incoerentes com o ideal do esporte para que a partida flua da melhor maneira. Tudo isso, obviamente, permeado de conflitos incessantes.

A arbitragem deve valer-se de atos verbais e não-verbais, ainda que nem sempre condizentes com as regras e com a realidade dos lances, para poder afirmar-se na partida. E deve apostar que pessoas que aparentemente não se importam com ela vão dar-lhe crédito. Essas pessoas também experimentam uma relação ambígua com a arbitragem, pois ao mesmo tempo que a todo momento parecem querer desmoralizá-la, precisam que ela porte certos atributos para que o jogo possa ser realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao procurar estudar o futebol através do viés da arbitragem, foi possível enxergar dimensões desse esporte que muitas vezes passam despercebidas. Os árbitros são personagens fundamentais para a realização de uma partida. Em jogos informais, as peladas, costumamos prescindir da presença deles e quem assume o papel do julgamento dos lances são os próprios jogadores. Mas não há como realizar qualquer campeonato mais organizado sem alguém designado para fazer a arbitragem das partidas.

Esse ator ao mesmo tempo indispensável e frequentemente ignorado não realiza, como aparentemente pode parecer para muitos, uma função metódica e sem grandes segredos para que os outros possam fruir a partida. Com efeito, os árbitros experimentam o futebol de uma maneira própria e não menos envolvente que a dos jogadores e torcedores. A intenção desse trabalho foi apresentar essa relação com o futebol que os árbitros amadores de São Sebastião experienciam. Para tanto, foi essencial demonstrar como o grupo de árbitros da cidade forma um time – que participa do campeonato à sua maneira – e descrever dois tipos de jogos que os árbitros praticam, jogos estes que não são o foco do campeonato e assim passam muitas vezes despercebidos pelos outros participantes dele.

No primeiro capítulo apresentei o campeonato de São Sebastião e a importância que ele possui tanto para a cidade quanto para os habitantes de fora dela. Ao mesmo tempo fui introduzindo a participação dos árbitros nesse ambiente. A intenção foi tanto contextualizar minha realidade etnográfica, para poder oferecer uma compreensão mais ampla do que está descrito nos capítulos seguintes, quanto começar a mostrar como os árbitros estão inseridos nessa realidade e a usufruem de um modo particular.

No segundo capítulo apresentei com mais detalhamento os árbitros de São Sebastião, expus sua situação sócioeconômica – demonstrando a importância financeira da arbitragem para eles – e descrevi a relação que travam entre si fora de campo. Foi nesse capítulo que se desenvolveu a ideia de que os árbitros formam um time. Além disso, descrevi um dos jogos que eles jogam, como mencionei acima: o campeonato, concomitante e paralelo ao principal, que os árbitros disputam entre si.

Para demonstrar que o grupo de árbitros da cidade forma um time, descrevi suas relações ao longo tanto do campeonato quanto de um dia de jogo. Costumam ficar sempre juntos, à maneira dos integrantes de um time. Nos intervalos dos jogos se

reúnem em volta do carro de um deles, conversam sobre a partida, trocam dicas sobre o que fazer em determinadas situações. Antes de entrar em campo fazem o sinal da cruz, se cumprimentam. No fim do dia eles costumam se encontrar para falar das suas atuações, das dos outros, rir de lances e criticar a atitude de alguns colegas. Quando o campeonato entra na fase de mata-mata a relação entre eles se estreita, passam a trocar mais recomendações e ajudar uns aos outros no que precisam.

Mas é também nessa fase que o campeonato que travam entre si ganha contornos mais nítidos. Passam a pressionar o Hermes em relação às escalas, reclamam quando não são escalados ou quando o são apenas como assistentes, criticam colegas e o fato de estes estarem sendo mais escalados que eles, discursam sobre as próprias atuações e qualidades enquanto árbitros, tudo para conseguir uma vaga entre os jogos mais importantes do campeonato. Parecem – igualmente e diferentemente dos times – também estar competindo.

Já o terceiro capítulo foi voltado para o jogo que a arbitragem amadora deve ser capaz de jogar dentro de campo, o “jogo de cintura” que deve ter, a aplicação da “regra 18”. A arbitragem amadora precisa saber lidar tanto com a obrigação de aplicar as regras do jogo quanto com a necessidade de impor e manter sua autoridade em campo, de demonstrar que está no controle do jogo.

O que se percebe ao investigar essa dimensão oculta do trabalho da arbitragem é que não há uma receita prévia que defina as atitudes que o árbitro deve ter para em toda e qualquer circunstância manter sua autoridade em campo. O jogo reserva situações imprevisíveis em que nem sempre é possível agir da maneira que normalmente se recomenda. Ao discorrer sobre seu ofício, os árbitros variam recorrentemente suas afirmações, dizendo, por exemplo, que o árbitro nunca pode ser omissos, para depois afirmar que o árbitro deve ser omissos em determinadas situações.

No entanto, foi possível investigar algumas estratégias que a arbitragem adota para trabalhar nessa complexa relação que ela trava com a partida e os jogadores. Complexa relação porque ao mesmo tempo que a arbitragem precisa da partida para demonstrar seu trabalho, impor sua autoridade, a própria partida incessantemente lhe apresenta perigos, daí o interesse de alguns em “bicar” (travar) o jogo quando ele está complicado. Além disso, para legitimar sua autoridade, a arbitragem precisa do reconhecimento dos jogadores, atores que a todo momento parecem querer desmoralizá-la. Os jogadores, por sua vez, experienciam uma relação ambígua com esse trabalho da arbitragem. Isto porque ao mesmo tempo em que seus interesses muitas vezes se

chocam com os dos árbitros – quando estes tomam decisões na partida para benefício próprio –, eles em certa medida precisam que a arbitragem tome por vezes essa atitude aparentemente egoísta, pois se os árbitros perdem a autoridade e o controle do jogo, a própria partida é prejudicada e com isso, obviamente, os jogadores também o são.

Quanto às estratégias da arbitragem amadora para se impor na partida, procurei discorrer sobre algumas delas: fator compensador, a administração da violência através da aplicação ou não de cartões, a postura física, as várias formas – e esse fator é o que mais ganha dimensões próprias no contexto amador – de lidar com a segurança, a sintonia entre o trio, o domínio da linguagem verbal e o modo ofensivo de tratar os jogadores, conhecer e ser conhecido pelas pessoas da cidade. Em cada uma dessas estratégias observamos discursos e ações dos mais diversos e a intenção foi apresentar alguns deles aqui.

O futebol enquanto esporte contemporâneo amplamente difundido pelo Brasil e pelo mundo é um fenômeno que já fincou raízes enquanto tema de discussão nas ciências sociais. Esse trabalho foi uma forma de contribuição para essa literatura e teve como intuito focar em atores – o árbitro amador e seus assistentes – pouco estudados até então, e assim tornar visíveis outras dimensões desse esporte e do modo de experienciá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bromberger, Christian. 2006. “Del gol en contra al error de arbitraje: el talón de aquiles de los futbolistas y los jueces”. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 94 - Marzo.

_____, Christian. 1998. *Football: la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris; Pocket.

Crowe, Jonathan. 2010. “A solidão do juiz”. <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-50/questoes-filosofico-futebolisticas/a-solidao-do-juiz>.

DaMatta, Roberto da et alli. 1982. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro; Pinakotheke.

_____, Roberto da et alli. 2006. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro; Rocco.

Damo, Arlei Sander. 2007. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo; Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs.

Evans-Pritchard, E. E. 2008. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. Tradução de Ana M. Goldberger Coelho. São Paulo; Perspectiva.

Goffman, Erving. 2011. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ; Vozes.

Guedes, Simoni Lahud. 1998. “A construção do corpo masculino nas *escolinhas* de futebol”. In: *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niteroi; Editora da Universidade Federal Fluminense.

_____, Simoni Lahud. 2010. “Esporte, lazer e sociabilidade”. In: *Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo, SP; ANPOCS.

Fruchart, Eric & Carton, Annie. 2012. “How do amateur soccer referees destabilize a match?”. http://www.uv.es/revispsi/articulos3.12/3_Fruchart.pdf. *Psicológica*, 33, pp. 435-449.

Lévi-Strauss, Claude. 1973. “Le champ de l’anthropologie”. In: *Anthropologie structurale deux*. Paris; Plon.

_____, Claude. 1997. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP; Papirus.

Mauss, Marcel. 2003. “Esboço de uma teoria geral da magia”. In: *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo; Cosac Naify.

Myskiw, Mauro. 2012. “Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre”. Tese de Doutorado. Porto Alegre; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Radcliffe-Brown, Alfred Reginald. 1973[a]. “Nota adicional sobre os parentescos por brincadeira”. In: *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis; Vozes.

_____, Alfred Reginald. 1973[b]. “Os parentescos por brincadeira”. In: *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis; Vozes.

Ramos, Nuno. 2007. “Os suplicantes (aspectos trágicos do futebol)”. In: *Ensaio geral: projetos, roteiros, ensaios, memória*. São Paulo; Globo.

“Regras de Futebol 2012-2013”. 2012. Confederação Brasileira de Futebol – CBF. http://www.esefex.ensino.eb.br/download/regras_futebol_2012-2013.pdf.

Souza, Marcos Alves. 1996. “A ‘nação em chuteiras’: raça e masculinidade no futebol brasileiro”. Tese de doutorado. Brasília, Universidade de Brasília.

Toledo, Luiz Henrique. 2000[a]. “Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional”. Tese de doutorado. São Paulo; Universidade de São Paulo.

_____, Luiz Henrique. 2000[b]. *No país do futebol*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed.

_____, Luiz Henrique. 2008. “Jogo livre: analogias em torno das 17 regras do futebol”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 191-219, jul./dez.

Wisnik, José Miguel. 2008. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo; Companhia das Letras.

Anexos

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Pesquisa sobre árbitros da Liga Amadora Desportiva de São Sebastião

Nome: _____

Idade: _____ Índice de Escolaridade: _____

Cor ou Raça: Branca Preta Amarela Parda Indígena Ignorado

Cidade natal: _____ Estado: _____

Habita em São Sebastião? Sim. Há quanto tempo? _____

Não. Onde? _____

Habita no Distrito Federal há quanto tempo? _____

Atua como árbitro amador há _____ anos .

Atuou ou atua na arbitragem profissional? Sim Não

Fez curso? Sim Não Qual? _____

Se for o caso, especifique outra forma de aprendizado:

Atua como árbitro em São Sebastião há _____ anos.

Costuma arbitrar em outros locais? Sim Não

Se sim, onde? _____

Você já foi agredido fisicamente em São Sebastião? Sim Não Quantas vezes? _____

Você já foi agredido fisicamente em outro(s) local(is)? Sim Não

Onde? _____

Quantas vezes? _____

Adotou alguma medida? Sim Não

Se sim, qual? _____

Quantas horas costuma arbitrar por semana? No mínimo _____ e no máximo _____

Qual é normalmente a sua renda mensal com a arbitragem?

- ☐ () Menos de 1 salário mínimo (até R\$ 678)
- ☐ () De um a dois salários mínimos (entre R\$ 678 e R\$ 1356)
- ☐ () De dois a cinco salários mínimos (entre R\$ 1356 e R\$ 3390)
- ☐ () De cinco a dez salários mínimos (entre R\$ 3390 e R\$ 6780)
- ☐ () De dez a quinze salários mínimos (entre R\$ 6780 e R\$ 10170)
- ☐ () De quinze a vinte salários mínimos (entre R\$ 10170 e R\$ 13560)
- ☐ () De vinte a quarenta salários mínimos (entre R\$ 13560 e R\$ 27120)
- ☐ () Mais de quarenta salários mínimos (acima de R\$ 27120)

Possui outro(s) emprego(s)? Sim Não

Se sim, qual(is) é(são) seu(s) outro(s) emprego(s)_____

Qual é a sua renda mensal desse(s) emprego(s)?

- ☐ () Menos de 1 salário mínimo (até R\$ 678)
- ☐ () De um a dois salários mínimos (entre R\$ 678 e R\$ 1356)
- ☐ () De dois a cinco salários mínimos (entre R\$ 1356 e R\$ 3390)
- ☐ () De cinco a dez salários mínimos (entre R\$ 3390 e R\$ 6780)
- ☐ () De dez a quinze salários mínimos (entre R\$ 6780 e R\$ 10170)
- ☐ () De quinze a vinte salários mínimos (entre R\$ 10170 e R\$ 13560)
- ☐ () De vinte a quarenta salários mínimos (entre R\$ 13560 e R\$ 27120)
- ☐ () Mais de quarenta salários mínimos (acima de R\$ 27120)

Qual é normalmente a sua renda particular mensal total (arbitragem + outras fontes de renda)?

- ☐ () Menos de 1 salário mínimo (até R\$ 678)
- ☐ () De um a dois salários mínimos (entre R\$ 678 e R\$ 1356)
- ☐ () De dois a cinco salários mínimos (entre R\$ 1356 e R\$ 3390)
- ☐ () De cinco a dez salários mínimos (entre R\$ 3390 e R\$ 6780)
- ☐ () De dez a quinze salários mínimos (entre R\$ 6780 e R\$ 10170)
- ☐ () De quinze a vinte salários mínimos (entre R\$ 10170 e R\$ 13560)
- ☐ () De vinte a quarenta salários mínimos (entre R\$ 13560 e R\$ 27120)
- ☐ () Mais de quarenta salários mínimos (acima de R\$ 27120)

Qual é a sua renda familiar mensal?

- ☐ () Menos de 1 salário mínimo (até R\$ 678)
- ☐ () De um a dois salários mínimos (entre R\$ 678 e R\$ 1356)
- ☐ () De dois a cinco salários mínimos (entre R\$ 1356 e R\$ 3390)
- ☐ () De cinco a dez salários mínimos (entre R\$ 3390 e R\$ 6780)
- ☐ () De dez a quinze salários mínimos (entre R\$ 6780 e R\$ 10170)
- ☐ () De quinze a vinte salários mínimos (entre R\$ 10170 e R\$ 13560)
- ☐ () De vinte a quarenta salários mínimos (entre R\$ 13560 e R\$ 27120)
- ☐ () Mais de quarenta salários mínimos (acima de R\$ 27120)

Quantas pessoas (contando com você)
contribuem para a renda da sua família?

- ☐ () Uma
- ☐ () Duas
- ☐ () Três
- ☐ () Quatro
- ☐ () Cinco
- ☐ () Seis
- ☐ () Sete
- ☐ () Oito
- ☐ () Nove
- ☐ () Dez
- ☐ () Mais. Quantas? ____

Quantas pessoas (contando com você)
vivem da renda da sua família?

- ☐ () Uma
- ☐ () Duas
- ☐ () Três
- ☐ () Quatro
- ☐ () Cinco
- ☐ () Seis
- ☐ () Sete
- ☐ () Oito
- ☐ () Nove
- ☐ () Dez
- ☐ () Mais. Quantas? ____

ANEXO 2 – DADOS TABULADOS

Média de Idade: 41 anos

Índice de Escolaridade: Fundamental incompleto – 16,7 %

Fundamental completo – 16,7 %

Médio completo – 41,6 %

Superior incompleto – 16,7 %

3º grau completo – 8,3%

Cor ou raça: Parda: 41,6 %

Branca: 25 %

Preta: 16,7 %

Ignorado: 16,7 %

Estado: Bahia: 33,4 %

Minas Gerais: 25%

Ceará: 16,7 %

Paraíba: 8,3 %

Piauí: 8,3 %

Sergipe: 8,3 %

Habita em São Sebastião: Não – 8,3 %

Sim – 91,7 %

Há: 0-5 anos: 9,1 %

6-10 anos: 0 %

11-15 anos: 9,1 %

16-20 anos: 54,5 %

21-25 anos: 27,3 %

Habita no Distrito Federal há: 0-5 anos: 8,3 %

6-10 anos: 0 %

11-15 anos: 8,3 %

16-20 anos: 41,7 %

21-25 anos: 0 %

26 em diante: 41,7 %

Atua como árbitro amador há: 0-5 anos: 50 %

6-10 anos: 0 %

11-15 anos: 25 %

16-20 anos: 25 %

Fez curso: Sim: 50 %

Não: 50%

Atua como árbitro em São Sebastião há: 0-5 anos: 58,3 %

6-10 anos: 0 %

11-15 anos: 16,7 %

16-20 anos: 25 %

Já foi agredido em São Sebastião: Sim – 50 %

Não – 50 %

Costuma a arbitrar em outros locais: Sim – 83,3 %

Não – 16,7 %

Já foi agredido nesses locais: Sim – 40 %

Não – 60%

Dos que foram agredidos em quaisquer localidades, tomaram alguma medida:

Sim – 37,5 %

Não – 62,5 %

Quantas horas, em média, costuma arbitrar por semana: 0-5 horas: 8,3 %
6-10 horas: 66,7 %
11-15 horas: 16,7 %
16-20 anos: 8,3 %

Renda mensal com a arbitragem: Menos de 1 salário mínimo: 16,7 %
De um a dois salários mínimos: 75 %
De dois a cinco salários mínimos: 8,3 %

Possui outro emprego: Sim – 83,3 %
Não – 16,7 %

Dos que possuem, renda mensal desses outros empregos:
De um a dois salários mínimos: 40%
De dois a cinco salários mínimos: 60%

Renda particular mensal total:
Menos de um salário mínimo: 8,3 %
De um a dois salários mínimos: 8,3 %
De dois a cinco salários mínimos: 75,1 %
De cinco a dez salários mínimos: 8,3 %

Renda familiar mensal:
De um a dois salários mínimos: 16,7 %
De dois a cinco salários mínimos: 50 %
De cinco a dez salários mínimos: 16,7 %
De dez a quinze salários mínimos: 8,3 %
Não respondeu: 8,3 %

Número de pessoas que contribuem para a renda da família:

Uma – 25 %

Duas – 41,7 %

Três – 16,7 %

Quatro – 8,3 %

Cinco – 8,3 %

Número de pessoas que vivem da renda da família:

Duas – 8,3 %

Três – 25 %

Quatro – 16,7 %

Cinco – 41,7 %

Seis – 8,3 %

Oito – 8,3 %

ANEXO 3 – CADERNO DE FOTOS

As fotos a seguir foram tiradas no campo central, com o campeonato na fase de semifinais – quando a disputa travada entre os árbitros está mais acirrada, como relatei nesse trabalho. Também foram tiradas no campeonato seguinte ao que etnografei, donde os árbitros Manoel e Adailton – retratados na figura 6 – estarem conversando no vestiário, que não esteve aberto ao longo do campeonato que acompanhei.

Foto 1 - Os árbitros sempre enfrentam reclamações, principalmente nos lances de cartão. É preciso não se deixar levar por elas.



Foto 2 - Os assistentes são essenciais para a condução da partida. Eles alternam momentos de menor movimentação...



Foto 3 – ...com corridas que acompanham o movimento dos jogadores.



Foto 4 – A sintonia entre o árbitro principal e os assistentes também é fundamental para que a arbitragem conduza bem a partida. Principalmente nos jogos decisivos, a comunicação entre eles costuma ser intensa. Na foto abaixo, o assistente Edvar chega a ir até dentro de campo, com o jogo parado, para trocar informações com o árbitro Bingola.



Foto 5 – Os árbitros também formam um time. Entram e saem de campo juntos. Fora dele também estão sempre reunidos.



Foto 6 – O intervalo entre os jogos é o momento em que comentam sobre o jogo, trocam dicas e também conversam sobre seus colegas e as intrigas existentes no grupo.



Foto 7 – Sinal da cruz antes de entrar em campo.



Foto 8 – O árbitro às vezes precisa fugir dos locais em que há perigo para ele.



Foto 9 – O goleiro pressiona o árbitro em relação ao tempo de jogo, enquanto um jogador caído aguarda atendimento. Nesses jogos mais acirrados os árbitros evitam ao máximo dar acréscimos, pois quanto mais tempo de jogo maior o risco de confusão. Os jogadores então, se for de seu interesse, exigem ver o relógio do árbitro para garantir que ele não manipule o tempo.

